

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS (DOUTORADO)

KELLY LUCIANA BUENO

**ÉTICA ANIMAL, CANIBALISMO E VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL EM *CADÁVER
EXQUISITO*, DE AGUSTINA BAZTERRICA.**

MARINGÁ, 2026

KELLY LUCIANA BUENO

ÉTICA ANIMAL, CANIBALISMO E VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL EM *CADÁVER EXQUISITO*, DE AGUSTINA BAZTERRICA.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de doutora, na área de Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura e Construção de Identidade.

Orientadora: Professora Dr^a Evely Vânia Libanori.

MARINGÁ, 2026

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

B928e

Bueno, Kelly Luciana

Ética animal, canibalismo e violência institucional em Cadáver exquisito, de Agustina Bazterrica / Kelly Luciana Bueno. -- Maringá, PR, 2026.
143 f.

Orientadora: Profa. Dra. Evely Vânia Libanori.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2026.

1. Bazterrica, Agustina, 1974-. Cadáver exquisito. 2. Especismo. 3. Ética animal . 4. Canibalismo. 5. Distopia . I. Libanori, Evely Vânia, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 801.95

KELLY LUCIANA BUENO

**“CADÁVER EXQUISITO, DE AGUSTINA
BAZTERRICA: AGORA COMER CARNE HUMANA É ÉTICO?”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Letras Doutorado, da Universidade Estadual
de Maringá, como requisito parcial para obtenção
do grau de Doutora em Letras, área de
concentração: **Estudos Literários.**

Aprovada em Maringá, **15 de dezembro de 2025.**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **EVELY VANIA LIBANORI**
Data: 16/12/2025 18:59:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Evely Vânia Libanori
Presidente - Orientadora (UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente
 **MARCELE AIRES FRANCESCHINI**
Data: 18/12/2025 08:31:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Marcele Aires Franceschini
Membro Titular (UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente
 **FABRICIO CESAR DE AGUIAR**
Data: 17/12/2025 18:28:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fabrício César de Aguiar
Membro Titular (UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIO REDIVER GUIZZO**
Data: 17/12/2025 08:54:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Antonio Rediver Guizzo
Membro Externo (UNILA - Foz do Iguaçu)

Documento assinado digitalmente
 **JACKSON JOSE PAGANI**
Data: 17/12/2025 21:17:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jackson José Pagani
Membro Titular Externo (Centro Universitário
Leonardo da Vinci)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho pode até parecer uma realização individual, mas para que ele existisse, muitos foram essenciais. Sobretudo Ele, o Deus que me guia sempre.

Quero agradecer aos meus pais. A vida foi dura, e eles não tiveram a oportunidade de estudar, mas sempre fizeram de tudo para que eu tivesse todas as chances.

Agradeço ao Lucas, meu amor, que esteve comigo desde o início da graduação em Letras. O seu apoio foi essencial até aqui. Essa conquista também é sua!

Não poderia deixar de agradecer ao meu cachorro, Zami. Enquanto escrevo este agradecimento, ele está sentado aqui aos meus pés, como esteve durante todo o processo de escrita. Obrigada por me escolher como sua humana.

À minha orientadora, Professora Doutora Evelyn Libanori, por ter acreditado em mim e nesta pesquisa. Admiro profundamente a forma como você fala, trata e respeita os animais, isso me inspirou em todos os momentos.

Quero agradecer ao Professor Doutor Antonio Rediver Guizzo, que, em 2018, incentivou uma caloura de Letras a iniciar sua jornada na pesquisa científica e a acreditar na aprovação no mestrado. Agradeço por ter me apresentado *Cadáver Exquisito*, por ter me acompanhado e orientado durante a dissertação e, agora, por fazer parte de mais um importante momento acadêmico da minha vida. Minha eterna gratidão.

Agradeço à Professora Doutora Marcele Aires Franceschini por todos os ensinamentos durante a disciplina e por ter aceitado o convite para participar da minha banca. Você é luz.

Agradeço também aos demais membros da banca por gentilmente aceitarem o convite em fazer parte da Banca e contribuírem com a construção desse trabalho: Professor Doutor Fabrício César de Aguiar e Professor Doutor Jackson José Pagani, obrigada!

Agradeço à Secretaria do Programa (PLE), aos professores e colegas pela parceria nessa jornada.

Agradeço à CAPES, que concedeu a bolsa que foi imprescindível para que essa pesquisa fosse finalizada.

Não importa o quanto agradeço, nunca será suficiente.

À minha mãe, que me ensinou as primeiras palavras.

Ao meu pai, que me ensinou que o silêncio também é verbo.

Ao meu amor, que pouco entende de literatura, mas que, por ironia, é quem melhor me lê.

RESUMO

A maneira como os seres humanos tratam os animais não humanos não deve ser compreendida de forma isolada, mas sim como reflexo dos valores e princípios que, historicamente, têm moldado a nossa sociedade. Concepções teológicas e filosóficas afirmaram a ideia de que os animais não humanos existem para servir aos interesses humanos, reforçada por pensamentos que os consideram seres sem alma, consciência e sensibilidade. Essa visão reduziu os animais a meros objetos funcionais, aptos à exploração sem qualquer consideração moral, consolidando o paradigma especista, ou seja, a crença de que a espécie humana é superior às demais e, portanto, tem o direito de explorá-las. Felizmente, a partir do final do século XX, começaram a emergir correntes filosóficas e éticas que contestam essa hierarquia e questionam profundamente o especismo. Essas vozes abrem caminho para uma nova compreensão da relação entre humanos e animais, baseada no respeito, na compaixão e no reconhecimento da dignidade das demais formas de vida. *Cadáver Exquisito* (2017), da escritora argentina Agustina Bazterrica, apresenta, por meio de uma narrativa distópica, uma potente possibilidade de análise da condição dos animais em nossa sociedade. A obra, situada em um cenário distópico, retrata um mundo onde um vírus misterioso extermina os animais e leva os humanos a legalizarem o consumo de carne humana. A narrativa projeta uma sociedade que, diante da impossibilidade de consumir carne animal, naturaliza o canibalismo, revelando os limites da ética, da compaixão e da própria humanidade. O estudo parte da premissa de que a literatura é um espaço de experimentação estética e ética, capaz de provocar deslocamentos de pensamento e questionamentos profundos sobre a realidade. Ao imaginar um mundo no qual corpos humanos passam a ocupar os espaços tradicionalmente destinados aos animais não humanos, como os matadouros, os currais e os frigoríficos, a obra escancara a lógica de exploração e objetificação à qual os animais não humanos são submetidos cotidianamente. Destaca-se, ainda, a conexão entre fêmeas humanas e não humanas, ambas tratadas como objetos reprodutivos e consumíveis. Assim, por meio da análise interpretativa, busca-se compreender as estruturas de dominação e exploração que permeiam essas relações, evidenciando as conexões entre opressão de gênero, especismo, o mal banalizado e práticas sociais violentas tanto na obra quanto em nossa sociedade. Organizada em quatro capítulos, a pesquisa aborda inicialmente a história da relação entre humanos e animais não humanos, apresentando as principais correntes éticas que sustentam tanto a visão especista quanto as perspectivas abolicionistas. Em seguida, investiga-se como o romance tensiona a moralidade do consumo de carne ao imaginar a legalização do canibalismo, revelando as estratégias de normalização, controle e manipulação que legitimam essa prática. O terceiro capítulo analisa o processo de banalização do mal presente na narrativa, explorando como a violência extrema se torna aceitável por meio de seu enquadramento institucional. Já o quarto capítulo se debruça sobre a condição das fêmeas humanas e não humanas, discutindo como a obra entrelaça a exploração dos corpos femininos com a objetificação da natureza, evidenciando as interseções entre machismo, especismo e capitalismo. Para alcançar tais objetivos, a metodologia adotada é a exposição e análise da obra em destaque, sob argumentos e teorias desenvolvidas por autores como Carol Adams (2018), Hannah Arendt (2010), Peter Singer (2010), Sônia T. Felipe (2012), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE Agustina Bazterrica. *Cadáver Exquisito*. Distopia. Especismo. Ética animal.

ABSTRACT

The way human beings treat non-human animals should not be understood in isolation, but rather as a reflection of the values and principles that have historically shaped our society. Theological and philosophical conceptions have asserted the idea that non-human animals exist to serve human interests, a notion reinforced by beliefs that regard them as beings without soul, consciousness, or sensitivity. This perspective has reduced non-human animal to mere functional objects, suitable for exploitation without any moral consideration, thereby consolidating the speciesist paradigm, that is, the belief that the human species is superior to all others and therefore entitled to exploit them. Fortunately, since the late twentieth century, philosophical and ethical movements have emerged that challenge this hierarchy and profoundly question speciesism. These voices pave the way for a new understanding of the relationship between humans and non-human animals based on respect, compassion, and the recognition of the dignity of other forms of life. *Tender is the flesh* (2017), by the Argentine writer Agustina Bazterrica, presents, through a dystopian narrative, a powerful possibility for analyzing the condition of non-human animals in our society. The novel, set in a dystopian scenario, depicts a world where a mysterious virus exterminates non-human animals and leads humans to legalize the consumption of human flesh. The narrative projects a society that, faced with the impossibility of consuming animal meat, normalizes cannibalism, exposing the limits of ethics, compassion, and humanity itself. This study is based on the premise that literature is a space for aesthetic and ethical experimentation, capable of provoking shifts in thought and deep questioning of reality. By imagining a world in which human bodies occupy spaces traditionally reserved for non-human animals—such as slaughterhouses, pens, and meatpacking plants—the work exposes the logic of exploitation and objectification to which non-human animals are daily subjected. It also highlights the connection between human and non-human females, both treated as reproductive and consumable objects. Through interpretative analysis, the study seeks to understand the structures of domination and exploitation that permeate these relationships, revealing the connections between gender oppression, speciesism, the normalization of evil, and violent social practices, both in the novel and in contemporary society. Organized into four chapters, the research initially discusses the historical relationship between humans and non-human animals, presenting the main ethical frameworks that support both the speciesist perspective and abolitionist approaches. It then examines how the novel challenges the morality of meat consumption by imagining the legalization of cannibalism, revealing the strategies of normalization, control, and manipulation that legitimize such practices. The third chapter analyzes the process of banalization of evil present in the narrative, exploring how extreme violence becomes acceptable through institutional framing. The fourth chapter focuses on the condition of human and non-human females, discussing how the novel intertwines the exploitation of female bodies with the objectification of nature, highlighting the intersections among sexism, speciesism, and capitalism. To achieve these objectives, the methodology adopted involves the exposition and analysis of the selected work, supported by arguments and theories developed by authors such as Carol Adams (2018), Hannah Arendt (2010), Peter Singer (2010), Sônia T. Felipe (2012), among others.

KEYWORDS: Agustina Bazterrica. *Tender Is the Flesh*. Dystopia. Speciesism. Animal Ethics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. HISTÓRIA DA RELAÇÃO DOS SERES HUMANOS COM OS ANIMAIS NÃO HUMANOS	14
1.1 Ética especista	14
1.2 Ética abolicionista	25
2. A MORALIDADE DE SE COMER CARNE	42
2.1 Não é canibalismo, é um processo de Transição	43
2.2 Pessoas não se comem, se comem “produtos”, “cabeças”	63
3. O MAL BANALIZADO	79
3.1 A violência como parte do cotidiano e o mal banalizado	79
3.2 A sensação de estranhamento do leitor	89
4. AS FÊMEAS HUMANAS E NÃO HUMANAS	98
4.1 Exploração além da carne: a violência contra os corpos femininos	98
4.2 Conexões entre opressões: gênero e espécie	108
4.3 A representação das fêmeas humanas	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132

INTRODUÇÃO

A literatura pode ser entendida como experiência de pensamento, de exposição artística de modos de ver o mundo. Assim, a linguagem literária pode também ser espaço de ambiguidade, resistência e formação sensível da personalidade, como bem descreveu Antonio Candido (2023) em seu clássico livro *Literatura e Sociedade*. O que move este trabalho é a tentativa de pensar, por meio da interpretação, as potências do literário: seus modos de dizer o mundo, de interpelar o sujeito, de desfazer certezas. Isso porque o *corpus* escolhido para interpretação desestabiliza as noções comuns, o mundo como o conhecemos e propõe uma espécie de “mundo às avessas”.

O objetivo deste trabalho é analisar a relação moral da nossa cultura com os animais não humanos, a partir da interpretação do romance *Cadáver Exquisito*, da escritora argentina Agustina Bazterrica (1974-), publicado em 2017, obra que recebeu o prêmio Clarín de Novela no mesmo ano, e o prêmio *Ladies of Horror Fiction* em 2020. A escrita de Agustina Bazterrica combina a crueza da distopia com a sofisticação estética de uma prosa rigorosa e cortante. Sua literatura constrói mundos onde o insuportável se revela com nitidez formal e ética ambígua, tensionando o leitor com imagens de violência naturalizada, silêncios estruturantes e subjetividades em ruína. Interpretar Bazterrica implica entrar em contato com uma linguagem que desestabiliza e convoca à reflexão. E não apenas por aquilo que diz, mas pela forma como cala, escava, corta.

No romance, em um tempo não cronologicamente marcado, os animais não humanos do mundo todo são atacados por um vírus misterioso que os faz definhar e morrer. Esse vírus também é transmissível para humanos e supostamente letal para eles. Nenhum animal não humano poderia mais ser comido. Diante da impossibilidade do consumo de carnes, trabalhos científicos são publicados ensinando a população a suprir a falta de proteína; entretanto, outros estudos afirmam que a proteína vegetal seria insuficiente para a sobrevivência humana. O governo se vê pressionado pela indústria milionária da pecuária, que está sem funcionamento, enquanto a população entra em histeria coletiva pelo medo da própria extinção. As pessoas demonstram medo em adotar uma alimentação sem carnes e, então, os primeiros casos de canibalismo são relatados. Imigrantes,

marginais e pobres começam a desaparecer em massa. Instaure-se a ideia de que carne é carne, não importa de onde venha. Diante do contexto social caótico, o governo decide legalizar a reprodução, criação e comércio de carne humana.

Assim, corpos humanos passam a ser criados com a finalidade única de serem devorados. Homens e mulheres destinados à comida passam a ser chamados de “cabeças” ou “produtos” e têm vida idêntica à vida que têm os animais não humanos na indústria da pecuária. No romance, as leis mudam, os galpões, matadouros, frigoríficos se adaptam e começa a criação de seres humanos para atender a massiva demanda de carne. Os protestos contra a prática de comer carne humana, pouco a pouco, são silenciados. Com o tempo, ninguém mais se escandaliza: comer carne humana se torna moral. Não por convicção ética, mas porque os corpos já não são mais reconhecidos como humanos. É esse o gesto frio e cortante de Bazterrica: fazer da linguagem um dispositivo de morte e mostrar o verdadeiro horror por meio da normalização da crueldade.

Como é próprio da distopia, o romance de Bazterrica representa medos sociais que já se insinuam no tecido da realidade. Seu projeto literário parte da premissa de que a distopia não inventa o horror: apenas o organiza e o projeta até o limite de sua naturalização. Em *Cadáver Exquisito* (2017), o que se configura é a radicalização de uma ética do afastamento, uma moralidade rebaixada a tal ponto que o outro, sobretudo o outro corpo, pode ser tranquilamente transformado em mercadoria. O medo de que os vínculos éticos se dissolvam é levado ao extremo, e a própria linguagem da narrativa adere a essa lógica: fria, exata, quase burocrática. O estilo de Bazterrica é cortante e limpo, sem adornos, como se sua prosa performasse a assepsia de um mundo que naturaliza a barbárie. A violência não é anunciada com espanto, mas é descrita com precisão técnica e institucional. Esse efeito de distanciamento intensifica o incômodo: o horror não está apenas nas imagens explícitas, mas na legitimação com que são tratadas. Nesse sentido, a autora não apenas narra uma distopia, como também tensiona os próprios limites da representação, obrigando o leitor a habitar, com desconforto, uma linguagem que já assimilou o inaceitável.

A justificativa para a realização desse trabalho pode ser apresentada por duas razões principais. A primeira delas é mostrar que a degradação do meio ambiente e a exploração dos animais não humanos só traz desgraça para as outras espécies e para a nossa. O ser humano precisa, urgentemente, repensar suas

atitudes para com as outras formas de vida, principalmente para com os animais não humanos. O romance *Cadáver Exquisito* (2017) de Agustina Bazterrica ganha relevância ao dialogar diretamente com os acontecimentos de 2020, quando a pandemia de Covid-19 foi um aviso claro de que, se as ações persistirem, novas crises globais serão inevitáveis. Em vez de assumirem a responsabilidade pelos impactos ambientais causados, os seres humanos recorreram à culpa e à violência contra outras espécies. Desde o início, a propagação da Covid-19 revelou a tensão entre diferentes fronteiras: humanos e animais não humanos; animais não humanos domesticados e selvagens; vírus e humanos. Diante de um vírus ainda em processo de compreensão pelos profissionais de saúde e autoridades, para que medidas necessárias à segurança da população pudessem ser implementadas, hipóteses e notícias incompletas se espalharam, intensificando essas fronteiras.

Cadáver exquisito (2017) estabelece um diálogo com o contexto contemporâneo das pandemias, uma vez que é o surgimento de um vírus que transforma profundamente a relação entre animais humanos e animais não humanos. Na narrativa, as práticas historicamente aplicadas aos animais não humanos considerados “comestíveis” passam a incidir sobre os corpos humanos. Com a extinção dos animais não humanos em decorrência do vírus, os humanos ocupam o lugar que antes lhes era destinado no sistema produtivo e alimentar. Desse modo, a ética e a compaixão tradicionalmente atribuídas aos animais não humanos consumidos são deslocadas, no romance, para os próprios humanos. Ao propor essa inversão, Bazterrica convida à reflexão sobre como teria sido a pandemia de covid-19 caso tivesse assumido tal configuração, com um vírus responsável pela morte de todos os animais não humanos.

A segunda justificativa para a realização deste trabalho é pessoal, íntima e dolorosa. A realidade cruel por trás dos alimentos de origem animal não é conhecida por mim somente por meio dos textos da ética animal, mas algumas delas foram vivenciadas. Por muitos anos, a minha educação, alimentação e vestuário vieram do sofrimento desses animais. Meu pai sempre trabalhou com a suinocultura e eu o ajudava. Algumas das descrições trazidas por Peter Singer são, para mim, memórias. Eu segurava os pequenos leitões enquanto eles gritavam e meu pai cortava seus dentinhos, orelhas e rabo. Eu via as porcas entediadas e agoniadas por ficarem em um local pequeno e apertado à espera do parto. Eu via as marcas de canetão vermelho nas porcas velhas que entrariam no próximo caminhão para

virarem linguiça. Eu lembro, nitidamente, das anotações do meu pai em seu caderno, o controle de quantos leitões cada porca produzia em cada parto. A máquina de produzir leitões, como diz Peter Singer...

Mas aquela pequena menininha não tinha nenhuma reflexão, porque todos em volta dela afirmavam que aquilo era normal, natural. Quando a época do Natal chegava, eu me escondia no meu quarto até que o grito do porco parasse, e então eu sabia que o meu pai tinha terminado de matá-lo. Quando eu saía para o quintal, aquele porquinho que eu tinha visto crescer em uma baia separada e que eu alimentava todos os dias estava fragmentado, irreconhecível. Quando o torresmo ficava pronto, eu comia tranquilamente. Eu era muito religiosa e minha mãe sempre me disse que Deus nos deu os animais para consumo. E assim a menininha cresceu, até que no final de 2018 um professor me apresentou *Cadáver Exquisito*. O livro, com todas as portas que abriu, transformou-me profundamente e ainda segue me transformando.

Diante disso, o que pretendemos investigar no romance é a forma como a sociedade se expressa em termos sociais e morais. Até que ponto se pode inferiorizar o outro, tornando-o apenas um corpo à venda, que pode ser tratado como tratamos os animais não humanos? As tragédias ecológicas e morais podem pôr em risco a segurança de nossos corpos? Quem são os animais não humanos para nós? Quem somos nós para eles? Em responder a essas reflexões consiste esta tese, que está organizada em quatro capítulos, cada um abordando uma dimensão específica desse tema.

Importante ressaltar que tomou-se a decisão de trabalhar com a obra no original, em espanhol, mesmo existindo a tradução para o português, publicada em 2022 sob o título *Saboroso Cadáver*. Desde 2018, a pesquisa tem se desenvolvido a partir da versão original, e optou-se por mantê-la. Tendo domínio da língua espanhola, considera-se que o texto original permite uma análise mais fiel quanto à linguagem escolhida por Bazterrica, elemento essencial para a compreensão e interpretação da obra em todo o trabalho.

No primeiro capítulo, “A história da relação dos seres humanos com os animais não humanos” o foco consiste em como as visões éticas sobre essa relação têm se transformado ao longo do tempo. Para tanto, são abordadas as teorias e argumentos que sustentam a perspectiva especista, fundamentando a ideia de uma superioridade humana sobre outras espécies. Em contraponto, são discutidas as

correntes abolicionistas que defendem uma revisão profunda do status moral dos animais não humanos, propondo uma ética que reconheça o valor intrínseco das vidas não humanas.

No segundo capítulo, “A moralidade de se comer carne”, investigaremos de que maneira a obra retrata a transformação do canibalismo em uma prática socialmente aceita. Ao apresentar uma sociedade que o legalizou, Agustina Bazterrica evidencia os processos e justificativas que tornam possível sua legitimação. Mais do que entender os motivos específicos, a obra levanta uma questão fundamental: como a sociedade é capaz de normalizar e sustentar o consumo da carne humana? Com o objetivo de refletir sobre essa pergunta, o segundo capítulo examina os argumentos e mecanismos empregados pelas autoridades na narrativa para sustentar o canibalismo, revelando as estratégias de controle e manipulação que permitiram a institucionalização desse costume.

No terceiro capítulo, nomeado de “O mal banalizado”, abordaremos a banalização do horror, ou seja, como é possível transformar em algo natural a criação, aprisionamento e consumo de seres humanos. Vamos analisar como o processo de normalização e aceitação gradual pode fazer a sociedade integrar essas ações de violência extrema como se fossem parte do funcionamento regular da vida, permitindo que o inacreditável se torne aceitável.

No quarto capítulo, “As fêmeas humanas e não humanas”, a análise se volta à condição da mulher e, conseqüentemente, da fêmea, destacando como *Cadáver Exquisito* relaciona a opressão das mulheres à exploração da natureza. A obra evidencia a objetificação dos corpos femininos em uma sociedade que trata tanto mulheres quanto natureza como recursos a serem explorados. A partir dessa perspectiva, o capítulo examina a maneira como a narrativa expõe as intersecções entre o domínio sobre a natureza e a violência contra as mulheres.

Esse estudo mostra uma sociedade capitalista, especista, machista e violenta e que de tudo faz para manter-se assim. Toda baixaria moral contra outro ser humano é permitida, até mesmo comê-lo em partes, vivo. Atitude que, por enquanto, só é aceitável que se realize com animais não humanos.

1. HISTÓRIA DA RELAÇÃO DOS SERES HUMANOS COM OS ANIMAIS NÃO HUMANOS

Este capítulo realiza um percurso que desvenda a relação ética entre animais humanos e animais não humanos, com o intuito de compreender as diferentes percepções, práticas e interpretações que têm estruturado essa relação ao longo do tempo. No subcapítulo intitulado “Ética especista”, estão reunidas as principais teorias e pensamentos que contribuíram para a consolidação da ideia de superioridade humana em relação aos animais não humanos. Já no subcapítulo “Ética abolicionista”, estão os autores e pesquisadores que discutem a necessidade de uma reconsideração moral do estatuto dos animais não humanos.

1.1 Ética especista

Cada ato de dominação dos seres humanos em relação aos animais não deve ser analisado isoladamente, mas sim como uma manifestação dos valores que têm moldado a nossa sociedade ao longo dos anos. A intenção deste subcapítulo é oferecer um panorama da complexa relação entre animais humanos e animais não humanos. Na nossa sociedade, os interesses dos animais não humanos são constantemente desconsiderados em prol dos benefícios humanos, levando à legitimação moral do uso e abuso de seus corpos para atender às necessidades da nossa espécie. No ocidente¹, as atitudes morais para com os animais têm raízes em três principais tradições: o judaísmo, a antiguidade grega e, posteriormente, o cristianismo. Por essa razão, serão analisados momentos importantes dessas tradições para compreender como essas diferentes correntes de pensamento formaram e consolidaram os costumes e práticas que implicam o uso, exploração e a morte de animais não humanos.

Considerando que, na cosmovisão ocidental e eurocêntrica, o judaísmo é uma das religiões mais antigas e influentes do mundo, com origens no Oriente Médio há cerca de três mil anos, é possível perceber sua profunda influência na

¹No Oriente, o budismo Mahayana e o jainismo, por exemplo, defendem o vegetarianismo como expressão da compaixão e da não violência (*ahimsa*); já no sikhismo e no taoismo, embora o consumo de carne não seja estritamente proibido, a moderação e o respeito à vida são princípios centrais. Esse contraste evidencia que a alimentação está profundamente ligada a valores éticos e espirituais, e não apenas a necessidades biológicas (Caruana, 2020).

dinâmica entre animais humanos e não humanos até os dias de hoje. Por isso, esta análise começa com a exploração do mito bíblico da criação do universo, já que ele reflete aspectos fundamentais dessa relação.

Os seguidores do judaísmo creem em um Deus único e todo-poderoso, cujos ensinamentos estão contidos na *Bíblia Hebraica (Tanakh)* que atua como guia moral e espiritual. Na tradição judaica — posteriormente compartilhada pelo cristianismo — o mito da criação do mundo é narrado nas primeiras páginas do livro de Gênesis:

26. Então Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra”.

[...]

28. Deus os abençoou: “Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.” (Bíblia, Gênesis 1:26-28).

Para os fiéis, judeus e cristãos, a Bíblia é considerada uma fonte de orientação moral e espiritual, um livro de sabedoria e verdade. Na passagem em questão, dois verbos chamam a atenção: submeter e dominar. Esses verbos têm sido acusados de legitimar e justificar a apropriação desenfreada e destrutiva da natureza. O livro de Gênesis exerce até hoje um papel significativo na consolidação da visão antropocêntrica que coloca a humanidade no topo da hierarquia da criação, enfatizando a superioridade da espécie humana e atribuindo-lhe a “tarefa” de governar, controlar e subjugar outras espécies.

Nos últimos anos, os estudos dedicados ao livro de Gênesis têm destacado que os verbos “submeter” e “dominar”, presentes no primeiro capítulo, têm sido interpretados e/ou traduzidos de maneira equivocada. Algumas pesquisas revelam que leituras desatentas às diversas nuances da semântica sustentam, erroneamente, posturas e práticas prejudiciais à natureza e aos animais não humanos (Silva, 2020). Ainda que esses estudos indiquem a necessidade de uma nova interpretação de passagens bíblicas, isso não altera o fato de que essas palavras têm sido utilizadas como justificativa para uma visão antropocêntrica e especista que promove a exploração irresponsável das outras espécies.

A narrativa do mito da criação do mundo é frequentemente interpretada como uma das primeiras ordens divinas que concede aos seres humanos o poder de oprimir e matar. Além do excerto visto anteriormente, outras passagens bíblicas

reforçam essa instrução. Ainda em Gênesis (3, 1-32), por exemplo, quando Eva e Adão estão no Jardim do Éden, um lugar de perfeita paz e harmonia, ocorre a queda do ser humano e o surgimento do pecado, no qual a culpa recai sobre uma mulher — Eva — e um animal não humano — a serpente.

Posteriormente, diante da maldade humana que já havia se espalhado, os textos bíblicos narram a história do dilúvio enviado por Deus para destruir a terra, salvando apenas a Noé, sua família e alguns animais não humanos. Quando Noé saiu da arca após o dilúvio que devastou a humanidade, Deus lhe disse:

Sede o medo e o pavor de todos os animais da terra e de todas as aves do céu, como de tudo o que se move na terra e de todos os peixes do mar: eles são entregues nas vossas mãos. Tudo o que se move e possui vida vos servirá de alimento, tudo isso eu vos dou, como vos dei a verdura das plantas (Bíblia, Gênesis, 9: 2-3).

Nessa passagem, Deus oferece a Noé e toda sua descendência a permissão para utilizar animais não humanos como alimento. Conforme apontam os pesquisadores Grade, Bueno e Guizzo (2020), nos textos bíblicos de um lado está o homem, criado à imagem e semelhança de Deus; do outro, a natureza e tudo o que nela habita. Ao ser humano é concedida uma posição superior, enquanto aos animais não humanos resta apenas um papel: serem dominados. No Antigo Testamento, em passagens do Levítico, há informações sobre o sacrifício de um animal não humano sem mácula para que fosse aceitável para Deus: “Quem, pois, matar um animal restitui-lo-á, mas, quem matar um homem, será morto” (Bíblia, Levítico, 25:21). Há, ainda, explicações de que se alguém pecasse, deveria confessar o pecado e oferecer um animal não humano como sacrifício para tirar a culpa: “Se o sacerdote ungido pecar para escândalo do povo, oferecerá pelo seu pecado, que pecou, um novilho sem mancha, ao Senhor, por expiação do pecado” (Bíblia, Levítico, 4:3).

Ao longo dos séculos, a tradição judaica tem sido usada para justificar o uso dos animais não humanos em diferentes práticas humanas. Os fiéis se fundamentam nos textos bíblicos e consideram suas ações aceitáveis, argumentando que Deus concedeu aos humanos o controle sobre toda a criação; portanto, o uso dos animais não humanos em benefício humano seria um reflexo dessa autoridade divina. Isso demonstra que nossa relação com outras espécies é uma questão ética e moral construída socialmente, a partir de valores coletivos que orientam as interações entre animais humanos e não humanos. Os textos citados

evidenciam a posição fundamental dos antigos escritos hebraicos em relação aos animais não humanos. Apesar da antiguidade do livro de Gênesis, esse texto continua a ser mobilizado como um instrumento religioso de forte impacto na construção de valores morais.

Apesar do forte papel exercido pela Bíblia Sagrada, a visão antropocêntrica da nossa sociedade não foi exclusivamente moldada por textos religiosos. Na Grécia Antiga, diversos pensadores também contribuíram com valores sociais e morais que consolidaram essa perspectiva antropocêntrica e especista. Dentre eles, Aristóteles (384 a.C — 322 a.C) foi uma das principais autoridades na formação moral do Ocidente, e sua fase da filosofia, conhecida como aristotélica, é apontada por muitos como outro marco da consolidação da visão antropocêntrica. Em sua obra *Ética a Nicômaco* (350 a.C — 1991), Aristóteles oferece uma profunda análise sobre a virtude e discute temas como felicidade, natureza humana, justiça e moralidade. Nesse processo, o filósofo coloca o ser humano como hierarquicamente acima de plantas e animais não humanos.

O filósofo fundamenta sua defesa da hierarquia com base na complexidade dos seres, destacando a existência de três formas de atividade distribuídas entre plantas, animais não humanos e animais humanos. A vida, envolvendo nutrição e crescimento, é uma atividade comum a essas três categorias; porém a percepção, como a capacidade de expressar a dor, por exemplo, seria, segundo ele, uma atividade compartilhada apenas por animais humanos e não humanos. Aristóteles reconhece que a terceira forma de atividade, a racionalidade, pode ser encontrada tanto em animais humanos quanto em animais não humanos. Contudo, a racionalidade matemática que permite ao ser humano a autodeterminação e a projeção do futuro, por exemplo, não é encontrada nos animais não humanos. Dentro dessa estrutura proposta pelo pensador, plantas, animais humanos e animais não humanos ocupam posições hierárquicas baseadas em sua complexidade, sendo os animais humanos considerados os mais complexos e, portanto, colocados no topo da classificação de consideração moral (Aristóteles, 1991).

Além da complexidade dos seres, Aristóteles também utiliza outro alicerce para reforçar os seus argumentos sobre a posição superior do ser humano. Segundo ele, a natureza tem uma finalidade e, por essa razão, organiza-se de forma racional. Em outras palavras, na metafísica aristotélica, o que é considerado

imperfeito age em função do que é perfeito. Em sua obra *Política* (350 a. C – 1998), ele explora como a natureza “não faz nada ao desbarato” (Aristóteles, 1998, p. 55), usando essa justificativa para a autoridade concedida ao ser humano, pois para ele os seres considerados inferiores existem para servir àqueles que detêm a razão, ou seja, a humanidade. Ora, se a natureza não age sem um propósito, e somente ao ser humano foi concedido o poder da palavra (*logos*), para Aristóteles todos os seres — animais não humanos e plantas — foram criados em “função do homem” (Aristóteles, 1998, p. 75).

Os argumentos aristotélicos fortalecem a ideia da singularidade humana em relação às outras espécies. Essa concepção tem exercido uma forte influência na tradição moral de nossa sociedade, moldando amplamente nosso estatuto moral em relação a todas as outras formas de vida. A visão aristotélica desempenhou um papel significativo na consolidação da superioridade humana, uma ideia que tem sido questionada por abordagens éticas contemporâneas que defendem os direitos dos animais.

As atitudes humanas para com os animais não humanos possuem raízes na tradição judaica e na antiguidade grega. Posteriormente, essas ideias se uniram ao cristianismo, fundado no Império Romano, e se espalharam por toda a Europa. A religião cristã trouxe consigo a noção da tradição judaica da imortalidade da alma humana, concedendo somente aos humanos — dentre todos os seres vivos existentes na Terra — a noção de vida sagrada. Os animais não humanos, no entanto, encontram-se em segundo plano nessa esfera da compaixão, confirmando e acentuando a posição inferior que já ocupavam.

Com a expansão do cristianismo ao redor do mundo, surgiram nomes importantes que se dedicaram a debater e a espalhar os ensinamentos cristãos. Dentre eles, podemos destacar a figura de São Tomás de Aquino (1225-1274), um teólogo, filósofo e frade católico que fundamentava suas crenças no cristianismo e nos ensinamentos deixados por Aristóteles. Em sua principal obra, *Suma Teológica*, publicada postumamente em 1485, São Tomás abordou temas como a natureza humana, a moralidade e a ética. O teólogo enfatizava a diferença entre animais humanos e não humanos, evidenciando a incapacidade dos animais não humanos de pensar ou raciocinar da mesma forma que os animais humanos, tornando-os incapazes de compreender conceitos abstratos como moral e justiça.

Apesar de São Tomás acreditar no propósito divino dos animais, ele defendia que a sujeição dos animais ao ser humano era natural por três razões:

Primeiro, do processo mesmo da natureza. Pois, como na geração das coisas manifesta-se uma certa ordem, pela qual se sobe do imperfeito ao perfeito, sendo assim a matéria por causa da forma; e uma forma mais imperfeita por causa de outra mais perfeita, assim o mesmo se dá com o uso dos seres naturais. Pois os seres mais imperfeitos servem ao uso dos mais perfeitos; assim, as plantas tiram da terra a sua nutrição, os animais, das plantas; o homem; enfim, das plantas e dos animais. Por isso que a caça dos animais silvestres é justa e natural, porque, por ela, o homem reivindica para si o que é naturalmente seu. Segundo, da ordem da divina providência, que sempre governa as coisas superiores pelas inferiores. Por onde, sendo o homem superior a todos os animais, como feito à imagem de Deus, é racional que eles estejam sujeitos ao domínio. Terceiro, da propriedade dos homens e da dos animais. Pois estes têm, na estimativa natural, uma participação da prudência, para certos atos particulares; enquanto que o homem tem a prudência universal, que é a razão de todas as suas ações. (Aquino, I, q. 96, art. 1, 2005).

As ideias de São Tomás de Aquino em relação aos animais não humanos representaram um avanço para a época em que foram escritas, especialmente quanto à compaixão e à responsabilidade do ser humano em cuidar da criação de Deus. No entanto, é possível observar, a partir de uma perspectiva contemporânea, que sua concepção ainda coloca os animais não humanos em uma posição subordinada ao homem, definindo seu principal propósito como servir à espécie humana. Assim, embora Aquino incentive a compaixão e condene a brutalidade, sua visão reflete uma ética hierárquica que limita o reconhecimento da autonomia e do valor intrínseco dos animais não humanos. Dessa forma, a posição de São Tomás de Aquino reforça a soberania da espécie humana e negligencia os direitos dos animais não humanos sobre a própria vida. Na lógica do pensador, matar e explorar animais não humanos é justificável se tal ato for em benefício humano, mas sem esquecer que é dever da espécie humana protegê-los da dor e sofrimento desnecessários.

Já por volta do século XIV, iniciou-se na Itália o movimento da Renascença, que se espalhou por toda a Europa e marcou um período de intensas mudanças culturais, artísticas e científicas. Nesse contexto, surgiu também o Humanismo, um movimento que colocou o ser humano no centro de todas as coisas, valorizando sua dignidade, liberdade e potencial. O humanismo teve um forte impacto no pensamento ocidental e influenciou muitas áreas do conhecimento, inclusive a ética e a moral.

No contexto do humanismo, a visão sobre os animais não humanos era ambígua. Enquanto alguns humanistas valorizavam a natureza e os animais não humanos por fazerem parte da ordem natural do mundo, como Leonardo da Vinci (1452-1519), outros mantinham a visão de que a natureza e os animais não humanos eram destinados a servir à espécie humana, como o filósofo Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494). O pensador desenvolveu o conceito de dignidade humana em seu famoso *De hominis dignitate oratio* (1486), posteriormente traduzida para o português com o título de *Discurso sobre a dignidade do homem*. Na obra, o autor fala sobre a hierarquia cósmica e a posição especial do ser humano na criação, elogiando a condição humana e afirmando que enquanto os demais seres possuem uma natureza bem definida, como as aves, o voo; aos peixes, o nado; etc., aos humanos foi-lhe concedida uma natureza indefinida, isto é, a liberdade. Diante disso, segundo o autor, “as naturezas outras são pré-definidas e contidas em nossas leis” e, por essa razão, o ser humano colocado “no centro do Universo poderá apreciar tudo que está a sua volta” (Pico Della Mirandola, 2015, p. 62).

Embora o pensador não tenha se debruçado explicitamente no tratamento humano para com os animais não humanos, ao descrever o ser humano como um indivíduo digno de estudo e atenção, o antropocentrismo foi reforçado. Dessa forma, os conceitos sobre animais humanos e não humanos sempre levavam em conta a superioridade humana. O humanismo fortalece a inferiorização dos animais não humanos. Os humanos estão no cerne de todas as preocupações e realizações significativas para a sociedade, enquanto os animais não humanos são, mais uma vez, apenas escravos, objetos, comida.

Um pouco mais tarde, já no século XVII, pode-se questionar: após atingir o ápice da valorização da natureza humana com o humanismo, não seria esse o momento em que a vida dos animais não humanos pudesse ser finalmente moralmente considerada? Infelizmente, um cruel capítulo na opressão animal ainda estava para ser escrito pelo filósofo, matemático e cientista francês René Descartes (1596-1650). Considerado o pai da filosofia moderna, Descartes desenvolveu sua obra guiado por princípios mecanicistas que fortaleceram a noção de superioridade dos seres humanos. Para ele, existiam no mundo dois tipos de coisas: aquelas do espírito ou alma, e coisas de natureza física ou material. Nessa distinção, apenas os

seres humanos possuíam uma alma racional e, portanto, eram considerados superiores.

Em seu livro *Discurso do Método* (1637/1996), especificamente na quinta parte, Descartes explica o modelo mecânico do corpo e apresenta as diferenças entre animais humanos e não humanos. Para o filósofo, mesmo o homem mais imbecil é capaz de expressar seus pensamentos, enquanto um animal não humano, por mais perfeito que seja, é incapaz de fazer o mesmo. O ultimato do autor vem quando ele declara: “E isto não prova somente que os animais têm menos razão, mas que não têm absolutamente nenhuma” (Descartes, 1996, p. 65). O filósofo encerra o capítulo evidenciando a ausência de alma (espírito) nos animais, comparando seus corpos ao funcionamento de um relógio e declarando que

de resto, eu me alonguei um pouco aqui sobre o tema da alma, porque é dos mais importantes; pois, após o erro dos que negam Deus, que penso haver refutado suficientemente mais acima, não há outro que afaste mais os espíritos fracos do caminho reto da virtude do que imaginar que a alma dos animais seja da mesma natureza que a nossa, e que, por conseguinte, nada temos a temer, nem a esperar, depois dessa vida, não mais do que as moscas e as formigas; ao passo que, sabendo-se o quanto diferem, compreende-se muito mais as razões que provam que a nossa é de uma natureza inteiramente independente do corpo e, por conseguinte, que não está de modo algum sujeita a morrer com ele; depois, como não se vêem outras causas que a destruam, somos naturalmente levados a julgar por isso que ela é imortal (Descartes, 1996, p. 66)

A visão mecanicista de Descartes, ao negar aos animais não humanos a capacidade de consciência e, portanto, de sentir sensações como dor e prazer, reforçou a ideia cristã de que apenas seres humanos possuem almas. Essa perspectiva levou à vivisseção e a outras experiências cruéis com animais não humanos a se propagarem por toda a Europa. Sem anestesia ou qualquer sentimento de culpa, uma vez que os animais não humanos eram considerados meras máquinas sem capacidade de sofrimento, muitos deles foram submetidos a crueldades inimagináveis. De modo semelhante, a lógica de inferiorização e desumanização também se aplicava aos povos africanos e indígenas. O professor e pesquisador americano Junius Rodriguez discorre sobre a bula papal *Dum Diversas*, assinada em 18 de junho de 1492 pelo Papa Nicolau V, que concedeu ao Império Português o direito de capturar e escravizar populações africanas, autorizando a “servidão perpétua” aos pagãos, ou não cristãos (Rodriguez, 1997).

Por volta do século XVII, as ideias da tradição judaica, grega e do cristianismo já se encontravam entrelaçadas. A sociedade era moldada por um pensamento antropocêntrico e especista que permanece até os dias de hoje. Apesar das mudanças sociais e dos estudos científicos dedicados aos animais não humanos² essas ideias continuam a favorecer a desconsideração moral desses animais.

Qualquer vegetariano/vegano que necessite expressar sua escolha ética em relação à alimentação para algum cristão, por exemplo, corre o risco de ter os seus argumentos questionados pelo fato de que a natureza e os animais não humanos foram um “presente de Deus” que, inclusive, está registrado na Bíblia. Alguns religiosos também não perdem a oportunidade de mencionar que o próprio Jesus Cristo consumiu peixe, fato que está mencionado em uma passagem bíblica (Lucas 24:41-43) e é utilizado como argumento para defender o consumo de carne e peixe.

Embora o cristianismo não prescreva explicitamente o maltrato aos animais não humanos, suas bases teológicas e sua consolidação histórica como instituição religiosa contribuíram para a manutenção de uma lógica antropocêntrica — e, consequentemente, especista — na qual os animais não humanos permanecem subordinados às necessidades humanas. Assim, mesmo que determinados discursos associados à figura de Jesus enfatizem a não violência, tais princípios não se traduziram, no âmbito institucional do cristianismo, em uma ética que reconheça os animais não humanos como sujeitos de consideração moral.

Felizmente, como será visto no próximo subcapítulo, as décadas finais do século XX trouxeram importantes considerações em defesa dos animais não humanos que afetaram e continuam a afetar o cristianismo até hoje. Por isso, hoje já não é incomum que figuras religiosas discutam a necessidade do consumo de carne ou outras formas de exercer poder sobre um animal não humano, evidenciando que incluí-los no arco da compaixão é um caminho que muitos cristãos estão escolhendo. Isso porque o fato de ser “permitido” que o ser humano reine sobre os animais não humanos não isenta esses seres da dor e do sofrimento.

No caso do catolicismo, um célebre exemplo dessa bondade foi São Francisco de Assis (1182–1226), que representa a imagem de um homem conhecido por amar e proteger os animais, tendo estendido seu amor e compaixão

² (que serão apresentados e debatidos no tópico 1.2).

a outros elementos da natureza, como o sol, a lua, o vento, o fogo, etc. Apesar das divergências encontradas sobre o fato de São Francisco ser ou não vegetariano, é inegável que para a Igreja Católica, e para pessoas de outras religiões, São Francisco de Assis é uma das mais significativas representações cristãs de consciência, amor e respeito aos animais.

Atualmente, o dia 4 de outubro, mesmo dia de sua morte, é mundialmente conhecido como o Dia de São Francisco de Assis, celebrando sua memória e sua influência na valorização da natureza e dos seres vivos. Ironicamente, no ano de 2019, no Brasil, a data recebeu mais um significado; trazendo o sentido oposto do amor aos animais não humanos pregado por São Francisco de Assis. O então presidente da época, Jair Messias Bolsonaro, sancionou a Lei nº 13.922, na qual a data 4 de outubro passa a ser nacionalmente reconhecida também como o Dia Nacional do Rodeio. Dessa forma, 4 de outubro, a data que provoca a reflexão da nossa relação com os animais não humanos é ofuscada pelo Dia do Rodeio, que os associa à instrumentalização, ao seu uso como entretenimento. Na justificativa para a criação da lei, os relatores quiseram estabelecer uma relação entre o Dia dos Animais e o Dia do Rodeio, como se este último fosse uma homenagem.

Quem defende a liberdade e a vida dos animais não humanos sabe que olhar para a data como uma homenagem é uma forma de ignorar o enaltecimento do uso de seus corpos como entretenimento em nosso país. Incluir o Rodeio no calendário oficial do Brasil é fortalecer a realização de um número cada vez maior desses eventos, tudo em troca do entretenimento e da economia. Apoiar rodeios é apoiar também a crença equivocada de que os animais não humanos estão na posição hierárquica que deveriam estar. Nesses eventos, eles são montados, perseguidos, usados e laçados, como forma de reforçar o poder que o ser humano exerce sobre eles.

A diferença no tratamento com os animais não humano ao longo dos anos é visível, mas ainda se encontra distante do mínimo que se pode esperar de seres humanos moralmente sensíveis à ética animal. A Igreja Católica, por exemplo, apesar de ser uma das mais antigas instituições religiosas do mundo, somente em 1988 emitiu uma declaração que forneceu pistas de que o movimento ecológico estava afetando os ensinamentos católicos. O Papa da época, João Paulo II, pediu que seus fiéis tivessem respeito por todos os seres que fazem parte do mundo natural. Para ele,

o domínio conferido ao homem pelo Criador não é um poder absoluto, nem se pode falar de liberdade de ‘usar e abusar’, ou de dispor das coisas como melhor agrada” e, por isso, os homens também estão submetidos a leis morais que não podem ser transgredidas. (Papa João Paulo II, p. 42, 1995).

A declaração do maior líder da Igreja Católica representou, sem dúvidas, uma esperança, pois indicava que as questões da ética animal estavam ganhando espaço e gerando reflexões em diferentes setores da sociedade. No entanto, sabe-se que, apesar do tom positivo da declaração, quase nada mudou. A Igreja Católica mantém seus ensinamentos tradicionais, nos quais os animais não humanos continuam sendo colocados em segundo plano.

No ano de 2013, quando o finado Papa, o argentino Cardeal Jorge Mario Bergoglio, escolheu o nome Francisco em homenagem a São Francisco de Assis, houve uma expectativa por parte dos defensores dos animais não humanos de que, talvez, a partir de então, a Igreja Católica tivesse um posicionamento mais sólido em relação à defesa dos animais. No entanto, de acordo com as principais reportagens da época, a escolha do nome foi justificada pelo fato de o Papa desejar, em primeiro plano, uma igreja pobre e para os pobres, já que São Francisco de Assis é reconhecido na Igreja Católica pela sua simplicidade e dedicação aos mais necessitados. Assim, a escolha do nome demonstrou não ter nenhuma relação direta com os animais não humanos. Recentemente, em maio de 2025, o Cardeal Robert Francis Prevost foi eleito Papa, adotando o nome Leão XIV. Sua escolha homenageia o Papa Leão XIII, conhecido por sua defesa dos direitos dos trabalhadores e por abordar questões sociais. Até o momento, não há registros públicos de que o Papa Leão XIV tenha adotado uma postura específica ou feito declarações diretas sobre a defesa dos animais não humanos.

Em janeiro de 2022, houve um novo pronunciamento da Igreja Católica no que diz respeito aos animais não humanos. Esperava-se que finalmente houvesse um pronunciamento explícito sobre sua condição moral no século XXI. No entanto, na audiência geral que abordou o tema da paternidade e adoção, o Papa Francisco criticou duramente os casais que substituem filhos pelos animais de estimação. Nas palavras dele,

muitos casais não têm filhos porque não querem, ou têm só um porque não querem outros, mas têm dois cães, dois gatos... Pois é, cães e gatos ocupam o lugar dos filhos. Sim, faz rir, entendo, mas é a realidade. E esta negação da paternidade e da maternidade diminui-nos, cancela a nossa humanidade (Papa Francisco, 2022).

Como era de se esperar, a declaração do finado Papa Francisco gerou um debate entre defensores dos direitos animais e membros da Igreja Católica. Para alguns, o Papa está desconsiderando a importância do bem-estar desses animais; para outros, o catolicismo está certo em lembrar seus fiéis da importância da família e da paternidade.

Para o campo da ética animal, a preocupação está na figura central desse pronunciamento, pois, para a maioria dos católicos, o Papa, como principal representante da Igreja Católica, é visto como detentor da verdade absoluta, ou seja, como portador da palavra de Deus. Ao criticar o fato de algumas pessoas destinarem o seu amor a animais não humanos em vez de dedicar a outro ser humano ele está reforçando a crença cristã de que a vida do animal não humano, por mais sagrada que seja, não merece a mesma consideração do que a vida humana. A indicação disso está no fato de que a fala foi rapidamente aceita e reproduzida por fiéis que elaboraram textos e vídeos apoiando a mensagem do Papa, criticando o amor excessivo dado aos animais não humanos e dizendo o quão isso é perigoso, já que “alguns nem comer os animais querem mais por conta dessa situação” (Igreja Betânia, 2022, 1:05). Além disso, muitos argumentaram que amar os animais domésticos de forma excessiva faz com que o amor entre irmãos, ou seja, entre humanos, diminua, como se os animais não humanos oferecessem perigo à humanidade e não o contrário.

Poder-se-ia debruçar sobre os diversos argumentos que surgiram após o pronunciamento do Papa, na maioria deles em favor dos humanos. Mas, debruçar sobre tais argumentos não é frutífero, neste momento. O que quisemos foi trazer, para a pesquisa, as consequências, na prática, do discurso religioso, sobretudo quando se trata de especismo. Para os católicos, a palavra do Papa e os textos bíblicos possuem muita relevância; para os animais não humanos, isso é assustador.

1.2 Ética abolicionista

Anteriormente analisamos como as teorias de filósofos, religiosos e pensadores antigos consolidaram e fortaleceram a posição especista da nossa sociedade. Em alguns momentos da história, a consideração moral dos animais não

humanos nem sequer era uma hipótese, pois a vida animal era destituída de qualquer consideração. Apesar desse cenário desfavorável, surgiram figuras que trouxeram uma perspectiva distinta em relação ao tratamento humano concedido aos animais não humanos. Diversos pesquisadores, sobretudo a partir da década de 70, têm promovido o debate de ideias e realizado críticas aos costumes que impedem a reconsideração moral do estatuto dos animais não humanos. Nesse sentido, este subcapítulo se dedica às teorias e pensadores que buscam a ruptura da ética especista que permeia a nossa sociedade.

Pitágoras de Samos (570 a.C. – 495 a.C.), por exemplo, foi um dos primeiros filósofos ocidentais a admitir “o parentesco de todos os homens e, além disso, de todos os seres vivos” (Mattéi, 2000, p. 39). A sua crença na transmigração das almas (*metempsicose*), ou seja, na ideia de que após a morte a alma de um ser é capaz de reencarnar em outro corpo, fosse ele humano ou não, levou-o a considerar que os animais não humanos também possuíam almas. Por essa razão, o filósofo incentivou seus discípulos a tratar os animais não humanos com respeito e consideração, defendendo o vegetarianismo como uma forma de evitar prejudicar outros seres vivos. Embora a promoção do respeito pelos animais não humanos e a natureza em geral tenha sido genuinamente em benefício da vida humana, o pensamento de Pitágoras poupou muitos animais não humanos da dor e do sofrimento.

Além de Pitágoras, outros pensadores antigos também reservaram espaço em suas obras para debater a relação ética entre animais humanos e não humanos. Em seu artigo, Sônia Felipe (2009) contrapõe diferentes visões ao discutir o reconhecimento dos direitos dos animais não humanos e menciona que, no período greco-romano, filósofos como Plutarco (46–120 d.C.) e Porfírio (232–304 d.C.) se destacaram na defesa dos animais não humanos. Plutarco incentivava o tratamento respeitoso com os outros seres, pois acreditava que a crueldade com a espécie animal poderia levar também ao embrutecimento da espécie humana. Porfírio, por sua vez, defendia a racionalidade interna dos animais não humanos, divergindo dos humanos apenas pela incapacidade de se expressarem por meio da linguagem (Felipe, 2009).

Outra figura que também se distanciou do pensamento predominante de sua época em relação aos animais não humanos foi François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire (1694–1778). O filósofo francês contestou as ideias mecanicistas de Descartes, questionando a visão de que os animais não humanos seriam simples autômatos desprovidos de sensações. Voltaire destacou a semelhança entre a fisiologia dos animais humanos e não humanos— afinal, como um ser que também possui sangue, ossos, veias e órgãos seria incapaz de sentir dor ou prazer? Assim, ele criticou o tratamento cruel dado aos animais não humanos e defendeu que eles são dotados de sensibilidade e tão capazes de sofrer e sentir quanto os seres humanos.

Na obra *Dicionário Filosófico* (1764/2013), o filósofo apresenta uma série de verbetes que abordam diversos temas, como filosofia, literatura e religião. É no capítulo intitulado "Irracionais", em que trata especificamente da questão dos animais não humanos, que o autor critica a teoria mecanicista de Descartes. Isso pode ser observado no seguinte pensamento: “Que ingenuidade, que pobreza de espírito, dizer que os irracionais são máquinas privadas de conhecimento e sentimento, que procedem sempre da mesma maneira, que nada aprendem, nada aperfeiçoam!” (Voltaire, 2013, p. 127). Com essas palavras, o filósofo faz um apelo à compaixão e à empatia em relação aos animais não humanos. Empatia essa que não teve com a própria espécie, uma vez que o filósofo usou do discurso racista de seu tempo: ao comentar sobre os territórios africanos em *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações* (1756), em que expressa: “Os percebemos com os mesmos olhos que vemos os negros, como uma espécie de homem inferior” (Voltaire, 1958, p. 274). Já em seu *Tratado de metafísica* (1735), o pensador descreve o ser humano negro como

animal preto, que possui lâ sobre a cabeça, caminha sobre duas patas, é quase tão destro quanto um símio, é menos forte do que outros animais de seu tamanho, provido de um pouco mais de ideias do que eles e dotado de maior facilidade de expressão. Ademais, está submetido igualmente às mesmas necessidades que os outros, nascendo, vivendo e morrendo como eles (Voltaire, 1978, p. 62).

Mais tarde, em 1776, na Inglaterra, o filósofo britânico Humphry Primatt publicou sua obra intitulada *A Dissertation on the Duty of Mercy and the Sin of*

*Cruelty against Brute animal*³, na qual criticou a moral egoísta e discriminadora dos seres humanos e apontou para uma igualdade moral no tratamento da dor e minimização do sofrimento de todos os seres. A obra de Primatt foi uma das primeiras a discutir a questão moral dos direitos animais.

Alguns anos mais tarde, em 1789, também na Inglaterra, Jeremy Bentham publicou *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*⁴. O filósofo, conhecido por muitos como o pai do utilitarismo, defendia que bom e justo era tudo aquilo que contribuísse para o aumento da felicidade geral. O fato é que, nessa obra, Bentham retoma as teses centrais de Primatt, embora não o tenha citado diretamente. Tanto Primatt como Bentham defendem o argumento de que a ética não será sofisticada enquanto a consideração moral não for estendida a todos os seres dotados de sensibilidade: “Outros animais, cujos interesses foram negligenciados pela insensibilidade dos antigos juristas, são degradados à classe das coisas” (Bentham, 1789, p. 225, tradução nossa)⁵.

Importante ressaltar que até este momento da história nenhum desses pensadores menciona explicitamente o termo “direitos dos animais”, sendo que o foco está no dever da espécie humana em ter compaixão por todos os seres que estejam vulneráveis à dor e ao sofrimento. Contudo, o objetivo intrínseco é o mesmo: ter o mesmo padrão moral com os outros seres que o ser humano exige que seja aplicado a si mesmo. Sendo assim, embora nem Primatt nem Bentham tenham, ainda no final do século XVIII, defendido declaradamente os animais não humanos e a existência de seus direitos, a tese de que o ser humano necessita de um dever moral em relação aos animais não humanos permitiu que, posteriormente, outros estudiosos se dedicassem ao tema de forma mais direta, como por exemplo Henry Salt, que em 1892 publicou o livro *Animal Rights*⁶, colocando pela primeira vez o termo “direitos” na capa de um livro em defesa dos animais não humanos. Leia-se um trecho do prefácio:

³Tradução: *Uma dissertação sobre o dever de compaixão e o pecado da crueldade contra os animais brutos.*

⁴Tradução: *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação.*

⁵Trecho original: “Other animals which, on account of their interests having been neglected by the insensibility of the ancient jurists, stand degraded into the class of things”.

⁶Tradução: *Direitos dos animais.*

O objetivo do presente ensaio é estabelecer o princípio dos direitos dos animais em uma base consistente e inteligível, mostrando que esse princípio está na base dos vários esforços dos reformistas humanitários e esclarecendo as falácias confortáveis que os defensores do sistema atual acumularam diligentemente. [...] Temos que decidir não se a prática da caça à raposa, por exemplo, é mais ou menos cruel do que a vivissecção, mas se todas as práticas que infligem dor desnecessária a seres sencientes não são incompatíveis com os instintos superiores da humanidade. Estou ciente de que muitas das minhas afirmações parecerão muito ridículas para aqueles que veem o assunto de um ponto de vista contrário e consideram os animais inferiores como criados exclusivamente para o prazer e benefício do homem [...] (Salt, 1892, s/p, tradução nossa)⁷.

No apêndice de sua obra, Henry Salt (1892) editou passagens do texto original de Humphry Primatt, no entanto, os argumentos de Primatt não receberam a devida atenção. Somente mais tarde, em 1980, quando a obra *Animal Rights* foi reeditada e publicada com um prefácio escrito por Peter Singer, é que os argumentos de Primatt ficaram conhecidos pelos iniciadores do movimento em defesa dos animais não humanos. Ou seja, somente mais de duzentos anos depois, os argumentos de Humphry Primatt finalmente atingiram o público desejado. Isso demonstra como a moral de nossa sociedade, antiquada e milenar, tem dificuldade em repensar os privilégios que favorecem apenas aos humanos. Sabe-se que há muitos autores, textos e argumentos éticos em defesa dos animais não humanos que foram/são ignorados e até mesmo silenciados, justamente porque trazem à tona o questionamento sobre a lógica moral vigente em nossa sociedade.

Talvez essa seja uma das razões para que existissem diversos autores que trataram da ética dos animais não humanos sem, necessariamente, utilizarem os termos específicos em suas obras. Felizmente, a partir da década de 1970, o movimento de libertação animal não humano ganhou força e cada vez mais os autores utilizaram sua voz de uma forma nunca vista antes. Não à toa, a década de 1970 é considerada um marco importante em relação ao avanço nas discussões em defesa dos direitos e interesses dos animais não humanos. Dentre os nomes que se

⁷Trecho original: “The object of the following essay is to set the principle of animal rights on a consistent and intelligible footing, to show that this principle underlies the various efforts of humanitarian reformers, and to make a clearance of the comfortable fallacies which the apologists of the present system have industriously accumulated. [...]. We have to decide, not whether the practice of fox-hunting, for example, is more, or less, cruel than vivisection, but whether all practices which inflict unnecessary pain on sentient beings are not incompatible with the higher instincts of humanity. I am aware that many of my contentions will appear very ridiculous to those who view the subject from a contrary standpoint, and regard the lower animal as created solely for the pleasure and advantage of man [...]”.

destacaram nesse período, pode-se mencionar Richard Ryder, filósofo e ativista britânico. Foi na Inglaterra, mais precisamente na cidade de Oxford, que o movimento em defesa da igualdade e libertação dos animais não humanos ganhou força, principalmente porque, nesta época, através de um panfleto publicado em 1970 na revista *Victims of Science*, Ryder compartilha pela primeira vez o conceito de especismo que, inicialmente, o define como um “preconceito moralmente irrelevante baseado em diferenças físicas” (Ryder, 2008, p. 67).

Utilizando a teoria de Darwin, Ryder instiga o leitor a refletir sobre o que justificaria a opressão total da humanidade sobre todas as outras espécies, considerando que os seres humanos estão relacionados a todos os animais não humanos por meio da evolução. Nesse contexto, o termo especismo passa a descrever a forma como os humanos discriminam e exploram os seres de outras espécies, tratando seus corpos como se suas vidas existissem unicamente para servir aos seus interesses.

Além do termo especismo, Ryder também trouxe outra importante contribuição ao campo da ética em defesa dos animais não humanos. No texto traduzido para o português como *Os animais e os direitos humanos* (2008), o autor utiliza o termo “dorentes” para se referir a todos os seres que sentem dor, independentemente de gênero, espécie, raça, cor, entre outros. Para Ryder, ao longo da história surgiram diversos princípios e ideais morais, como justiça e liberdade, que têm como objetivo final a felicidade; no entanto, ele é enfático ao afirmar que a felicidade é mais facilmente alcançada quando um ser está livre de dor e sofrimento. Por isso, defende que “uma ciência da dor é o único argumento convincente para a atribuição de direitos ou, melhor, interesses pelos outros” (Ryder, 2008, p. 67).

Essa abordagem moral é nomeada como *dorismo*, e sua tese central está no fato de não se concentrar sobre uma espécie ou raça, mas sim em cada ser individual. No dorismo, o argumento central é de que a dor do indivíduo, seja ele quem for, deve ser a primeira preocupação, pois “dor é dor independentemente daquele que a sofre” (Ryder, 2008, p. 69). Ryder reconhece que entre diferentes espécies existem também diferentes necessidades e reações e, devido a isso, nem tudo o que é doloroso para um indivíduo é necessariamente doloroso para o outro.

Assim, ele constata que se pode tratar de formas diferentes espécies diferentes, “mas devemos sempre tratar igualmente sofrimentos iguais” (Ryder, 2008, p. 69).

Da mesma forma que o ser humano se preocupa com o sofrimento de outro ser de sua própria espécie, ele também deveria considerar o sofrimento dos animais não humanos. Segundo Ryder (2008), quando dor e sofrimento são causados a um animal não humano, mesmo que tal ato seja justificado pelo bem da ciência e que o sofrimento causado a um único animal não humano beneficie a centenas de seres humanos, ainda assim, o ato é considerado um especismo. Afinal, não importa a dimensão de uma atitude, toda vez que um ser humano se coloca em uma espécie de pedestal, ele está sendo especista. Richard Ryder, ao expressar sua posição em relação aos direitos dos animais não humanos e ao utilizar o termo especismo, cunhou um dos principais conceitos do campo da ética animal que mais tarde seria incorporado à teoria ética do filósofo australiano Peter Singer.

Peter Singer (1948) é um filósofo e professor australiano fortemente influenciado pelo trabalho de Jeremy Bentham (1748-1832), e um dos principais nomes que trazem em discussão nos debates éticos contemporâneos a maneira como os animais não humanos merecem ser tratados. Em 1975, Singer publicou a obra *Animal liberation* na qual o autor desenvolve uma concepção ética em que o princípio da igual consideração de interesses se torna a base de sua teoria. A partir da publicação da obra, muitos jornais e críticos nomearam o livro como a Bíblia da Libertação animal, no entanto, no prefácio a uma nova edição, publicado anos depois, Singer afirma que apesar de se sentir lisonjeado, ao mesmo tempo se sentia desconfortável com a declaração. Ele afirma que não acredita em Bíblias, já que “nenhum livro tem o monopólio da verdade” (Singer, 2010, p. 8).

Ainda assim, é inegável que a teoria de Peter Singer se destaca na luta em defesa dos animais não humanos. *Libertação animal* (1975/2010), título da tradução para o português, é destinado a pessoas que se preocupam com o fim da opressão e da exploração dos animais não humanos e, apesar de ser uma leitura desconfortável, todos os argumentos apresentados na obra são baseados em fatos. O objetivo central do livro é oferecer uma mudança de perspectiva nas atitudes e práticas relacionadas aos animais não humanos. A linguagem utilizada por Singer é, propositalmente, simples e fluída, pois seu objetivo não é compor um texto cheio de

termos técnicos e academicismos, mas oferecer uma comunicação eficaz para atingir todos os públicos.

A obra perpassa pela exposição de diversas formas de exploração animal, como as experimentações científicas, a crueldade do confinamento e a produção em massa de corpos cujo único destino possível é a morte nas grandes indústrias frigoríficas. Ao leitor, basta um olhar isento do véu da desconsideração moral que cobre a nossa sociedade para observar que os casos apontados pelo autor acontecem bem diante dos nossos olhos, mas são camuflados até hoje, quase cinquenta anos após a primeira publicação da obra.

Por meio de *Libertação animal* o leitor, principalmente os que desconhecem a origem dos produtos que consomem, pode compreender o processo existente por trás da produção de leite, ovos e carnes. Podem, inclusive, entender que cosméticos, remédios e outros itens da vida cotidiana não estão isentos da crueldade animal. Para os leigos no assunto, o livro de Singer é frequentemente uma das primeiras leituras indicadas, pois as descrições apresentadas em 1975 são ainda assustadoramente atuais.

Em *Libertação animal*, Singer dá voz àqueles que não podem falar; que não podem, por si mesmos, reivindicar os seus direitos e protestar sobre a forma como são tratados. E, apesar do conceito de especismo ter sido criado por Richard Ryder (1975), ele se tornou um dos argumentos centrais na teoria de Peter Singer, que se dedica a explorar e aprofundar o termo e suas implicações a partir de então. Logo nas primeiras páginas de *Libertação animal*, o autor aprimora o significado do termo proposto por Richard Ryder e define especismo como "um preconceito ou atitude de favorecimento dos interesses dos membros de uma espécie em detrimento dos interesses dos membros de outras espécies" (Singer, 2010, p. 19).

A tese de Peter Singer preserva o princípio da universalidade, ao mesmo tempo que busca a ampliação do princípio de igualdade proposto na teoria utilitarista de Jeremy Bentham. No entanto, suas posições se diferem, pois enquanto Bentham apoiava-se no critério aristotélico da racionalidade para atestar a igualdade entre os homens, Singer defende a igualdade entre todas as espécies e, para isso, apoia-se no critério da sensibilidade, sendo a sensiência o critério moral que perpassa todo o seu trabalho. Para o autor, se animais sentem dor e sofrimento, consequentemente

possuem interesses que devem ser considerados. A partir disso, Singer defende que a igualdade deve ser o princípio universal que norteia as ações humanas e, assim, se torna necessário que a maior quantidade possível de seres seja incluída na consideração moral que orienta essas ações.

Peter Singer acredita que os parâmetros da razão e da linguagem não abrangem todos os seres que deveriam, isso porque até mesmo dentro da comunidade humana existem pessoas que possuem o raciocínio ou a linguagem comprometida. Se o princípio da igualdade continuar se baseando na racionalidade, exclui automaticamente esses indivíduos da consideração moral. À vista disso, o novo parâmetro no princípio de igualdade deve ser constituído pelos interesses. Isso fica exposto no seguinte parágrafo:

Se um ser sofre, não pode haver justificativa moral para deixar de levar em conta esse sofrimento. Não importa a natureza do ser; o princípio da igualdade requer que seu sofrimento seja considerado da mesma maneira como o são os sofrimentos semelhantes — na medida em que comparações aproximadas possam ser feitas — de qualquer outro ser. Caso um ser não seja capaz de sofrer, de sentir prazer ou felicidade, não há nada a ser levado em conta. Portanto, o limite da senciência (usando o termo como uma redução conveniente, talvez não estritamente precisa, para a capacidade de sofrer e/ou experimental prazer) é a única fronteira defensável de preocupação com os interesses alheios (Singer, 2010, p. 14).

Na teoria singeriana todo ser capaz de sentir prazer, dor ou sofrimento deve ter os seus interesses considerados. Ao fazer isso, o princípio da igualdade torna-se mais amplo, sendo capaz de abranger todas as espécies dotadas de sensibilidade e consciência. Por essa razão, na teoria de Singer existe a urgência do emprego do princípio de igual consideração em toda e qualquer ação que afete os interesses de qualquer espécie. Essa exigência estabelece que decisões sejam tomadas com o propósito de abolir práticas especistas e incoerentes com os princípios morais, permitindo que os seres além da espécie humana recebam o mesmo padrão de consideração.

Em muitos casos, a simples constatação de uma diferença orgânica pode constituir um grande obstáculo à aplicação do princípio ético da igualdade, e isso vale também para o sexismo, racismo e especismo. Como aponta Singer (2010), o especismo fere o princípio da igualdade porque discrimina qualquer ser que apresenta alguma diferença da espécie *Homo sapiens*. Para o autor, “a maioria dos

seres humanos é especista”, pois “exigem o sacrifício de outras espécies a fim de promover os interesses mais triviais da própria espécie” (Singer, 2010, p. 15).

A luta contra o especismo, do ponto de vista da ética, desafia a moralidade humana, já que os seres a serem beneficiados por essa luta não são seres dessa espécie. Isto é, a abolição do especismo mostra uma expressão verdadeiramente altruísta, envolvendo os interesses de todas as espécies e não, como é de costume, apenas os interesses humanos. Assim, a luta em defesa dos animais não humanos acaba por ser a experiência política que mais desafia a exigência de universalidade do princípio ético, sua generalidade e sua aplicabilidade.

Um dos traços mais marcantes na ética animal singeriana é a insistência em estabelecer no indivíduo o dever moral de ampliar o princípio da igualdade às outras espécies. Para Singer (2010), não é vital a existência de uma lei que defenda os direitos dos animais não humanos, uma vez que a decisão de deixar de consumir carne ou utilizar produtos de origem animal, por exemplo, não precisa ser imposta por uma lei, basta uma decisão moral de caráter individual. Afinal, “para evitar o especismo, temos de admitir que seres semelhantes, em todos os aspectos relevantes, tenham direito semelhante à vida” (Singer, 2010, p. 30).

Com *Libertação animal*, Peter Singer consolida-se como um dos pensadores mais influentes da ética animal contemporânea. Sua proposta de ampliar o princípio da igualdade para além da espécie humana, fundamentada na capacidade de sentir dor e prazer, provoca uma reavaliação profunda das práticas cotidianas e dos sistemas que perpetuam o sofrimento animal.

Há um outro nome que também tem se destacado no campo da ética animal devido a sua teoria feminista-vegetariana. Trata-se da norte-americana Carol J. Adams (1951), autora, ativista e defensora dos animais. Adams é uma escritora ativa e versátil, cujas ideias sobre vegetarianismo, direitos dos animais não humanos, violência doméstica e abuso sexual têm sido amplamente divulgadas em artigos, livros, revistas, sites e enciclopédias. Em 1990, em uma época em que o feminismo e o vegetarianismo não eram temas amplamente discutidos, muito menos entrelaçados, Carol Adams (1951) publicou a obra *The Sexual Politics of Meat*, na qual explora a conexão entre a objetificação das mulheres e a exploração animal, bem como a relação entre o sistema patriarcal e o especismo. O livro só foi traduzido

para o português mais de vinte anos depois, recebendo o título de *A Política Sexual da Carne*. A versão consultada para este trabalho é datada de 2018 e apresenta um posfácio com novas fotos e cartazes que confirmam a relevância contínua da tese da autora.

Na obra, Carol Adams discorre sobre como o ato de consumir carne é um indicador de virilidade entre os homens ou, nas palavras da autora, “a carne é um símbolo do domínio masculino” (Adams, 2018, p. 67). A autora apresenta diversos exemplos para respaldar sua teoria, incluindo situações em que, diante de períodos de escassez, as mulheres frequentemente cedem toda a carne aos homens, especialmente aos homens brancos. No século XXI, basta navegar nas redes sociais que é possível encontrar homens felizes segurando caças ou pedaços nobres de carne como uma maneira de afirmar sua masculinidade diante de todos.

Carol Adams também introduziu o conceito de “referente ausente” para descrever o “desaparecimento” dos animais não humanos na nossa estrutura. Ela argumenta que, por meio de um do processo de transformar animais não humanos em carne, é necessário torná-los ausentes como seres individuais. Quando um animal não humano é retalhado, por exemplo, seu corpo morto substitui a sua existência viva, e se tornam referentes ausentes. Esse fenômeno contribui para o esquecimento da identidade independente dos animais não humanos, já que eles são reduzidos a meros produtos de consumo. A linguagem, forte instrumento nesse processo, renomeia cadáveres antes que consumidores e consumidoras os adquiram. Em cardápios e supermercados, nomes técnicos são criados para esconder a verdadeira identidade daquele produto: corpos mortos de animais não humanos. Dessa forma, “os animais vivos são, portanto, os referentes ausentes do conceito de carne” (Adams, 2018, p. 79).

A autora explora o conceito ao identificar três maneiras pelas quais um animal se torna um referente ausente. A primeira ocorre de maneira literal: quando a carne de um animal não humano é consumida ele está literalmente ausente porque está morto. A segunda ocorre de modo conceitual: o ato de comer um animal não humano altera a forma como nos referimos a ele, como o próprio termo “carne” que camufla o fato de que se refere ao corpo morto de um animal não humano. Por fim, o terceiro modo é metafórico: os animais não humanos são utilizados como metáforas

para descrever as experiências humanas, como quando uma mulher, assediada por um homem, diz que se sentiu “como um pedaço de carne”. Para Adams o uso desse tipo de frase “ocorre dentro de um sistema metafórico da linguagem” (2018, p. 80). Na cultura ocidental, o conceito de referente ausente é uma presença constante, pois transforma a realidade da violência em metáforas controladas e manipuláveis.

Dessa forma, para a autora a opressão dos animais não humanos está institucionalizada em dois principais níveis: em estruturas formais, como na produção em massa, comércio e entretenimento que utilizam os animais não humanos; e no nível da linguagem, através de um *referente ausente* que diariamente valida a cultura dominante sobre esses seres. A partir desses mecanismos, qualquer indivíduo que se propõe a desarmar o controle dominante da linguagem, se referindo a “carne” como “cadáver”, por exemplo, apesar da apresentação de argumentos lógicos é visto como um mero sentimental ou fanático. Nesse contexto, o vegetarianismo é visto como algo não natural, enquanto a alimentação carnívora dos humanos é considerada natural e necessária.

Até o momento, os teóricos apresentados foram exclusivamente estrangeiros. Embora os principais estudos no campo da ética animal tenham sido publicados em outros idiomas, felizmente há também teóricos brasileiros que se dedicam à defesa dos animais. No Brasil, um dos nomes de destaque é o de Sônia Teresinha Felipe (1954), cuja produção acadêmica contribui de forma significativa para as discussões éticas relacionadas aos animais não humanos. Sônia Felipe é uma renomada acadêmica e pesquisadora brasileira, doutora em Teoria Política e Filosofia Moral que apresenta um sólido conhecimento em ética animal. Sua pesquisa abrange a interseção entre teoria política, filosofia moral e ética animal, promovendo reflexões críticas sobre a relação entre animais humanos e não humanos. A autora desempenha um importante papel no avanço do campo do direito dos animais no Brasil e em outros países.

Em 2003, Sônia Felipe lança o livro *Por uma questão de princípios: alcance e limites da concepção ética de Peter Singer*, que tem como foco o estatuto moral dos animais não humanos. Na obra, a autora apresenta uma análise das teses de Peter Singer, enriquecida com a leitura de diversos autores que antecederam sua luta em defesa dos animais não humanos, assim como nomes recentes do campo da ética

animal. O livro representa um pioneirismo no Brasil, pois o país carecia de um livro de filosofia que defendesse a inserção dos animais não humanos na esfera da moralidade.

Inclusive, é importante ressaltar a escassez de bibliografia sobre o assunto, tanto no século XX quanto nos dias atuais, em que diversas obras não foram traduzidas para o português e são de difícil acesso. Esse cenário resulta em um atraso cultural e moral dos brasileiros no que diz respeito ao debate e reflexão sobre o estatuto moral dos animais não humanos. Nesse sentido, a obra de Sônia Felipe rompeu com um longo silêncio existente em relação à consideração moral dos animais não humanos no Brasil, uma temática que não poderia continuar sendo negligenciada por filósofos, sobretudo pelo campo da ética.

Na sequência de seu trabalho, Sônia Felipe publicou o livro *Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas* (2007), no qual introduz no Brasil os autores mais importantes no debate ético animal, desde os filósofos antropocentristas até os abolicionistas, além de contemplar as perspectivas teológicas na questão dos animais não humanos em diversas religiões e filosofias de vida, como o budismo, cristianismo e islamismo. Em toda a obra, a autora apresenta argumentos jurídicos e científicos contrários ao uso de animais não humanos como modelos experimentais na ciência. Para a autora, o livro tem o objetivo de

introduzir o público leitor de língua portuguesa num dos temas mais polêmicos da ética prática, o questionamento da legitimidade das práticas experimentais em seres vivos dotados de sensibilidade e consciência, capazes de sentir dor e sofrer, quando esses experimentos em nada os beneficiam (Felipe, 2019, p. 35).

Em 2012, Sonia Felipe publicou *Galactolatria: mau leite*, uma análise ética pautada em uma perspectiva abolicionista de um dos alimentos mais consumidos ao redor do planeta: o leite da vaca e seus derivados. Em 2014, o livro *Acertos abolicionistas*: apresenta um rol de temas sob a perspectiva abolicionista, como questões éticas, dietéticas, ecológicas e psicológicas, nas quais a perspectiva é a dos animais não humanos mantidos em cativeiro, sem direito à vida, seres que, antes mesmo de serem forçados a nascer, já possuem o dia da sua morte agendado.

Em 2018, Sônia Felipe publicou o livro *Carnelatria: escolha omnis vorax mortal*, onde trata da matança de animais não humanos no Brasil e dos desdobramentos éticos e ambientais dessa matança para produção de carnes, laticínios e ovos. Seu último livro publicado foi em 2024, intitulado *Animais na trama abolicionista: nós supremacistas*. Nele, Sônia Felipe propõe uma análise crítica das estruturas de pensamento que sustentam a exclusão moral dos animais não humanos. O livro denuncia a naturalização do especismo e evidencia como esse sistema de opressão está entrelaçado a outras formas de discriminação, como o racismo, o sexismo e o capacitismo. A argumentação se desenvolve com base na ideia de que a superação do especismo requer o reconhecimento da dor e da vulnerabilidade como critérios legítimos para a atribuição de direitos e interesses.

Sabe-se que a consideração moral dos animais não humanos demanda um verdadeiro altruísmo, e é por isso que frequentemente se encontra resistência diante de uma teoria que defenda seus direitos. Em entrevista à Revista *Primordium* em 2021, Sônia Felipe relatou que já presenciou o desconforto notável de seus alunos e colegas quando se depararam, muitos pela primeira vez, com uma teoria que questiona a hierarquia na qual os humanos encontram-se no topo. Os pesquisadores do campo da ética animal sabem que escrever e ensinar sobre o tema desafia a visão tradicional profundamente enraizada na sociedade; mas é por isso que se torna ainda mais necessário.

Apesar das dificuldades, a autora segue defendendo uma ética abolicionista. Para ela, não existe “bem-estar” algum onde animais não humanos se encontram aprisionados e impedidos de fazerem suas escolhas de vida, reprodutivas, alimentares ou de convívio social com seus pares. A autora defende o abolicionismo completo, pois “gastar energia em causas bem-estaristas é atraiçoar duas vezes os animais” (Felipe, 2021, p. 20). Na visão da autora, as narrativas de bem-estar são, na verdade, uma forma de os humanos oferecerem alívio à própria consciência. É necessária a abolição completa. A mudança começa com a transformação do mundo mental, das crenças e dos apegos emocionais.

Fora do cenário brasileiro, mas ainda no âmbito da América Latina, o pesquisador Oscar Horta (1974), ativista, filósofo e professor na Universidade de Santiago de Compostela, bem como membro da Fundação Ética, contribui

ativamente em prol dos animais não humanos. O autor é reconhecido por sua postura antiespecista, defendendo o direito dos animais não humanos e sua inclusão na formulação de políticas e práticas que afetam suas vidas. Em 2017, Oscar Horta publicou o livro *Un paso adelante en la defensa de los animales*, obra que ainda não foi traduzida para o português. No texto, classificado como ensaio, a senciência animal é tratada de forma simples, didática e séria, em que a linguagem filosófica é traduzida para uma linguagem cotidiana com o objetivo de promover uma reflexão sobre a forma como os animais não humanos são tratados, alcançando outras pessoas além de filósofos e pesquisadores da área.

Em seu artigo *¿Qué es el especismo?*, publicado em 2020, Oscar Horta apresenta diferentes tentativas de definição do especismo ao longo da história da ética animal e estabelece um quadro comparativo com o objetivo de conduzir o leitor a uma base sólida sobre o conceito. Após avaliar comparativamente outras formas de entender o conceito, o autor conclui que o especismo “é a consideração ou tratamento desfavorável injustificado daqueles que não são classificados como pertencentes a uma certa espécie” (Horta, 2020, p. 22). Ainda, no decorrer do artigo, Horta propõe, através de uma minuciosa análise, a substituição da expressão “consideração ou tratamento desfavorável injustificado” pela palavra “discriminação”. Dessa forma, o autor conclui que o conceito de especismo deve ser definido como “a discriminação daqueles que não pertencem a uma determinada espécie” (Horta, 2020, p. 23).

Outra importante contribuição de Horta é a respeito da discussão feita em torno da consideração igualitária de interesses. O autor é enfático, utilizando-se da teoria de Singer, ao afirmar que um tratamento diferente não é o mesmo que um tratamento desfavorável e, dessa forma, considerar dois indivíduos de forma igualitária não implica fornecer o mesmo tratamento. Diante disso, o especismo não deve ser confundido com a necessidade geral de determinadas espécies, mas com a necessidade de cada membro, pois o especismo é sofrido de maneira individual por cada ser.

Oscar Horta também se debruça sobre o conceito de antropocentrismo. Para ele, “o antropocentrismo é a consideração ou tratamento desfavorável daqueles que não são seres humanos” (Horta, 2020, p. 179). O autor questiona se o

antropocentrismo pode ser considerado um exemplo de especismo e chega a uma resposta afirmativa para essa questão. Para ele, qualquer posição que assuma que o pertencimento ao gênero *Homo sapiens* é um critério, ainda que não o único, para favorecer alguém, é considerada antropocêntrica. Ao considerar o antropocentrismo como uma forma de especismo, Horta destaca a importância de questionar e superar essa perspectiva, promovendo uma ética compassiva aos animais não humanos.

As contribuições de Oscar Horta para o campo da ética animal vão além dos muros da universidade ou do campo acadêmico. Em seu blog, *Ética más allá de la especie*, criado há vários anos, o autor disponibiliza um grande número de materiais que introduzem ou aprofundam a questão da consideração moral dos animais não humanos. Os conteúdos são majoritariamente em castelhano, mas também há alguns na língua inglesa. Essa ferramenta desempenha um papel importante ao permitir que a ética animal transcenda o âmbito puramente filósofo e se torne uma questão de reflexão cotidiana.

Todas as considerações apresentadas neste capítulo servem como uma introdução às discussões que ainda serão abordadas neste trabalho. O percurso proposto, desde os textos bíblicos até os dias atuais, teve o objetivo de demonstrar que os estudos em defesa dos animais não humanos ocorrem de forma gradual, com teoria de diferentes épocas e contextos cooperando entre si e, algumas vezes, se complementando. Essa abordagem assemelha-se a uma colcha de retalhos, porém sem conotação pejorativa ou superficial. É uma colcha de retalhos cuidadosamente estruturada que reflete como os argumentos em defesa dos animais não humanos foram construídos ao longo do tempo. Conforme mencionado, diversos autores contribuíram sem necessariamente mencionar o termo "direitos dos animais", enquanto outros expressaram veementemente sua posição contra o especismo.

No campo da defesa dos animais não humanos, a colcha de retalhos que o representa é completamente colorida e diversificada, com diferentes estampas e texturas. Reflete a variedade de contextos, histórias, experiências, visões de mundo e classes sociais de cada autor e autora abordados até aqui. Essa diversidade de perspectivas e contribuições enriquece o campo da ética animal e possibilita uma

compreensão mais abrangente e complexa das questões relacionadas aos direitos e ao bem-estar dos animais não humanos.

A apresentação histórica dos principais pensadores que moldaram tanto a ética tradicional de uso e exploração dos animais não humanos quanto as correntes antiespecistas desenvolvidas neste capítulo, tem finalidade teórica. Adiante, quando da interpretação do texto de Bazterrica, veremos que muitas das teorias aqui apresentadas foram, e ainda são, tomadas como verdades absolutas, o que resulta em uma quantidade imensurável de sofrimento aos animais não humanos e consolida diariamente a condição moral em que eles se encontram na nossa sociedade.

2. A MORALIDADE DE SE COMER CARNE

Em *Cadáver Exquisito*, de Agustina Bazterrica, o conceito de animais não humanos, que no senso comum carrega a noção de seres diferentes da espécie humana, assume um significado completamente novo: o termo passa a designar corpos humanos considerados inferiores, destituídos de identidade e vistos como meras mercadorias passíveis de exploração e assassinato sem qualquer impedimento legal. O consumo de carne humana, nesse cenário, é normalizado com o auxílio de uma ferramenta poderosa: a linguagem. Para que a sociedade aceitasse essa prática, mudanças linguísticas foram implementadas, com o objetivo de tornar o novo normal aceitável.

Toda a fábula é a descrição de um mundo onde os animais não humanos que comemos foram substituídos por seres humanos. “Se despierta con una capa de sudor que le cubre el cuerpo porque *sabe que le espera otro día de faenar humanos*”⁸ (Bazterrica, 2018, p. 15, *grifo nosso*). O narrador em *Cadáver Exquisito* narra um mundo de horror sem interferências emocionais, mas com frieza. No novo modelo de sociedade, o mal é sistematizado e banalizado, apresentado com distanciamento clínico. O narrador não comenta, não julga e não se envolve explicitamente com os acontecimentos narrados. Essa escolha configura uma estratégia central de composição da obra, produzindo um efeito de objetividade que aproxima o romance do modelo das distopias clássicas. Embora mantenha um tom objetivo, sua frieza não é sinônimo de neutralidade absoluta, mas um recurso que reforça a banalização do mal e a naturalização do horror.

Esse narrador exerce uma onisciência seletiva, pois, apesar de parecer um observador que tudo vê, escolhe acompanhar especificamente a trajetória de Marcos Tejo. Tal escolha confere intencionalidade à narrativa: ao optar por seguir Marcos, e não sua irmã, por exemplo, o texto se afasta de uma perspectiva de esperança ou redenção, mergulhando no cinismo e na degradação humana. O narrador, portanto, não só registra os acontecimentos, mas expõe o absurdo com precisão clínica. Essa postura aproxima o leitor de uma experiência ética, pois o horror não é mediado nem explicado; é apenas mostrado.

⁸Tradução nossa: Ele acorda coberto por uma camada de suor, pois sabe que o espera mais um dia de abate de humanos.

Neste capítulo, exploraremos como as estratégias linguísticas utilizadas por Bazterrica operam de modo a criticar os discursos de justificação e normalização do canibalismo, evidenciando a forma como a linguagem participa da construção e da sustentação simbólica da violência. Analisaremos também o poder que determinadas palavras têm em transformar a percepção da realidade, tornando aceitável aquilo que, em outras circunstâncias, seria impensável, tanto na ficção literária da obra quanto em nossa própria sociedade.

2.1 Não é canibalismo, é um processo de Transição

“Media res” são as primeiras palavras do texto literário de *Cadáver Exquisito* (Bazterrica, 2018, p. 15). Na tradução para a língua portuguesa, o termo foi traduzido como “carcaça”, mantendo uma fidelidade à tradução literal; um termo técnico e mecânico que designa a estrutura esquelética de um corpo. Contudo, *media res* também remete à expressão latina *in media res*, uma técnica narrativa literária que consiste em iniciar a história não pelo início dos fatos, mas em um momento de ação em que os personagens já se encontram em um ponto significativo da narrativa.

Isso acontece em *Cadáver Exquisito*, quando, logo no segundo parágrafo do livro, o leitor é inserido em uma sociedade distópica onde o canibalismo foi legalizado e corpos humanos são “criados para ser animais comestíveis”⁹ (Bazterrica, 2019, p. 15). Um animal comestível é aquele cuja vida se resume à função de ser devorado. Na cultura ocidental há uma distinção bem definida entre animais não humanos que não são comestíveis, como gatos e cachorros, e animais não humanos que são comestíveis, como galinhas, porcos e vacas. Essa divisão considera apenas a distinção biológica entre as espécies, contrariando o princípio de consideração proposto por Peter Singer em *Libertação animal* (1975), segundo o qual a capacidade de sentir dor e prazer deve ser o único pré-requisito para que um ser tenha seus interesses respeitados.

Se muitos de nós nos relacionamos com cães e gatos como parentes próximos, a ideia de comê-los nos causaria repulsa, assim como a ideia de consumir carne humana seria estranha e condenável. Em certos contextos, algumas

⁹Tradução nossa: “criados para serem animais comestíveis”.

espécies são tratadas de forma mais individualizada e humanizada, como é o caso dos animais de estimação, enquanto em outros são vistas apenas como objetos de uso ou consumo cotidiano, seja para alimentação, vestuário ou experimentos científicos. O que orienta o comportamento humano em relação a esses animais é a posição que cada espécie ocupa no sistema. A definição de um corpo como comestível e a aceitação social do ato de consumi-lo ou explorá-lo variam de acordo com a cultura predominante em cada sociedade. Para o pesquisador Oscar Horta (2017), é sabido que a capacidade de sentir dor ou prazer de uma vaca ou de um porco não é, de forma alguma, menor do que a de um cão ou de um gato. Assim, como podemos tratá-los de maneiras tão distintas? Esse tratamento diferenciado também constitui um ato discriminatório, como bem destaca o autor: “Lo que aquí está ocurriendo es que unos animales son discriminados frente a los perros y gatos, simplemente por la especie a la que pertenecen. Esto es, pues, otra forma de especismo¹⁰” (Horta, 2017, p. 113).

Como a fronteira entre animais não humanos que são ou não comestíveis é uma construção social, ela pode ser facilmente dissolvida ou transformada. Isso ocorre em *Cadáver Exquisito*, quando alguns humanos, apesar de biologicamente iguais aos outros, são tratados como animais não humanos e considerados “inferiores”. O pensamento de Descartes, já há muitos séculos defasado, é, tantas vezes, a justificativa para o descaso: animais não humanos não são como nós. No contexto da narrativa, a justificativa para que alguns seres humanos sejam considerados comestíveis, enquanto outros não, não encontra respaldo em filosofias morais ou éticas tradicionais, pois os consumidos (seres humanos) são biologicamente como nós. Para sustentar a prática canibal, seriam necessárias novas construções éticas e morais que legitimam o ato, destacando a fragilidade dos limites éticos que construímos.

Na obra, o canibalismo é escancarado, pois nesta realidade distópica o leitor se depara a todo momento com “la carne que come carne¹¹” (Bazterrica, 2018, p. 29). Sentir aversão ao ato é natural, afinal, trata-se de um tabu, algo social, cultural e moralmente condenável. Na maioria das vezes, evita-se debater e discutir o tema, mesmo diante de casos reais documentados em contextos específicos, como rituais religiosos, práticas culturais e situações de fome extrema. Mas, outras vezes, o

¹⁰Tradução nossa: “Isto é, portanto, outra forma de especismo”.

¹¹ Tradução nossa: “A carne que come carne”.

canibalismo torna-se um elemento-chave no entretenimento, inspirando livros, filmes e séries.

Em 2022, a plataforma de streaming Netflix lançou a série *Dahmer: Um Canibal Americano*, que retrata a história de Jeffrey Dahmer, responsável pelo assassinato e mutilação de 17 jovens nos Estados Unidos entre 1978 e 1991. Após cometer os crimes, Dahmer praticou atos de necrofilia e canibalismo. As reações do público foram diversas: alguns temeram que a produção pudesse banalizar ou até incentivar o canibalismo; outros reconheceram a importância de debater o tema. A série rapidamente se tornou uma das mais assistidas na plataforma daquele ano.

No início de 2024, outra história real envolvendo atos de canibalismo foi adaptada para o cinema. Desta vez, a obra *A Sociedade de Neve*, também disponível na plataforma Netflix, narra a história de 45 pessoas que ficaram presas na Cordilheira dos Andes em 1972 após a queda de um avião. O longa-metragem descreve como, diante da fome extrema, os sobreviventes viram no canibalismo sua única chance de sobreviver. Neste filme, a necessidade de comer carne humana foi necessária em nome da sobrevivência, diferentemente dos crimes planejados de Jeffrey Dahmer.

Ao trazer esses exemplos, mostramos que, embora o canibalismo seja um tema repulsivo, as obras que o abordam exercem um forte fascínio. As pessoas evitam pensar no assunto, mas basta surgir um filme ou livro sobre o tema para atrair grande atenção do público. Há uma atração humana por questões desconhecidas e proibidas; a curiosidade reside, em grande parte, em entender o que leva os personagens a consumirem carne humana. Essas produções exploram os limites do comportamento humano e questionam aspectos centrais da moralidade e da ética, desafiando o espectador a confrontar seus próprios valores diante do inaceitável.

A diferença entre *Cadáver Exquisito* de Agustina Bazterrica e esses filmes (ou outras produções que abordam o canibalismo) é que na obra de Bazterrica o canibalismo é feito de maneira institucionalizada. Não existe outro tipo de carne à venda no mercado; se você deseja incluir a carne em sua alimentação, ela será humana. Quando Bazterrica inicia a história no ápice da sociedade canibal argentina, ela coloca uma questão no ar: o que é necessário para que toda uma sociedade aceite e sustente o consumo da carne de sua própria carne? É com o objetivo de responder a essa questão que este capítulo analisará os argumentos e

recursos utilizados pelas autoridades para a aceitação, prática e legalização do canibalismo dentro da obra.

No contexto brasileiro, essa discussão ética também se manifesta no campo literário. Conforme observa Libanori (2018), a literatura nacional vem denunciando, desde o século XIX, as formas sutis de violência especista naturalizadas em nossa cultura. A autora destaca que “a literatura brasileira tem sido um importante veículo de transmissão das ideias de abolição animal. As vozes dos animais, porque não são sons humanos, não chegam aos ouvidos e corações humanos. Ainda bem que há, na literatura, aqueles que fazem isso por eles...” (Libanori, 2018, p. 133). Essa reflexão amplia o debate da ética animal para o campo estético, revelando que a sensibilidade moral em relação aos animais antecede o discurso filosófico e se traduz, na arte, como resistência e compaixão.

Na sociedade distópica de *Cadáver Exquisito*, a legalização do canibalismo não é datada, mas as indústrias funcionam, o comércio prospera e a vida segue um novo curso, o que sugere que essa mudança aconteceu há algum tempo. Isso é evidenciado pelo emprego ocupado por Marcos Tejo, protagonista da obra, que trabalha em um dos principais frigoríficos da Argentina e, por isso, lida com a carne humana diretamente. Em um primeiro momento, o leitor tende a simpatizar com o personagem, que, assim como ele, demonstra desconforto diante da realidade apresentada, como se pode observar em:

Deja la curtiembre y siente alivio. Se pregunta una vez más por qué se expone a eso. Y la respuesta siempre es la misma. Sabe por que hace este trabajo. Porque és el mejor y le pagan como tal, porque no sabe hacer otra cosa y porque la salud de su padre lo requiere así. A veces, uno tiene que cargar con el peso del mundo¹² (Bazterrica, 2018, p. 26).

Marcos oferece suas lembranças em pequenas doses e, pouco a pouco, monta um quebra-cabeça que nos permite compreender como e porque tudo aconteceu.

Tudo começa pela presença de um vírus, posteriormente nomeado GGB. A sigla não é explicada, como também há uma explicação limitada sobre o vírus, suas características e os efeitos no corpo humano. Mas essas questões não são

¹²Tradução nossa: “Ele deixa o curtume e sente alívio. Pergunta-se mais uma vez por que se submete a isso. E a resposta é sempre a mesma. Sabe por que faz esse trabalho: porque é o melhor e é pago como tal, porque não sabe fazer outra coisa e porque a saúde de seu pai assim o exige. Às vezes, é preciso carregar o peso do mundo”.

essenciais para a compreensão da obra, uma vez que o vírus não constitui o foco central da narrativa. As informações limitadas fornecidas por Marcos Tejo através de suas recordações são suficientes para a análise.

Marcos, em uma de suas recordações, expõe o contexto do surgimento do vírus, como pode ser visto na passagem a seguir: “Recuerda cuando anunciaron la existencia de la GGB. La histeria masiva, los suicidios, el miedo. Después de la GGB fue imposible seguir comiendo animales porque contrajeron un virus mortal para los humanos”¹³ (Bazterrica, 2018, p. 18).

Pode-se imaginar uma situação em que um vírus surge em uma sociedade especista, tornando impossível o consumo de carne ou de qualquer produto de origem animal. O medo se intensifica ao saber que até mesmo os animais de estimação podem estar contaminados, representando uma ameaça direta à sobrevivência humana. Essa realidade não apenas desafia a relação com os animais não humanos, mas também coloca em xeque as bases da alimentação e segurança. A incerteza sobre o futuro justifica a histeria massiva retratada na obra, pois é impossível não se desesperar diante da falta de respostas para uma crise sem precedentes.

O vírus GGB surge como um inimigo invisível, constante e mortal que gera um medo crescente, como se a morte estivesse sempre à espreita. De repente a ordem das coisas se altera. Bazterrica mostra que o vírus GGB é narrado como “la GGB”. Lembra a sigla de uma instituição, de uma lei. E que acabará a vir a ser, designando a impossibilidade de consumo de animais não humanos. Esses corpos, que antes eram considerados fonte de alimento, vestuário, cobaias, se transformaram em uma ameaça direta, pois “un rasguño significaba la muerte”¹⁴ (Bazterrica, 2018, p. 18). O medo logo se transformou em ódio, e o ódio, em violência. Em pouco tempo, grupos usando trajes de proteção passaram a invadir bairros, matando e queimando qualquer animal não humano vivo que encontrassem, deixando para trás “pilas de gatos y perros quemados vivos”¹⁵ (Bazterrica, 2018, p. 18).

¹³Tradução nossa: “Lembra quando eles anunciaram a existência do GGB. A histeria em massa, os suicídios, o medo. Depois do GGB era impossível continuar comendo animais porque eles contraíram um vírus mortal para humanos. Esse foi o discurso oficial. Palavras com o peso necessário para nos moldar, para suprimir qualquer questionamento, pensa”.

¹⁴Tradução nossa: “Um arranhão significava morte”.

¹⁵Tradução nossa: “Pilhas de gatos e cachorros queimados vivos”.

Os animais de estimação, antes tratados com carinho e amor, passaram a ser considerados ameaças que precisavam ser exterminadas o quanto antes. Para quem ama seus animais, é difícil imaginar a necessidade de tomar essa decisão. Esperava-se, talvez, uma resposta das autoridades para evitar os assassinatos ou mesmo a criação de um antídoto, mas nada disso aconteceu. Quando Marcos Tejo relembra seus dois cachorros, Pugliesi e Koko, e de como precisou matá-los, a narrativa revela o dilema vivido pelo personagem:

Si los abandonaba para no matarlos, temía que los torturaran. Si se los quedaba podía ser mucho peor. Podían torturarlos a ellos y a los perros. En esa época se vendían inyecciones preparadas para que las mascotas no sufrieran. Las vendían en todos lados, hasta en los supermercados¹⁶ (Bazterrica, 2018, p. 136).

Na hierarquia entre as espécies de animais não humanos, cães e gatos ocupam uma posição superior. Esses animais estão cada vez mais presentes em ambientes *pet friendly*, integrando-se à convivência como verdadeiros membros da família. Isso ocorre porque não oferecem nenhum perigo aos seres humanos. A obra de Bazterrica nos faz refletir sobre a fragilidade dessa relação: ela continuaria harmoniosa se os *pets* oferecessem algum risco aos humanos? A resposta é não. A matança forçada em nome da sobrevivência humana prevalece, e isso pôde ser observado durante a pandemia do coronavírus, quando ocorreram alguns casos de violência contra animais de estimação, considerados perigosos, mesmo sem nenhuma comprovação científica. O caso mais marcante, que repercutiu mundialmente, aconteceu em 2021, na China, quando uma câmera de segurança registrou o momento em que um cão foi espancado até a morte por autoridades que atuavam na linha de prevenção. A justificativa era de que o cachorro havia tido contato com sua tutora, que estava infectada com a Covid-19 (CNN BRASIL, 2021). Episódios como esse revelam como o vínculo entre animais humanos e não humanos pode ser quebrado rapidamente em situações de crise.

É difícil imaginar uma realidade sem a presença de outras espécies além da nossa, já que a convivência entre animais humanos e não humanos é muito antiga. No entanto, após o surgimento do vírus GGB, os animais não humanos, pouco a pouco, deixaram de ocupar espaços na vida humana na sociedade fictícia de

¹⁶Tradução nossa: “Se os abandonasse para não matá-los, temia que fossem torturados. Se ele os guardasse, poderia ser muito pior. Eles poderiam torturá-los e aos cães. Naquela época, injeções preparadas eram vendidas para que os animais de estimação não sofressem. Eles os vendiam em todos os lugares, até em supermercados”.

Cadáver Exquisito. Eles desapareceram. Se a relação entre plantas, animais humanos e não humanos segue uma lógica hierárquica, como defendida por Aristóteles (350 a.C.-1991), na qual os seres humanos sempre ocupam o topo, a ausência dos animais não humanos desestrutura completamente essa hierarquia. Os animais deixam de estar à disposição dos humanos, as jaulas estão vazias, não por uma reestruturação ética ou moral, mas simplesmente porque eles já não existem.

Com o extermínio dos animais não humanos, a sociedade não precisava mais se preocupar com o risco de contágio, uma vez que a maioria havia sido morta, e os poucos que restaram estavam escondidos ou viviam em florestas, longe dos seres humanos. Contudo, esse alívio logo deu lugar a um novo questionamento: o que aconteceria agora? A economia mundial sempre esteve fortemente vinculada ao mercado animal. Durante séculos, os corpos de animais não humanos foram aprisionados, explorados e abatidos em nome da lucratividade. O ser humano, com sua natureza criativa, especista e capitalista, criou ofertas e demandas para as mais diversas espécies e suas partes. Além disso, ao considerarmos a carne como um dos pilares da alimentação humana, a perda dos animais não humanos implicaria uma profunda reestruturação na dieta e no mercado alimentício. Haveria recursos vegetais suficientes para alimentar toda a população mundial?

Na obra, o vírus assume um papel simbólico para os defensores de uma alimentação vegana, representando a oportunidade de uma sociedade que adotaria o veganismo de maneira total e irreversível. Mas, o veganismo não foi uma opção. Como frequentemente acontece em períodos de crise, a sociedade foi inundada por informações falsas e incompletas, o que dificultou a tomada de decisões conscientes, como se pode comprovar com o excerto:

Universidades prestigiosas afirmaron que era *necesaria* la proteína animal para vivir, médicos confirmaron que las proteínas vegetales no tenían todos los *aminoácidos esenciales*, expertos aseguraron que se habían reducidos las emisiones de gases, pero había aumentado la malnutrición, revistas hablaron sobre el lado oscuro de los vegetales¹⁷ (Bazterrica, 2018, p. 19, grifo nosso).

¹⁷Tradução nossa: “Universidades de prestígio afirmaram que a proteína animal era necessária para viver, médicos confirmaram que as proteínas vegetais não tinham todos os aminoácidos essenciais, especialistas garantiram que as emissões de gases foram reduzidas, mas a desnutrição aumentou, revistas falaram sobre o lado escuro dos vegetais”.

A palavra “necessária”, neste contexto, foi utilizada por cientistas e especialistas e trouxe consigo a concepção de certeza e urgência. Quando pesquisadores de universidades importantes afirmaram que a proteína animal era necessária para a sobrevivência humana, essas palavras foram interpretadas pela maioria como uma verdade incontestável. A confiabilidade exercida por fontes científicas contribuiu para o desprezo e a rejeição de qualquer proposta que não se alinhasse à necessidade de carne, dificultando e silenciando qualquer outra forma de alimentação. Uma vez que existem provas de que o ser humano pode viver muito e muito bem com uma alimentação à base de vegetais, mostra que essas pesquisas são falsas. Sendo assim, as “universidades prestigiosas” estão a serviço do prestígio e não da ciência. O leitor-modelo, portanto, ou seja, aquele que está sintonizado com os temas do texto, percebe a ironia.

De fato, a noção de que os vegetais não possuem todos os aminoácidos necessários para a vida humana é falsa e já foi refutada cientificamente. O *Guia Alimentar para a População Brasileira*, elaborado pelo Ministério da Saúde (2014), confirma que o consumo de carnes ou de outros alimentos de origem animal não é absolutamente imprescindível para uma alimentação saudável, embora ressalte que a restrição alimentar exige maior atenção na escolha e na combinação dos demais alimentos que compõem a dieta. Ou seja, um ser humano pode viver de forma saudável sem incluir alimentos de origem animal em seu plano alimentar. Isso demonstra que a argumentação apresentada dentro da narrativa era cientificamente infundada.

O filósofo australiano Peter Singer aborda questões semelhantes no capítulo 4, “Tornando-se vegetariano”, de seu livro *Libertação animal* (1975/2010). O autor argumenta que as críticas ao vegetarianismo como uma dieta segura geralmente se baseiam em dois pontos principais: o primeiro é que o consumo de proteína é essencial para uma dieta saudável; o segundo, que a carne é uma fonte rica de proteína. Embora ambas as afirmações sejam verdadeiras, Singer destaca que é necessário considerar que a carne não é a única fonte de proteína disponível. Sua principal distinção em relação aos alimentos de origem vegetal reside, muitas vezes, no preço. Uma dieta baseada na proteína da carne, apesar de mais cara, é frequentemente vista como mais fácil e comum. Preparar um bife é considerado mais prático e direto do que planejar e combinar vegetais e outros alimentos para alcançar a quantidade necessária de proteína.

Sobre esse tema, o professor e filósofo Oscar Horta dedica um capítulo de seu livro *Un paso adelante en defensa de los animales* (2017) à discussão sobre a dúvida de muitas pessoas que questionam se uma alimentação sem produtos de origem animal pode ser plenamente saudável, ou até mesmo mais benéfica. Para responder a essa questão, o autor recorre a diversos estudos científicos e traduz seus resultados para uma linguagem mais acessível ao público, com o objetivo de comprovar cientificamente que é possível viver sem explorar os animais não humanos. No entanto, para o autor, os veganos não devem adotar o argumento dos benefícios à saúde como motivação central. Como afirma Horta (2017, p. 142), “sin duda es genial que una alimentación sin productos animales tenga efectos beneficiosos sobre la salud. Pero ese argumento no es en absoluto necesario para defender el veganismo, cuyo objeto es simplemente no dañar a quienes sienten y sufren¹⁸.”

Mas uma alimentação com alimentos de origem animal reflete não apenas hábitos culturais consolidados, mas também a forma como nossa sociedade simplificou o consumo, tornando-a a escolha padrão para a maioria das refeições. O consumo de produtos de origem animal não é apenas um hábito cultural, mas um símbolo de normalidade. Desde cedo, os indivíduos são inseridos em uma rotina alimentar que reforça essa lógica: no café da manhã, o leite, o queijo e os ovos; no almoço, a carne ocupa o centro do prato, como protagonista incontestável. Esse padrão, repetido diariamente, produz uma percepção de naturalidade tão forte que qualquer alimentação que fuja dele é vista como uma ameaça, uma ruptura com a ordem simbólica que sustenta a própria ideia de progresso e bem-estar.

Por isso que em *Cadáver Exquisito* a ausência da carne, a possibilidade da fome e o desespero dos cidadãos foram ferramentas poderosas utilizadas pelo governo para convencer a população da necessidade do canibalismo. A ideia de uma restrição permanente ao consumo de carne levou à publicação de artigos tendenciosos, que chegaram a afirmar que o surgimento do vírus era uma “venganza de los veganos”¹⁹ (Bazterrica, 2018, p. 17). O ódio e a violência passaram a ser direcionados não apenas aos animais, mas também aos seus

¹⁸Tradução nossa: “Sem dúvida, é ótimo que uma alimentação sem produtos de origem animal tenha efeitos benéficos para a saúde. Mas esse argumento não é, de forma alguma, necessário para defender o veganismo, cujo propósito é simplesmente não causar dano àqueles que sentem e sofrem”.

¹⁹Tradução nossa: “vingança dos veganos”.

defensores. Um renomado zoólogo, conhecido por questionar a veracidade das informações sobre o vírus GGB e por isentar os animais não humanos de culpa, acabou sofrendo um acidente que parecia ser, convenientemente, uma forma de silenciá-lo. Assim, sob o peso da insegurança alimentar, da disseminação de informações tendenciosas e do medo, a resistência da população foi gradativamente enfraquecida, abrindo caminho para decisões cada vez menos democráticas e mais autoritárias.

Em pouco tempo, a forma de governo é drasticamente modificada, instaurando-se um regime autoritário que silencia questionamentos, protestos e qualquer desconfiança em relação às pesquisas científicas. No entanto, a coerção política seria suficiente para levar a população a aceitar algo tão radical como a legalização do canibalismo? Certamente, não. A restrição alimentar foi apenas o ponto de partida desse processo. Além da fome, o governo utilizou o argumento de que, sem os animais não humanos, o futuro econômico da sociedade seria insustentável.

O número de animais não humanos mortos anualmente pode ser interpretado sob diversas perspectivas. Para alguns, ele evidencia a crueldade infligida; para outros, reflete o elevado consumo de proteína animal em escala global e, conseqüentemente, a considerável lucratividade associada a esse mercado. Os animais não humanos não são explorados porque as pessoas sejam sádicas e desejem causar-lhes dano (embora se saiba que há seres humanos que maltratam outros animais por puro prazer), mas porque existe uma demanda constante por produtos e serviços de origem animal. Oscar Horta comenta que todos os horrores da cadeia de produção desses produtos existem porque “la gente quiere acudir a ciertas formas de entretenimiento, vestir cierta clase de ropa y comer ciertos productos²⁰” (Horta, 2017, p. 101). Tudo por desejo, não necessidade.

Em *Cadáver Exquisito* houve uma pressão exercida pelas grandes indústrias que, após um período de estagnação, buscavam urgentemente matéria-prima para retomar as atividades. Isso fica evidente no momento em que o protagonista recorda que: “la legalización [del canibalismo] se llevó a cabo cuando los gobiernos fueron

²⁰Tradução nossa: “as pessoas querem recorrer a certas formas de entretenimento, vestir determinado tipo de roupa e comer certos produtos.”

presionados por una industria millonaria que estaba parada" (Bazterrica, 2018, p. 18)²¹.

Para que toda essa carne chegue ao consumidor final, é necessário todo um complexo sistema de indústrias que envolve diversas etapas: a produção da ração, a criação dos animais, o transporte, a morte, a comercialização e venda. Em *Cadáver Exquisito*, pressupõe-se que, com o surgimento do GGB, todo esse sistema precisou ser imediatamente interrompido, causando a ruptura de cadeia industrial que antes funcionava tranquilamente.

Em uma passagem, Marcos Tejo descreveu como "la ausencia de los animales dejó un silencio opresivo, mudo²²" (Bazterrica, 2018, p. 42). É difícil imaginar o silêncio que perpassa toda a obra de Bazterrica, pois a humanidade nunca precisou lidar com a ausência absoluta dos animais não humanos. Na obra, a extinção total das outras espécies é apresentada de forma explícita, mas nem todas as consequências econômicas e sociais desse colapso são desenvolvidas diretamente, mas podem ser inferidas ao decorrer da leitura. Considerando esse cenário, é possível supor que a ausência absoluta de animais não humanos comprometeria diversos setores. Na agricultura, por exemplo, a extinção de espécies animais poderia afetar diretamente os modos de produção. Indústrias que utilizam matérias-primas de origem animal enfrentariam crises significativas, como a farmacêutica, por exemplo, que é tradicionalmente dependente de testes em animais não humanos para o desenvolvimento de medicamentos. No mercado de trabalho, o impacto também seria profundo: profissionais como veterinários, zootecnistas, biólogos e outros especialistas, cuja atuação depende da existência de animais não humanos, provavelmente perderiam suas funções.

O ser humano, dotado da racionalidade matemática que possibilita a autodeterminação e a projeção do futuro — características que, segundo Aristóteles (350 a.C. – 191), o colocam em posição de superioridade em relação às outras espécies—, não consegue conceber uma realidade normalizada sem a existência de animais não humanos. Marcos Tejo, ao lembrar o surgimento do vírus e as informações divulgadas, aborda que "ese era el discurso oficial. Las palabras con el peso necesario para modelarnos, para suprimir cualquier cuestionamiento,

²¹Tradução nossa: "a legalização aconteceu de fato quando os governos foram pressionados por uma indústria milionária que estava parada".

²²Tradução nossa: "A ausência dos animais deixou um silêncio opressivo, mudo".

piensa.²³” (Bazterrica, 2018, p. 17). O verbo “modelar” indica a capacidade de moldar; adaptar algo ou alguém para alcançar um objetivo específico. Nesse contexto, a escolha das palavras do discurso oficial não se limitava a informar, mas também direcionava os cidadãos ao não questionamento e a aceitação de decisões extremas, como a legalização do canibalismo.

A descrição de Marcos Tejo sobre os eventos que aconteceram antes e depois da legalização do canibalismo revela como as autoridades usaram argumentos estratégicos para implantar o consumo de carne humana na sociedade. Inicialmente, a propaganda oficial gerou medo do vírus GGB, do contágio e dos animais não humanos, o que justificou a exterminação tanto de animais domésticos, selvagens quanto os criados ao consumo. Em seguida, a dieta vegana foi criticada, com pesquisas científicas refutando a viabilidade nutricional de um mundo vegano. Além disso, a ausência dos animais não humanos gerou incertezas econômicas, com o medo de desemprego, fome e miséria.

Mas, há ainda um recurso importante a ser discutido dentro do contexto de *Cadáver Exquisito*: o poder simbólico da carne. A hipótese é de que o ato de consumir carne vai além de uma simples necessidade nutricional, pois carrega consigo um profundo significado cultural, social e econômico. Assim, a ausência de carne implicaria na quebra de uma cultura especista, que associa o consumo de animais não humanos a uma série de valores e práticas enraizadas na sociedade. Historicamente, o consumo de carne tem sido associado ao poder e também à virilidade masculina. Esta relação está enraizada desde práticas culturais e sociais muito antigas, onde a carne não era apenas uma fonte de sustento, mas também um símbolo de força, domínio e masculinidade.

Em um ponto da história de *Cadáver Exquisito*, Marcos Tejo visita um cliente importante do frigorífico, que é proprietário de uma área de caça. Na ausência de animais não humanos, corpos humanos são caçados. Na sala onde é recebido, Urlet, o proprietário e caçador, está sentado em uma poltrona de madeira, como um rei, e “detrás tiene colgadas media docena de cabezas humanas que fue cazando con los años. Siempre aclara, a quien quiera escuchar, que son los trofeos que más

²³Tradução nossa: “Esse era o discurso oficial. As palavras com o peso necessário para nos moldar, para suprimir qualquer questionamento”.

le costó cazar, los que le generaron ‘desafíos monstruosos y vigorizantes’.²⁴ (Bazterrica, 2018, p. 166).

Troféus: é dessa forma que cadáveres são tratados por pescadores e caçadores. Predominantemente liderada por homens, a prática da caça e da pesca é uma demonstração de habilidade, coragem e poder que reafirma a virilidade masculina. Caçar envolve riscos, o uso de armas, o ato de matar a presa e exibir seu corpo como troféu. Para a pesquisadora Cristina de Mello (2000), durante a Idade Moderna, a caça gradualmente perdeu a sua função principal de prover alimento e passou a ser considerada como uma fonte de diversão e entretenimento, especialmente entre os grupos privilegiados, como a aristocracia. Caçar tornou-se uma afirmação de poder em dois sentidos: primeiro, no âmbito especista, onde o ser humano se considerava no direito de caçar e tirar a vida dos animais não humanos; segundo, no âmbito econômico, uma vez que, com o desenvolvimento social, a caça deixou de ser uma necessidade e passou a ser um símbolo de *status* social e econômico, restrito aos grupos mais favorecidos.

Na obra, o personagem Urlet representa a ideia cultural de que a carne, além de seu valor nutricional, carrega um profundo significado simbólico de poder. Para ele, a prática de caçar ultrapassa a mera obtenção de alimento, funcionando como uma demonstração de poder e masculinidade: a capacidade de caçar, matar e consumir o corpo de um ser vivo. No caso de Urlet, a única mudança foi o tipo de presa: antes, as mais variadas espécies de animais não humanos; agora, corpos humanos. O terreno de caça de Urlet é como um grande altar, no qual as cabeças expostas são como “reliquias de una religión personal, la religión de Urlet dedicada a la colección de humanos, palabras, fotos, sabores, almas, carne, libros, presencias”²⁵ (Bazterrica, 2018, p. 168). É a carne além do alimento.

A relação dos homens com os animais não humanos é a mesma que se defendia no século XV, quando Giovanni Pico della Mirandola propagava a superioridade cósmica do ser humano dentre tudo o que existe no mundo. Como vimos na página 14, a justificativa para a superioridade é a liberdade, condição que possibilita o ser humano a se aproximar de Deus. Ainda hoje, agimos segundo

²⁴Tradução nossa: “Atrás há meia dúzia de cabeças humanas que ele caçou ao longo dos anos. Ele sempre esclarece, para quem quiser ouvir, que são os troféus que mais lhe custaram caçar, os que geraram ‘desafios monstruosos e revigorantes’”.

²⁵Tradução nossa: “fossem relíquias de uma religião pessoal, a religião de Urlet dedicada à coleção de humanos, palavras, fotos, sabores, almas, carnes, livros, presenças”.

pensamentos éticos do século XV. Essa superioridade cósmica resulta em uma ética especista e, portanto, antiética aos animais não humanos. E, é uma sociedade machista, especista e supremacista, ou seja, vê pobres e imigrantes como comida, como é na distopia *Cadáver Exquisito*, de Bazterrica.

O ambiente descrito na narrativa é marcado pelo poder, onde homens afirmam sua superioridade ao exercerem domínio tanto sobre a carne quanto sobre as mulheres (o que será debatido no capítulo 4). A diferença central entre a ficção e a realidade está no objeto deste poder: enquanto na obra trata-se de corpos humanos, na nossa sociedade são corpos de animais não humanos. Mas a relação simbólica entre poder e carne permanece a mesma, pois caçar sempre esteve associado a figuras de autoridade e poder. Trata-se de uma relação de biopoder, conforme exposto por Michael Foucault em *História da sexualidade I: A vontade de saber* (1988), ou seja, uma forma de poder que se volta não apenas para o indivíduo, mas para populações inteiras, com objetivo de tirar suas vidas. *Cadáver exquisito* é o biopoder agora aplicado aos corpos dos outros humanos com finalidade de consumo.

Algum tempo antes, quando Marcos visitou sua irmã, Marisa, ele negou uma refeição com carne e respondeu sem nenhuma hesitação: “No estoy comiendo carne, Marisa”²⁶ (Bazterrica, 2018, p. 110). Questionado sobre os motivos, ele respondeu vagamente que era apenas por uma questão de saúde. E, de fato, naquele almoço, Marcos manteve sua decisão e comeu apenas salada. Com esses momentos, o leitor descobre que o protagonista Marcos Tejo trabalha no frigorífico, mas não consome carne. Mesmo assim, ao visitar o terreno de caça de Urlet, é convidado a jantar e aceita o convite. No jantar é servido uma sopa de dedos humanos, um prato nomeado como “*fresh fingers*”. Ele sente nojo, pois sabe que aqueles dedos eram de pessoas que foram caçadas, pessoas que respiravam até pouco. Mas, diante de uma mesa repleta de carne e homens, Marcos come e “se sorprende al sentir que los dedos están exquisitos. Se da cuenta de cuánto extraña comer carne”²⁷ (Bazterrica, 2018, p. 178).

Aqui, o narrador utiliza as palavras “exquisitos” e “extrañaba” para revelar a nova relação sensorial de Marcos com a carne. O fato de considerá-la “saborosa”

²⁶Tradução nossa: “Não estou comendo carne, Marisa”.

²⁷Tradução nossa: “Ele fica surpreso ao sentir que os dedos estão saborosos. Percebe o quanto sente falta de comer carne”.

indica não apenas desejo, mas também uma rendição simbólica. Nesse contexto, comer carne diante de outros homens não é apenas um ato alimentar, mas uma afirmação de virilidade e pertencimento. Negar a carne seria, portanto, negar a própria masculinidade, recusando o código social que associa o consumo de carne à força, ao poder e ao domínio. Assim, o gesto de Marcos — mais do que fisiológico — é cultural e moral: ele se submete à lógica patriarcal e predatória que estrutura aquele mundo, reafirmando o vínculo entre carne, poder e masculinidade.

Em seu livro *Comida e sociedade: uma história da alimentação*, Henrique Carneiro, pesquisador e historiador brasileiro, concluiu que “o consumo de carne se constituiu no Ocidente um modelo de virilidade, associado não só à caça como atributo tipicamente masculino, mas também a uma noção de que o homem necessita de alimentos adequados a sua função guerreira e belicosa” (Carneiro, 2013, p. 57). O que significa que, para que o homem possa desempenhar seu papel ativo na sociedade, é necessário que a carne seja considerada um componente essencial de sua identidade masculina.

Esse contexto ajuda a compreender como o ambiente do jantar de Urlet, marcado pela presença de outros homens e repleto de carne, reforça pressões sociais ligadas à masculinidade e ao consumo de carne. Diante dessa situação, Marcos cede não apenas ao desejo, mas também à necessidade de se enquadrar nesse modelo masculino imposto. A carne, aqui, deixa de ser apenas um alimento e se torna um componente essencial da identidade masculina, algo que ele sente falta, mesmo que a escolha de consumi-la contrarie suas decisões éticas. De fato, a maneira como se come e as preferências alimentares são profundamente influenciadas pela cultura, moldando não apenas as escolhas conscientes, mas também inclinações e atitudes mais profundas em relação à comida e à alimentação (Carneiro, 2013).

A construção social do gênero e a manutenção da masculinidade demandam constantes performances. O homem sente a necessidade de afirmar sua masculinidade diariamente por meio de “ações másculas”, entre as quais se destaca o consumo excessivo de carne, especialmente carne vermelha. Isso pode ser observado na edição de agosto de 2009 da revista australiana *Muscle & Fitness*. Na capa, há um homem musculoso e sem camisa, que está apunhalando um pedaço de carne vermelha com uma faca em uma das mãos e segurando outro grande pedaço na outra mão. A capa exibe o letrero “Eat like a man”. Mas o que significa

comer “igual a um homem”? A frase associada à imagem é uma relação direta do consumo de carne vermelha com o conceito de masculinidade.

Nesse sentido, para a pesquisadora e escritora francesa Marianne Celka,

a carne é um objeto de consumo particular porque contém, em seu seio, uma contradição de ordem semântica. Ao mesmo tempo, é uma marca do desenvolvimento social (progresso) e uma testemunha dessa parte animal que nos mantém, o que remete à figura mítica do caçador-coletor (CELKA, 2016, p. 185).

Por meio dessas palavras, a autora denuncia como a carne carrega significados construídos cultural e historicamente. De um lado, ela é vista como um símbolo de progresso, poder e *status* social, já que, durante séculos, consumir carne esteve associado ao avanço econômico e à prosperidade, quem podia comer carne era considerado mais desenvolvido ou privilegiado. De outro lado, a carne é também testemunho da morte e da violência, pois, para que ela exista, é necessário que um animal não humano tenha sido morto. Desse modo, o ato de comer carne revela uma contradição: representa simultaneamente o progresso e a brutalidade. Essa ambiguidade é, muitas vezes, naturalizada, especialmente porque o aspecto violento é reinterpretado como sinal de força e virilidade. Assim, a dominação sobre os animais não humanos é vista como uma extensão da própria masculinidade.

Do mesmo modo que a carne está associada à masculinidade, ela também está profundamente relacionada ao poder econômico. Em *Cadáver Exquisito*, a irmã de Marcos Tejo, Marisa, consome carne humana, aceita como verdade absoluta as informações do governo e reconhece a carne humana como um produto de alto valor, indicador de prestígio social. Após a morte do pai, Marisa organiza em sua casa um tipo de memorial e, como ponto alto do evento, oferece em uma bandeja de prata um braço humano assado, cuidadosamente ornamentado com legumes e flores. Nesse universo, em que a carne humana ainda possui alto valor no mercado, servir cortes nobres e frescos é sinal de *status* e poder econômico. O gesto de Marisa revela não apenas brutalidade, mas sofisticação estética aplicada à barbárie: o corpo é tratado como banquete, o crime como cerimônia. Marcos, que trabalha em um frigorífico e conhece os diferentes tipos de carne, desconfia que sua irmã esteja mantendo uma “cabeça” doméstica, prática legalizada no romance, desde que destinada apenas ao consumo familiar. Ao investigar, encontra numa despensa uma mulher viva, com o braço amputado.

Essa mulher pertence à chamada geração pura, ou seja, não foi submetida a hormônios de crescimento ou manipulações genéticas, o que torna sua carne ainda mais valiosa. Ao lado do corpo mutilado, encontra um exemplar do livro “Guía para realizar la muerte por mil cortes en cabezas domésticas”²⁸ (Bazterrica, 2018, p. 233), indicando que Marisa planeja fatiar o corpo aos poucos, mantendo aquele corpo vivo pelo maior tempo possível, a fim de garantir carne fresca com qualidade *premium*. Esse episódio é um dos pontos mais perturbadores do romance e não apenas pelo conteúdo explícito da violência, mas por sua banalização estética. A dor é metodizada. A morte é adiada, medida em cortes. Bazterrica entrelaça, nesse momento, especismo, capitalismo e estética do horror em sua forma mais aguda: não é apenas a morte que assombra, mas a normalização da crueldade, sua domesticação ritual. Isso pode ser visto no seguinte trecho:

El libro tiene manchas rojas o marrones. Sientes ganas de vomitar. Claro, piensa, la va a ir descuartizando de a poco con cada evento y lo de la muerte por mil cortes debe ser algo de moda para que toda esta gente tenga un tema de conversación. Todos en familia cortando al ser vivo que está en la heladera, basándonos en una torura china milenaria. La cabeza doméstica lo mira con tristeza (Bazterrica, 2018, p. 233).²⁹

Do ponto de vista estético, trata-se de um exemplo claro da narrativa de horror, categoria que, segundo estudiosos da literatura, se estrutura com o objetivo de provocar medo, repulsa, angústia ou paralisia diante do intolerável. Bazterrica atualiza essa tradição ao incorporar dispositivos narrativos neutros, quase técnicos, que acentuam o desconforto do leitor. A frieza da narração e a organização racional da violência operam como forma de deslocar o horror do campo da exceção para o da norma. É o horror cotidiano, administrado, legalizado. Assim, o romance obriga o leitor a confrontar as bases éticas e estéticas de um sistema de consumo que, embora distorcido, não está tão distante do real. O corpo vivo, mantido em cativeiro e seccionado em nome da excelência do sabor escancara a lógica especista e seus desdobramentos: se não há diferença entre animais humanos e não humanos para o abate, o horror já não precisa se esconder. Ele pode ser servido com flores, numa bandeja de prata.

²⁸Tradução nossa: “Guia para matar cabeças domésticas por mil cortes”.

²⁹Tradução nossa: “O livro tem manchas vermelhas ou marrons. Dá vontade de vomitar. Claro, ele pensa, ela vai despedaçar a cabeça aos poucos a cada evento, e essa história de morte por mil cortes deve estar na moda para que todo mundo tenha um assunto em comum. Todos em família cortando o ser vivo que está na geladeira, baseado em uma tortura chinesa milenar. A cabeça doméstica o olha com tristeza”.

De acordo com Celka (2016) a carne foi considerada nos últimos séculos como uma iguaria, um privilégio dos poderosos que governavam o mundo, senhores, aristocratas e burgueses. Foi apenas com a Revolução Industrial que a carne passou a fazer parte do modelo produtivo e consumista do sistema capitalista. Com uma certa democratização, ela começou a se infiltrar gradualmente nas dietas de todas as classes sociais, especialmente com o surgimento dos meios de comunicação de massa e da sociedade de consumo.

Como as indústrias ainda estavam se adaptando à nova realidade social na narrativa de *Cadáver Exquisito*, pressupõe-se que a carne humana ainda não era acessível a todos. Os que tinham condições financeiras para consumi-la, frequentemente gostavam de exibi-la, como é o caso da personagem Marisa. A ostentação da irmã de Marcos Tejo não é algo incomum. Na contemporaneidade, as pessoas gostam de exibir sua natureza carnista e seu poder econômico. Não é raro encontrar na internet o compartilhamento de fotos com pratos repletos de carne vermelha chamados de cortes nobres, ou ainda, churrasqueiras cheias de cadáveres prontos para serem assados. A sensação de poder que o consumo de carne nobre oferece é o que incentiva cada vez mais homens e mulheres a exibirem seu *status* e prestígio. Um caso que exemplifica muito bem esse argumento aconteceu na Copa do mundo de 2022, quando alguns jogadores da Seleção Brasileira Masculina de Futebol compartilharam em suas redes sociais um luxuoso jantar com uma carne vermelha servida com folhas de ouro (Granchi, 2022). Esses homens pagaram um valor acima do mercado por uma carne que pudesse reafirmar de alguma forma a sua masculinidade.

Em *Cadáver Exquisito*, além do medo do vírus, do extermínio dos animais não humanos, da incerteza econômica e das pesquisas que refutaram o vegetarianismo como uma solução viável, o poder simbólico da carne foi utilizado para justificar e obter a aceitação do canibalismo. Se, historicamente, o homem sempre exerceu o controle sobre seres considerados inferiores, e se a carne sempre foi símbolo de poder, a ausência de animais não humanos e, conseqüentemente, de carne, implicaria a perda desse poder. A existência dos animais não humanos já não era mais uma possibilidade, pois eles estavam extintos e os poucos que sobraram continham o vírus. Assim, foi necessário encontrar novos corpos que pudessem ocupar esse lugar simbólico: corpos para serem dominados, aprisionados, caçados, mortos, esquartejados e consumidos. Foi nesse contexto

que o canibalismo institucionalizado surgiu como resposta. A aceitação dessa prática fica evidente quando o protagonista da obra relembra que “hubo grupos que empezaron a matar a personas y a comerlas de manera clandestina. “fue el primer escándalo público y el que instaló la idea en la sociedad de que, después de todo, *la carne es carne, no importa dónde venga*³⁰ (Bazterrica, 2018, p. 18, grifo nosso).

A origem da carne não é tão importante quanto o poder simbólico que ela carrega. A sociedade da obra compreendeu que a carne humana poderia ocupar a posição nutricional e simbólica da carne animal e se tornar a solução para restaurar a normalidade. Para que isso fosse possível, era necessário definir quais corpos seriam considerados inferiores e, portanto, comestíveis. Isso implicou na desconstrução das fronteiras entre animais humanos e não humanos, criando uma nova linha divisória entre animais humanos comestíveis e não comestíveis. Por isso, “en algunos países los inmigrantes empezaron a desaparecer en masa. Inmigrantes, marginales, pobres³¹” (Bazterrica, 2018, p. 18). Esses grupos sociais foram os primeiros a serem vistos como corpos inferiores e, portanto, sujeitos ao consumo. Apesar de desumano, essa escolha não é surpreendente.

Durante o debate presidencial de setembro de 2024, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que a administração dos democratas teria permitido a entrada de milhares de imigrantes no país e que alguns estariam “comendo cães e gatos”. Esse episódio pode ser relacionado à ficção de Bazterrica, em que os estrangeiros são os primeiros alvos (CNN Brasil, 2024).

A racialização da xenofobia é expressa pela “desumanização” e “demonização” distinta dos estrangeiros que não se resume à aporofobia e/ou formação profissional, mas sim pela manutenção atualizada do velho crivo racial anti-negro (e anti-indígena, em alguns casos) que, mesmo em um contexto de franca abertura fronteiriça para trabalhadores de origens diversas - qualificados ou não -, oferece condições desiguais de acomodação.

A xenofobia racializada que nos caracteriza - embora também seja encontrada nos países centrais, dado que também foram marcados pelo colonialismo - desloca a aporofobia para um intrincado complexo de exploração, discriminação e opressão, onde os significantes mobilizados pela aparição de determinados corpos, corporeidade e indumentárias transcendem a dimensão meramente econômica ou nacional (Faustino; Oliveira, 2021, p. 204).

³⁰Tradução nossa: “foi o primeiro escândalo público desse tipo e incutiu na sociedade a ideia de que, no final, carne é carne, não importa de onde seja”.

³¹Tradução nossa: “Em alguns países os imigrantes começaram a desaparecer em massa. Imigrantes, marginalizados, pobres”.

A partir da ideia de que a carne humana seria um substituto ideal para suprir a ausência de animais não humanos na sociedade, instala-se no romance de Agustina Bazterrica um processo legal, simbólico e linguístico de reconfiguração do mundo. Esse processo é chamado de “Transição”, e não apenas muda práticas, mas inaugura uma nova gramática do horror. O termo “canibalismo” é abolido por lei. Em seu lugar, instala-se uma linguagem higiênica e administrativa, que remove o escândalo da violência e insere o consumo de carne humana no campo do normal e do aceitável.

A força do romance está justamente no modo como a linguagem acompanha a transição moral: o que antes era tabu torna-se legislação; o que era crime transforma-se em indústria. As empresas que antes processavam animais se adaptam rapidamente à nova demanda, e a carne humana entra no cotidiano como item comum de supermercado, banquete, cardápio, domicílio. A sociedade não apenas consome: ela incorpora e se reconstrói para suportar e sustentar esse novo sistema. O gesto de Bazterrica é brutal e sutil ao mesmo tempo. Sua escrita não grita, mas apenas mostra. Não há excesso estilístico: há precisão. O horror se dá menos pela violência visível e mais pela lógica com que essa violência se estrutura e se torna invisível sob a máscara da norma. Em *Cadáver Exquisito*, a autora não apenas narra a distopia: ela a executa linguisticamente. O terror não é o que se mostra e sim o que se aceita. E a linguagem do romance é a prova desse pacto silencioso com a barbárie.

Evidentemente, a decisão do governo não foi rapidamente aceita por todos os cidadãos. “Hubo protestas masivas, huelgas de hambre, reclamos de las organizaciones de derechos humanos³²” (Bazterrica, 2018, p. 19). Mas não se podia lutar contra quem estava no comando e principalmente as indústrias milionárias que finalmente voltariam com suas atividades. “Los focos de protestas se fueron debilitando y seguían apareciendo casos de personas que los medios decían que morían del virus animal³³” (Bazterrica, 2018, p. 20).

Houve uma tentativa por parte da população para impedir a legalização do canibalismo, contudo, o silenciamento velado e o desaparecimento forçado de alguns indivíduos, como insinua a última passagem, são ferramentas poderosas

³²Tradução nossa: “Houve protestos massivos, greves de fome, reivindicações das organizações de direitos humanos”.

³³Tradução nossa: “Os focos de protestos foram se enfraquecendo e continuavam a surgir casos de pessoas que os meios de comunicação diziam ter morrido pelo vírus animal”.

para que os detentores de poder alcancem seus objetivos. Tanto que, com o tempo “los precios eran altos, pero el mercado crecía a ritmos acelerados³⁴” (Bazterrica, 2018, p.19). Se o mercado da carne humana estava em ascensão, é porque havia demanda. Os criadouros, matadouros e frigoríficos precisaram adaptar seus processos, mas continuaram a utilizar métodos intensivos de produção. Aqueles que condenavam moralmente a prática foram forçados a se silenciar.

Mas, como Peter Singer afirmou ao debater sobre as dificuldades encontradas por vegetarianos e veganos ao defenderem suas práticas, “os que lucram com a exploração de grande número de animais não precisam da nossa aprovação. Precisam do nosso dinheiro (Singer, 2010, p. 237). As grandes indústrias, apoiadas pelo governo, possuíam recursos e apoio para enfrentar as críticas. Aos que condenavam o consumo de carne humana, restava o boicote em silêncio. Diante de um governo que se mostrava cada vez mais autoritário com opiniões divergentes, negar-se a consumir a carne humana parece ser a única forma de resistência...

Este subcapítulo teve como objetivo analisar os mecanismos utilizados em *Cadáver Exquisito* para a legalização do canibalismo e a aceitação (forçada) da prática do consumo de carne humana pela sociedade. Concluímos que essa mudança ocorreu por meio de uma combinação de estratégias. Primeiramente, o medo do vírus e a justificativa de proteção, que levaram ao extermínio massivo de animais. Em seguida, o medo da fome e a alegação de que o vegetarianismo seria inviável. A isso se somaram o silenciamento, o medo crescente da pobreza e o impacto da crise econômica.

No próximo subcapítulo, iremos nos debruçar especificamente sobre a linguagem e analisar como ela foi utilizada na narrativa como uma ferramenta de controle e esquecimento. Exploraremos como a escolha cuidadosa de palavras e a exclusão de determinados termos mudaram a percepção coletiva, tornando aceitáveis as práticas cruéis sofridas pelos humanos destinados a consumo.

2.2 Pessoas não se comem, se comem “produtos”, “cabeças”

No subcapítulo anterior vimos como as medidas governamentais visavam, acima de tudo, manter o controle e promover a conformidade em relação ao

³⁴Tradução nossa: “os preços eram altos, mas o mercado crescia em ritmos acelerados”.

canibalismo, fazendo com que as pessoas aceitassem essa realidade, sem questioná-la.

Mas como é possível não questionar aquilo que é absurdo e imoral? A verdade é que não se questiona o que não se vê, o que não está presente no cotidiano ou não se vivencia diretamente. No nosso dia a dia, por exemplo, é comum que as pessoas ignorem o fato de que os seres humanos também são animais, pois, ao negar essa condição, acreditam ser especiais, diferentes, superiores. No entanto, como aponta Oscar Horta (2017, p. 21), “Lo más grave es que usamos esa idea para intentar justificar nuestra conducta hacia los demás animales. Así, les causamos daños de todo tipo. Nos comportamos con ellos como nos da la gana, como no se nos permitiría hacer si fuesen seres humanos³⁵”.

Nesse sentido, a famosa frase “a ignorância é uma dádiva”, atribuída a diversos autores, sintetiza o objetivo deste subcapítulo. O intuito é demonstrar que, após a implementação de estratégias pelas autoridades para justificar a necessidade do canibalismo, tornou-se essencial adotar novos métodos para sustentar essa decisão a longo prazo. A principal estratégia consistiu em mascarar a realidade, utilizando a linguagem como sua maior aliada. Dessa forma, a análise a seguir buscará compreender como a linguagem foi empregada para encobrir a verdade e transformar a percepção da realidade dentro da narrativa ficcional de *Cadáver Exquisito*, de Agustina Bazterrica. Além disso, discutiremos como estratégias linguísticas semelhantes são utilizadas em nossa realidade no que diz respeito à exploração dos animais.

Antes de iniciar a análise, é importante esclarecer as escolhas linguísticas que serão usadas. Embora utilizemos as mesmas palavras da obra, é fundamental reconhecer as estratégias linguísticas que há por trás delas. Dessa forma, ao mencionar os termos “cabeças” ou “produtos”, referimo-nos a seres humanos que dentro da narrativa são explorados e destinados ao consumo. Quando a expressão “carne especial” é empregada, ela se refere à carne humana, e o termo “transição” é utilizado para resumir o processo da legalização do canibalismo. Essas escolhas são feitas para preservar a fluidez do texto e manter a fidelidade à obra literária.

³⁵Tradução nossa: “O mais grave é que usamos essa ideia para tentar justificar nossa conduta em relação aos demais animais. Assim, causamos a eles todo tipo de dano. Comportamo-nos com eles como bem entendemos, de um modo que não nos seria permitido se fossem seres humanos”.

Todo o processo analisado no subcapítulo anterior, desde o surgimento do vírus até a legalização do canibalismo, é resumido, na narrativa de *Cadáver Exquisito* em uma única palavra: “transição”. Nas primeiras páginas do romance, Marcos Tejo afirma que “muchos naturalizaron lo que los medios insisten en llamar la ‘Transición’. Pero él no, porque sabe que transición es una palabra que no evidencia cuán corto y despiadado fue el proceso”³⁶ (Bazterrica, 2018, p. 16). Tanto em espanhol quanto em português a palavra “transição” possui o sentido de passar de um modo de ser ou estar para outro distinto, ou seja, uma mudança. Mas a palavra transição traz a ideia de uma mudança gradual, organizada, pacífica e dentro de uma sequência lógica e racional. Em seu senso comum, transição é uma palavra objetiva, como se o processo fosse apenas um ajuste inevitável para o avanço de um indivíduo ou uma sociedade.

Contudo, na narrativa, a escolha dessa palavra causa estranhamento, uma vez que a legalização do canibalismo representou uma mudança radicalmente imposta. Reduzir todo o processo a uma única palavra parece inadequado. A escolha do termo não foi aleatória, pois, como o próprio protagonista observou, ela oculta a rapidez e a crueldade do processo. Sendo esse o objetivo das autoridades, a palavra “transição” torna-se a escolha ideal.

“Transição” é, portanto, uma palavra que camufla a realidade. Ela oculta o vírus que matou todos os animais não humanos, as grandes indústrias que substituíram a carne animal pela carne humana, o silenciamento dos protestos e a imposição autoritária do governo. Ela oculta o sofrimento e a desumanização dos envolvidos, suavizando o horror do que realmente aconteceu. A linguagem atua como uma máscara e se estrutura de tal forma que os cidadãos aceitam o processo de transição. Como bem como colocado por Adams (2018, p. 108), “estruturamos a linguagem para evitar o reconhecimento de nossa semelhança biológica”. Dessa forma, a palavra “transição”, não traz à lembrança de que nesse processo de mudança vidas humanas foram consideradas inferiores e por isso passíveis de serem devoradas.

O mesmo processo linguístico aconteceu com a palavra humano. “Nadie puede llamarlos humanos porque sería darles entidad, los llaman producto, o carne,

³⁶Tradução nossa: “muitos naturalizaram o que os meios de produção insistem em chamar de ‘Transição’. Mas ele não, porque ele sabe que transição é uma palavra que não evidencia o quão rápido e impiedoso foi o processo”.

o alimento”³⁷ (Bazterrica, 2018, p. 20). Esses “humanos” já não são mais considerados como tal, eles são meros corpos biológicos destinados a viver em cativeiro e posteriormente assassinados para suprir a enorme demanda de carne. Chamá-los humanos seria dar a eles uma identidade que eles não possuem mais. Ao alterar a forma de nomear esses corpos, altera-se também a percepção sobre eles. Segundo Carol Adams (2018), a nossa sociedade não enxerga qualquer problema ético ou moral na exploração dos animais não humanos quando essa prática traz vantagens aos próprios seres humanos. O consumo de carne e o uso de roupas ou produtos de origem animal são, em geral, vistos como algo natural. No entanto, como bem aponta Oscar Horta (2017, p.33), é importante lembrar “que una postura sea considerada natural no quiere decir que sea buena, ni que haya que aceptarla o promoverla”³⁸.

Na obra, quando as pessoas destinadas ao consumo são nomeadas como “produtos”, “cabeças” ou “alimentos”, elas recebem uma estrutura linguística que aceita a violência e a exploração. Termos genéricos como “produto” não traz à tona a verdadeira face de que esses produtos são vidas, seres sencientes. Eles passam a ser vistos e tratados como mercadoria. Esse processo facilita a aceitação do canibalismo, pois “hay palabras que son convenientes, higiénicas”³⁹ (Bazterrica, 2018, p. 15).

As escolhas narrativas de Bazterrica, em *Cadáver Exquisito*, utiliza na construção do canibalismo a mesma tática empregada, na realidade, para mascarar a exploração animal. De modo semelhante, o pesquisador Oscar Horta (2017) denuncia esse mesmo mecanismo de apagamento na exploração animal. Ele observa que há duas realidades paralelas: a aparente, aquela que enxergamos ao ver os produtos prontos para o consumo, e a real, marcada pelo sofrimento e pela morte dos animais.

Esa doble realidad está presente todo el tiempo. Pensemos, por ejemplo, en lo que sucede en una cena familiar o en una hamburguesería. Lo aparente, lo que se ve a primera vista, puede ser simplemente una situación distendida y cordial, una escena agradable, divertida, feliz, donde alguien está pasando un buen rato degustando algo sabroso. Esa es la realidad aparente, la que ve la mayoría de la gente. Mientras, por debajo, está la verdadera realidad. Y esta es distinta. Es la que vimos en el capítulo

³⁷Tradução nossa: “Ninguém pode chamá-los de humanos, porque isso seria dar-lhes identidade; os chamam de produto, ou carne, ou alimento”.

³⁸Tradução nossa: “Que uma postura seja considerada natural não quer dizer que seja boa, nem que deva ser aceita ou promovida.”

³⁹Tradução nossa: “Existem palavras que são convenientes, higiênicas”.

anterior. Consiste en lo que les pasa a los animales para que los podamos consumir⁴⁰ (Horta, 2017, p. 100).

Assim, tanto na ficção de Bazterrica quanto na reflexão ética de Horta, a linguagem é apresentada como uma ferramenta política: ela molda percepções, justifica práticas e encobre realidades. Em ambos os casos, o ato de nomear define o que pode ser visto e o que pode continuar sendo ignorado.

Em *Cadáver Exquisito* transformar o processo do canibalismo e corpos humanos em um processo aceitável não era o suficiente, as autoridades necessitavam de mudanças ainda mais sutis para que as pessoas esquecessem a realidade. Com isso, foi necessário mudar também a forma como se referiam à carne. Antes do vírus e do processo de transição, a proteína animal era chamada simplesmente de carne. Grandes indústrias, supermercados, açougues vendiam carne, e então esse produto era especificado conforme a espécie do animal não humano: carne suína, carne bovina, carne de frango, etc. Conforme Peter Singer (2010, p. 140), o termo “carne” sempre foi genérico e é utilizado para evitar “encarar o fato de que o que estamos comendo são realmente pedaços de um corpo de um ser vivo”. Quando o processo de “transição” começou a ser implementado, o termo “carne” precisou ser ressignificado. Era necessário convencer a população de que o novo produto era ainda melhor do que o antigo.

Como vimos na obra, os animais não humanos foram vistos como vilões por carregarem em seus organismos o vírus GGB, que era supostamente letal aos seres humanos. Toda a desordem social, insegurança alimentar e econômica era, na visão da maioria, culpa dos animais não humanos. No início da “transição”, usar o termo carne seria perigoso, pois a carne sempre esteve relacionada a eles. Com isso, foi necessário ressignificar o produto. “A la carne de humano la apodaron ‘carne especial’. Dejó de ser sólo ‘carne’ para pasar a ser ‘lomo especial’, ‘costilla especial’, ‘riñón especial’”⁴¹ (Bazterrica, 2018, p. 20).

⁴⁰Tradução nossa: “Essa dupla realidade está presente o tempo todo. Pensemos, por exemplo, no que acontece em um jantar de família ou em uma hamburgueria. O que é aparente, o que se vê à primeira vista, pode ser simplesmente uma situação descontraída e cordial, uma cena agradável, divertida, feliz, em que alguém está aproveitando um bom momento enquanto saboreia algo gostoso. Essa é a realidade aparente, a que a maioria das pessoas enxerga. Enquanto isso, por baixo, está a verdadeira realidade. E essa é diferente: consiste no que acontece com os animais para que possamos consumi-los”.

⁴¹Tradução nossa: “A carne humana foi apelidada de ‘carne especial’. Deixou de ser apenas ‘carne’ para se tornar ‘lombo especial’, ‘costela especial’, ‘rim especial’”.

A palavra especial, em seu uso cotidiano, carrega uma conotação positiva. É frequentemente associada a algo exclusivo, valioso ou de qualidade superior. Uma “carne especial” seria um alimento de qualidade superior do que a simples e antiga carne. Observa-se como o termo não carrega indício de que na verdade trata-se de uma carne retirada de corpos humanos criados em cativeiro. É um eufemismo que suaviza algo que, em sua essência, deveria causar repulsa.

De acordo com Peter Singer (2010, p. 139), “para a maioria dos seres humanos, sobretudo os que vivem em centros urbanos e suburbanos modernos, a maneira mais direta de contato com animais ocorre nas refeições, quando os comem”. Porém, para eles o que está ali é a carne, e não o cadáver de um animal não humano. O animal não humano perde suas partes até chegar à mesa do consumidor. Um pedaço de carne no prato não traz o contato direto com a extensa exploração de outras espécies. Ao transformar a carne humana em carne especial, a narrativa de *Cadáver Exquisito* também faz esse movimento de apagamento por meio da linguagem.

Na narrativa, o cidadão, que antes ia até o açougue comprar carne, agora vai para comprar “carne especial”. Os cortes das carnes também sofreram alterações linguísticas. As mãos, por exemplo, eram chamadas de extremidades superiores, e

al poco tiempo y, basándose en los cortes de los cerdos, la gente empezó a llamar a las extremidades superior manitos y las inferiores patitas. Con ese permiso y con esos diminutivos que anulaban el espanto, la industria las catalogó de esa manera⁴² (Bazterrica, 2018, p. 49)

A linguagem suaviza a realidade e evita o espanto. O uso de diminutivos reduz o horror da situação, tornando-a quase banal. Que relação há entre os termos “manitos” e “patitas” e a exploração de seres humanos? Diretamente, nenhuma. Assim como o consumidor não faz a relação direta entre filé mignon, picanha, bacon, toucinho com a opressão dos animais não humanos. Como aponta Adams (2018, p. 110), “não vemos o ato de comer carne como contato com o animal não humano porque este foi redenominado como contato com comida”. Isso acontece com a carne em nossa sociedade; e também com a “carne especial” na sociedade fictícia de *Cadáver Exquisito*. Se a linguagem evita reflexões ou reações emocionais

⁴²Tradução nossa: “Pouco tempo depois, e baseando-se nos cortes de porco, as pessoas começaram a chamar as extremidades superiores de 'mãozinhas' e as inferiores de 'patinhas'. Com essa permissão e com esses diminutivos que anulavam o horror, a indústria os catalogou dessa forma”.

em relação à carne animal, o mesmo mecanismo funcionou em relação à carne humana dentro da obra. “A linguagem contribui para a ausência dos animais” (Adams, 2018, p. 79), ou, no caso da obra, para a ausência dos corpos humanos.

É a morte moral. Bazterrica expõe como o ser humano pode descer degraus morais, ou adaptar a sua escala de valores éticos e morais. Gary Francione, pesquisador de ética e advogado da causa animal, ao denunciar a crueldade institucional contra os animais não humanos, revela-nos um horror cotidiano e banalizado, que convive conosco nas prateleiras dos supermercados, nas farmácias, nos zoológicos. No livro *Introdução aos direitos animais: seu filho ou o cachorro?* (2013) ele criou o termo “esquizofrenia moral” para se referir à incoerência ética que nos permite amar e proteger alguns animais não humanos enquanto exploramos e consumimos outros.

Os produtos finais chegam à mesa do consumidor em embalagens e rótulos cuidadosamente projetados para omitir a realidade. As pessoas são condicionadas, por meio de informações comerciais repetitivas, a consumir determinados produtos alimentícios. Elas compram aquilo que veem com frequência, pois o cérebro é induzido a acreditar na necessidade de consumir esses itens. Esse mecanismo também é abordado em *Cadáver Exquisito*. Durante o início do processo de “transição”, era necessário criar no consumidor tanto a necessidade quanto a normalidade de consumir carne especial, especialmente porque se tratava de um produto com custo elevado. Para isso, foram utilizadas propagandas direcionadas ao público-alvo. Marcos Tejo relembra, por exemplo, uma campanha publicitária elaborada pelo governo.

Recuerda la misma publicidad, una y otra vez. Una mujer hermosa, pero vestida de manera conservadora, les sirve la cena a sus tres hijos y al marido. Mira a cámara y dice: ‘Yo les doy a mi familia alimento especial, la carne de siempre, pero más rica’. Todos sonríen y comen.⁴³ (Bazterrica, 2018, p. 20)

Marcos se recorda com detalhes da propaganda, possivelmente por tê-la assistido inúmeras vezes, ainda que de forma não intencional. A família que protagoniza o comercial é retratada como tradicional, composta por um homem, uma mulher e seus filhos. No comercial, é a mulher quem serve ao homem e às

⁴³Tradução nossa: “Lembra do mesmo comercial, uma e outra vez. Uma mulher bonita, mas vestida de maneira conservadora, serve o jantar para seus três filhos e o marido. Olha para a câmera e diz: “Eu dou à minha família um alimento especial, a carne de sempre, mas mais saborosa”. Todos sorriem e comem”.

crianças, assumindo seu papel socialmente atribuído. Cabe a ela a responsabilidade de escolher o que será servido à família, pois é ela quem vai às compras, monta o cardápio, cozinha e serve. Assim, recai sobre a mulher o dever de optar pelo melhor alimento para sua família. A “carne especial” é apresentada como a melhor opção, algo reafirmado no final do comercial, quando todos consomem a carne felizes.

Nem as roupas, nem a escolha das palavras, tampouco o papel ocupado pela mulher no comercial foram definidos ao acaso. Cada detalhe foi estrategicamente pensado para legitimar o consumo de “carne especial” e, principalmente, para criar desejo e necessidade nas pessoas que ainda resistiam a esse ato. Durante toda a propaganda, em nenhum momento há menção ao verdadeiro significado de “carne especial”, que, na realidade, se refere à carne humana.

Sobre essa questão, Sônia T. Felipe, em seu livro *Carnelatria: escolha omnis voraz mortal* (2018), dedica um capítulo inteiro para discutir as propagandas de alimentos de origem animal que utilizam estratégias semelhantes, e isso pode ser observado no segmento a seguir.

Toda fala publicitária cola e cala. Com a imagem do falado colado diante dos olhos, não é possível ver o que está velado, calado. Exatamente isto é o que faz toda a publicidade e propaganda: quando fala uma coisa, cola a imagem dela na mente do consumidor, para calar outras coisas. O destaque dado a uma imagem produz a sombra sobre a outra. Não é à toa que praticamente toda a campanha publicitária, pelo menos em nosso país, é ruidosa, cheia de efeitos especiais. Para distrair nossa mente enquanto está a gravar nela um nome, uma embalagem, uma sensação de “vou querer disso também”. (Felipe, 2018, p. 171-172)

Enquanto a propaganda recordada por Marcos Tejo destaca que a “carne especial” é apresentada como a mesma carne de sempre, mas com sabor superior, ela oculta nas sombras o fato de que, embora essa carne seja embalada, comercializada e consumida de forma semelhante à carne anterior, na verdade ela é extraída de corpos humanos. Corpos esses que, sem qualquer justificativa moral ou científica, foram considerados descartáveis. As propagandas, embalagens e rótulos ocultam as verdades que as indústrias preferem que os consumidores não questionem. É por isso que “comer, toda gente come. Mas o que está a comer, isso poucos são capazes de discernir” (Felipe, 2018, p. 198).

Na nossa sociedade, se o consumo de carne fosse uma peça teatral, a propaganda da indústria não seria o cartaz colorido anunciando o espetáculo, mas sim a cortina pesada que separa o público do palco. Essa cortina não apenas

esconde o que acontece nos bastidores, as granjas, os frigoríficos, os matadouros, mas também cria a ilusão de que nada há para ser visto além do cenário final, bonito e bem iluminado. O público aplaude o resultado, sem perceber que o espetáculo só acontece porque, atrás da cortina, existe sofrimento, dor e morte cuidadosamente apagados da cena. Assim, a indústria não precisa convencer o espectador de que o ato é moralmente correto ou não, basta que ele nunca veja o que acontece nos bastidores.

As informações sobre a forma como tratamos os animais não humanos em nossa sociedade estão amplamente disponíveis para qualquer cidadão que deseje obtê-las. Uma busca rápida na internet é suficiente para encontrar fontes confiáveis que comprovam cientificamente que os animais são seres sencientes, que têm o desejo de viver e fazem tudo ao seu alcance para isso. Jeremy Bentham (1789) dizia que a ética só seria sofisticada quando a consideração moral fosse estendida a todos os seres dotados de sensibilidade. E em 2012, um marco importante foi alcançado com a publicação da Declaração de Cambridge sobre a Consciência. O documento, assinado por cientistas de renome mundial, afirma que “animais não humanos possuem os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos dos estados de consciência, juntamente com a capacidade de exibir comportamentos intencionais” (Declaração de Cambridge, 2012, p. 1). Ou seja, existem agora evidências científicas de que os animais também possuem consciência, e portanto, devem fazer parte da nossa esfera moral. Mas a maioria dos seres humanos ignora esses dados científicos e a dor e o sofrimento causado a um número incontável de animais não humanos.

Cadáver Exquisito explora os mecanismos e as mudanças no setor da produção de “carne especial” que são expostos ao longo da narrativa através da rotina de trabalho de Marcos Tejo. No capítulo 3, Marcos acompanha um possível investidor em uma visita guiada a um dos criadores de “cabeças”. Essa experiência permite ao leitor conhecer de forma íntima o funcionamento de um criadouro, descrito como um “gran almacén viviente de carne”⁴⁴ (Bazterrica, 2018, p. 29).

Imediatamente após o nascimento, as “cabeças” são separadas de suas mães com quem não estabelecem nenhum tipo de vínculo afetivo ou físico, e isoladas em incubadoras. Esses corpos biologicamente humanos não possuem a

⁴⁴Tradução nossa: “grande armazém de carne viva”.

capacidade de falar, pois tiveram suas cordas vocais retiradas para evitar o desenvolvimento da fala. Afinal, é mais fácil controlar um corpo que não fala. O estágio inicial dessa fase é marcado pela ausência de qualquer estímulo, o que explica o comportamento apático e temeroso que as “cabeças” demonstram em suas jaulas. Ao atingirem uma certa idade, elas são transferidas para pequenas jaulas, onde permanecem isoladas. O espaço é pequeno, e o pouco conforto vem de uma camada de palha seca, e água e alimento disponibilizados em recipientes fixados ao solo. O alimento é fornecido somente nas quantidades predeterminadas e em horários estabelecidos.

Esses corpos vivem assim, dia após dia. Aprisionados em uma solidão contínua, sem a possibilidade de se exercitar, ver a luz do sol ou sequer dividir espaço com outra “cabeça”. As “cabeças fêmeas” são, ainda, exploradas sexualmente por meio de inseminações constantes, sendo submetidas a um ciclo contínuo de reprodução. As jaulas estão cheias, o mercado está abastecido. Esses corpos humanos, após serem assassinados em frigoríficos, chegam ao consumidor em bandejas limpas e cortes cujos nomes acompanham o adjetivo “especial”. A ordem social foi finalmente restabelecida.

Imaginar corpos humanos serem tratados dessa maneira é perturbador, mas nessa distopia eles assumiram o papel que os animais não humanos possuem em nossa sociedade. São considerados inferiores, desprovidos de direitos e privados de qualquer possibilidade de escolha. Felizmente, trata-se de uma realidade distópica fictícia, pois parece inimaginável que as pessoas realmente consumam carne humana, ainda mais se soubessem as condições em que esses corpos são tratados para que tal produto chegue até suas mesas. No entanto, se compararmos a narrativa com a nossa realidade, constatamos que, neste exato momento, milhares de animais não humanos estão sendo assassinados, enquanto milhões vivem em condições semelhantes às descritas anteriormente. O consumo de carne e produtos de origem animal não é uma ficção, mas uma realidade considerada necessária e moralmente aceitável.

Poucas pessoas conhecem a realidade por trás dos portões das fazendas e frigoríficos, e esse desconhecimento não é arbitrário. As indústrias fazem de tudo para que as coisas continuem assim. O conhecimento gera questionamentos, e os questionamentos levam à ação. Atualmente, informações sobre a verdade por trás da carne, leite, ovos e outros produtos estão disponíveis em diversos materiais

físicos e online. Instituições se dedicam a divulgar essa realidade e a conscientizar o maior número de pessoas possível. Mas, ainda que haja informações, as pessoas preferem não saber. Os ativistas dos direitos dos animais não humanos são criticados e hostilizados quando mostram as imagens de crueldade contra esses seres.

Por muito tempo, e para muitas pessoas, houve desconhecimento sobre a realidade dos animais não humanos. Peter Singer tinha consciência disso, especialmente na década de 1970, quando pouco se falava sobre o assunto. Por isso, dedicou um capítulo inteiro de *Libertação animal* (1975) para descrever, com detalhes, o processo das grandes indústrias. Para ele, as pessoas imaginam as fazendas como lugares idílicos, onde a vida dos animais não humanos é plena até o dia de sua morte. Mas ao descrever o processo de produção de carnes, leite e ovos, ele expõe a face cruel desse mercado e busca romper os “disfarces linguísticos que encobrem a camada superior de uma ignorância muito mais profunda quanto à origem dos alimentos” (Singer, 2010, p. 140).

Esses disfarces linguísticos permanecem no decorrer da narrativa de *Cadáver Exquisito*. Ainda na visita ao criadouro, Marcos Tejo escuta o proprietário explicando ao investidor a diferença entre os tipos de carne com a qual trabalha. Existem dois tipos de “cabeças”: aquelas que são geneticamente modificadas com injeções que aceleram o crescimento e as de Primeira Geração Pura (PGP), que nascem e são criadas em cativeiro e não recebem nenhum tipo de modificação genética. Evidentemente, as PGP são mais valiosas e, portanto, uma “carne especial” de alto valor. Se uma “cabeça PGP” não tem o seu crescimento acelerado, isso significa que ela cresce assim como um ser humano, ou seja, lentamente. O que quer dizer que elas vivem anos e anos enjauladas e isoladas até que sejam mortas. As indústrias buscam conseguir o maior lucro com cada “cabeça”, o que significa o menor investimento possível em qualidade de alimentação e acomodação. Não é mencionado especificamente a idade que uma “cabeça PGP” deve atingir até ser assassinada e vendida. No entanto, em um momento do livro, Marcos Tejo menciona que uma “cabeça” tem marcada no corpo “veinte siglas, uma por cada año de crianza⁴⁵” (Bazterrica, 2018, p. 142). Essa informação esclarece

⁴⁵Tradução nossa: “Vinte siglas, uma para cada ano de criação”.

que algumas “cabeças PGP” atingem ao menos vinte anos de idade. Vinte anos de vida em condições de exploração, medo e sofrimento.

Consumir a carne de uma “cabeça PGP” é um símbolo de poder econômico. As siglas estampadas nas embalagens funcionam como um indicativo de exclusividade, remetendo a um produto de alto custo, acessível apenas a uma elite disposta a pagar pelo prestígio que ele representa. Mais do que um alimento, essa carne é apresentada como uma mercadoria de luxo. Nesse ponto, a linguagem não só mascara a realidade como é capaz de transformar pedaços de cadáveres em produtos de prestígio, cujo consumidores estão dispostos a pagar um alto valor. É interessante entender esse “alimento” como “totêmico”, tal e qual o mundo capitalista se relaciona com os animais não humanos:

A partir da Revolução Industrial, a carne entrou na dinâmica produtivista e consumista do sistema capitalista. Devido a certa democratização, infiltrou-se gradativamente nos regimes alimentares de todas as classes sociais, em especial com o advento da comunicação de massa e da sociedade de consumo. A carne, então, torna-se vulgar, ou seja, comum e disponível a todos. Nesse quadro, a publicidade [...] faz da carne uma espécie de “alimento totêmico” representativo de uma civilização rica e desenvolvida. (Celka, 2016, p. 185).

Esse sistema fictício apresenta um paralelo direto com a lógica de mercado aplicada aos cortes nobres de carnes na nossa realidade. No contexto do mercado de carnes, certos cortes são valorizados não apenas por suas características físicas, como maciez e sabor, mas também por sua raridade e pelo alto custo associado ao processo de criação do animal não humano. Um exemplo é a carne de vitela, frequentemente associada a um alto valor simbólico e financeiro – e portanto “totêmico”⁴⁶. Porém, muitos dos que a consomem desconhecem — ou preferem ignorar — a crueldade envolvida em seu processo de produção.

Há muito tempo, o mercado pecuário identificou que os bezerros machos eram considerados inúteis para a indústria. Incapazes de produzir leite, sua única função era consumir o leite das mães, que os fazendeiros preferiam vender para obter lucro. Assim, descobriram uma oportunidade de mercado para esses bezerros, que passaram a ser vendidos logo após o nascimento. A carne desses bezerros, nomeada como vitela, possui uma textura macia e coloração mais clara, resultado

⁴⁶ Celka (2016) observa que a carne se mostra como “alimento totêmico” ao ser representativa de uma civilização rica e desenvolvida: “É necessário compreender que a carne – alimento-totem e marcador social de riqueza – é ao mesmo tempo um símbolo ostensivo do progresso (desde as origens até a modernidade) e um símbolo da parte animal não humano persiste em nós” (Celka, 2016, p. 186).

da falta de desenvolvimento muscular. Esses bezerros são mortos ainda muito jovens, o que reduz o peso total de carne obtido pelos matadouros. Para compensar essa perda, o preço final da carne é elevado.

Em *Libertação animal*, Peter Singer se debruça nos bastidores da produção de carne de vitela. Para ele, “de todas as formas de criação intensiva praticadas, a indústria de vitela é a mais repugnante, moralmente falando” (Singer, 2010, p. 190). O termo vitela exemplifica como a linguagem esconde, propositalmente, a realidade. Ao se deparar com esse nome em um cardápio de restaurante, costuma-se relacioná-lo com uma carne macia e de alta qualidade, raramente associando-o à exploração de bezerros mortos precocemente para atender ao luxo de uma refeição elitista.

Antes dessa carne nobre chegar ao consumidor, esses bezerros sofrem, e muito. Esse sofrimento é detalhadamente exposto por Peter Singer em *Libertação animal* e pode ser observado na descrição minuciosa a seguir.

O truque consiste em criá-los em condições extremamente não naturais. Se crescessem ao ar livre, ficariam saltitando pelo campo e desenvolveriam músculos que enrijecem sua carne, além de queimar calorias que o produtor precisa substituir por alimentos dispendiosos. Ao mesmo tempo, comeriam capim, e sua carne perderia a cor pálida dos recém-nascidos. Portanto, os produtores de vitela transferem os bezerros diretamente da arena de leilões para uma unidade de confinamento. Ali, num estábulo adaptado ou especialmente construído, são colocados em baias ripadas de cerca de 56 centímetros de largura por 1,40 metro de comprimento. O piso é ripado, afastado do chão de concreto. Os bezerros são presos por uma corrente em volta do pescoço, para impedir que se virem. A corrente é retirada quando ficam grandes demais para se movimentar em baias tão estreitas. O lugar não tem palha, nem outro tipo de cama, uma vez que os bezerros poderiam comê-la, o que acabaria com a palidez de sua carne. Saem da baia apenas quando são levados para o abate. São alimentados com uma dieta totalmente líquida, composta de leite em pó desnatado enriquecido com vitaminas, minerais e estimulantes de crescimento. Assim os bezerros vivem nas 16 semanas seguintes. A maravilha desse sistema, do ponto de vista do produtor, é que, nessa idade, eles podem pesar até 180 quilos, em vez dos 40 e poucos dos bezerros recém nascidos; e, como a vitela alcança preços elevadíssimos, criar bezerros dessa maneira é uma ocupação bem lucrativa (Singer, 2010, p. 191-192).

A exposição sobre a criação de vitelas e a inclusão da citação de Peter Singer na íntegra se dá por duas razões principais: a primeira, para oferecer ao leitor o conhecimento sobre a crueldade envolvida na produção dessa carne, especialmente àqueles que desconhecem essa realidade; e a segunda, para destacar como toda essa crueldade é disfarçada por uma única palavra: "vitela".

Essa palavra disfarça violências, omite conhecimentos, influencia a forma como vemos as coisas e torna a crueldade algo comum.

Comer carne de vitela é consumir o cadáver de um animal não humano que poderia ter uma vida digna e plena, mas em vez disso, viveu meses confinado, anêmico, solitário e aterrorizado. De forma semelhante ao que é retratado em *Cadáver Exquisito*, comer a carne de uma “cabeça PGP” é consumir a carne de um ser humano que passou anos de sua vida em confinamento, antes de ser assassinado para oferecer uma carne mais macia e saborosa. Nem o termo PGP nem o termo vitela são linguisticamente capazes de expressar o sofrimento por trás desses produtos. A linguagem utilizada para classificar cortes de carne ou categorias de consumo é cuidadosamente construída para ocultar a violência e o sofrimento envolvidos na produção.

Além disso, em *Cadáver Exquisito*, observa-se a utilização de estratégias que empregam a linguagem como meio de omitir ou fazer com que os indivíduos se esqueçam de determinados fatos. Quando Marcos Tejo observa o berço de seu filho falecido e menciona a si mesmo que “ya no venden productos con animales tiernos, inocentes. Se reemplazaron por barquitos, florcitas, hadas, duendes”⁴⁷ (Bazterrica, 2018, p. 42), percebe-se como as indústrias encontraram alternativas para substituir os animais. O fato de os produtos infantis não utilizarem mais estampas com figuras de animais revela que eles foram deliberadamente excluídos da esfera social daquela sociedade fictícia.

Na narrativa, os humanos que chegaram a conhecer e conviver com animais não humanos passaram a vê-los como vilões. Foram eles que trouxeram o vírus GGB, medo e insegurança à população e, por isso, nada mais justo que esquecê-los. Além disso, os únicos animais que conhecem agora, e que classificam como tal, são as “cabeças” confinadas e destinadas ao consumo. Por outro lado, para os mais jovens, que nasceram após o processo de Transição, a figura dos animais não humanos poderia gerar questionamentos: quem eram eles? Qual era o papel que desempenhavam na sociedade? Essas perguntas poderiam levar à necessidade de revisitar o passado, uma época em que, em vez de “cabeças”, eram vacas, porcos, galinhas e outros animais não humanos mantidos em cativeiros, mortos, despedaçados e vendidos em partes. Seria necessário lembrar que nem

⁴⁷Tradução nossa: “Já não vendem produtos com animais fofos, inocentes. Foram substituídos por barquinhos, florzinhas, fadas, duendes”.

sempre foram corpos humanos os explorados. Isso poderia trazer um questionamento ético e moral naqueles que não vivenciaram o processo de Transição e que, de alguma forma, se opunham às regras sociais vigentes. Apagar a verdadeira identidade dos animais não humanos era considerado a solução mais adequada. Na obra, os humanos viam os animais não humanos como vilões, e não o contrário, como é a realidade.

Enquanto na obra de Agustina Bazterrica a exclusão da imagem dos animais não humanos dos produtos infantis serve para apagar qualquer memória ou conexão emocional com esses seres, na nossa sociedade ocorre o movimento inverso: as crianças são cercadas por representações de animais não humanos em todos os lugares, como em desenhos animados, estampas de roupas, brinquedos, filmes e campanhas publicitárias. No entanto, essa convivência é mediada por uma estética de infantilização, que transforma os animais não humanos em figuras dóceis, sorridentes e carentes de afeto, muito distantes da realidade. Assim, o animal não humano é reduzido a um objeto de ternura e diversão, esvaziado de sua condição de ser vivo.

Em um nível mais amplo, essa mesma lógica de distorção da realidade se manifesta no campo visual contemporâneo por meio da chamada “ecopornografia”, conceito que descreve a estetização da natureza e dos animais como objetos de prazer visual (Pagotto; Carvalho, 2020). Esse conceito revela o modo como a cultura atual transforma a vida animal e o meio ambiente em espetáculo: seja através de imagens bucólicas e sedutoras de harmonia e pureza, seja por meio de cenas de destruição e morte exibidas com apelo emocional. Ambas as formas reafirmam a posição do humano como espectador e dominador, mantendo o distanciamento ético diante do sofrimento animal. Assim, tanto o apagamento dos animais na obra de Bazterrica quanto a sua estetização na cultura de consumo apontam para o mesmo sintoma: a recusa de encarar a animalidade real, suja, sangrenta e vulnerável que sustenta o modo de vida humano.

Na narrativa de *Cadáver Exquisito*, os animais não humanos que no passado tinham um papel claro e visível na sociedade agora são invisibilizados, substituídos por imagens de fadas, árvores, barcos, etc. que não provocam nenhuma reflexão ou questionamento. Da mesma forma, na realidade atual, os animais não humanos da vida cotidiana são deixados de lado. As crianças, que crescem imersas nessa cultura de representação distante, dificilmente têm acesso a uma compreensão

verdadeira do que está por trás do desenho que assistem, da estampa em suas roupas e até do alimento que consomem. O ato de consumir corpos de animais não humanos e seus derivados se distancia de qualquer questão ética ou moral, pois o sofrimento dos animais não humanos se torna irreconhecível. E isso não é algo acidental, pelo contrário, é uma estratégia deliberada, cuidadosamente arquitetada para distorcer a imagem desses seres e garantir a perpetuação de um sistema que lucra com a exploração e a invisibilização do sofrimento animal.

Ao longo deste capítulo, vimos como a linguagem em *Cadáver Exquisito* de Agustina Bazterrica é usada para suavizar e esconder a brutalidade do canibalismo, transformando algo impensável em algo aceito socialmente. A linguagem, como principal estratégia, cria uma fachada que transforma o inaceitável em aceitável. Mas isso não é limitado à ficção distópica. Na nossa realidade, a forma como nos referimos à exploração dos animais não humanos também serve para disfarçar a violência que está por trás daquilo que consumimos. Por trás de termos técnicos, como “bisteca”, “bacon”, “salsicha”, etc. está um sistema que sabe exatamente como afastar nosso olhar do sofrimento real, fazendo com que o que é cruel pareça normal, até desejável. Não é uma coincidência que isso aconteça. É uma estratégia, pensada e construída para nos manter desconectados da realidade. No fim das contas, a linguagem tem o poder de esconder verdades desconfortáveis e, ao mesmo tempo, de moldar nossa aceitação do que, de outra forma, seria inaceitável.

No próximo capítulo, a análise se concentra no mal banalizado dentro da narrativa, ou seja, em como a dessensibilização ocorre através da repetição de atos horríveis ou da exposição constante a eles, fazendo com que as pessoas os tratem com indiferença, sem a devida reflexão moral.

3. O MAL BANALIZADO

Em *Cadáver Exquisito*, de Agustina Bazterrica, o mal se torna parte do cotidiano, integrado à vida das pessoas de forma tão naturalizada que passa despercebido pela maioria dos indivíduos. O consumo de carne humana, que deveria causar repulsa, é transformado em um ato comum e até mesmo indispensável para o funcionamento da sociedade. Essa aceitação do mal é sustentada por estratégias sociais, econômicas e linguísticas que distorcem a realidade e mascaram a crueldade envolvida no processo.

Neste capítulo, analisaremos como o mal permeia toda a obra, transformando o que deveria ser motivo de estranhamento em algo normal e socialmente aceito. Discutiremos como o ser humano é capaz de se adaptar a práticas impensáveis, expondo a fragilidade de seus limites éticos.

3.1 A violência como parte do cotidiano e o mal banalizado

Afirmar que a crueldade faz parte do cotidiano humano é um truísmo, infelizmente. Diariamente, convivemos com atos e cenas de crueldade, que parecem se tornar uma parte intrínseca da nossa sociedade. Diante das telas de televisores e de computadores, de modo geral, as imagens que acompanham notícias são horríveis e assustadoras. O café da manhã é acompanhado por reportagens que noticiam assassinatos, feminicídios, roubos e assaltos como som de fundo. Em seguida, segue-se para o trabalho e a rotina continua normalmente. Quando a violência em nossa sociedade se tornou tão natural?

O professor e pesquisador brasileiro Jaime Ginzburg, que se destaca por suas pesquisas sobre a relação entre literatura e violência publicou o livro *Literatura, violência e melancolia* (2012) em que aborda a questão da naturalização da violência e, sobretudo, a apatia dos indivíduos diante dela. Para o professor, a violência presente em nosso cotidiano é tanta que, caso fosse possível reagir emocionalmente de forma intensa a todas as notícias violentas que chegam, é provável que o aparelho psíquico não suportasse. O volume de informações é tão grande que ultrapassa, em muito, a capacidade humana de responder sensivelmente de maneira adequada. Para Jaime Ginzburg,

não surpreende, nesse sentido, que a reação generalizada às imagens de violência na mídia por parte do público seja uma espécie de apatia, como um torpor. O sistema funciona de modo que é esperado que o público, em geral, reaja como se estivesse sedado. É um fator de proteção contra o risco de colapso emocional. Essa apatia é péssima, é uma desumanização, é uma amoralidade. Porém, ela é evidentemente eficiente em um campo de excesso de estímulos nervosos (Ginzburg, 2012, p. 23).

Essa apatia, entendida como uma forma de proteção emocional em relação à violência, ajuda a compreender como, na narrativa distópica de *Cadáver Exquisito*, de Agustina Bazterrica, práticas como o canibalismo, antes consideradas extremamente cruéis e repulsivas, tornaram-se aceitáveis e parte do cotidiano. Por essa razão, neste capítulo o interesse é analisar como a violência faz parte do cotidiano dos personagens e como o canibalismo se tornou uma prática banal.

O romance é praticamente um laboratório ficcional do conceito de “banalidade do mal”, desenvolvido por Hannah Arendt (1906–1975) no livro *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, publicado originalmente em 1963. Arendt foi uma das mais influentes pensadoras políticas do século XX. Nascida na Alemanha em uma família judia, ela foi filósofa, teórica política e escritora, com uma obra marcada por reflexões profundas sobre o totalitarismo, a condição humana, a liberdade e o julgamento moral. Arendt escreveu o livro quando do julgamento do nazista Adolf Eichmann. Ela mostra como ele não via mal no que fazia, considerava-se apenas um burocrata e era eficiente no ofício de enviar os judeus para as câmaras de gás. Ele sabia o que fazia, apenas não se importava, pois o que ele fazia era considerado necessário e normal. Do comportamento de Eichmann, Arendt deriva o conceito de “banalidade do mal”:

O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem perversos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que — como foi dito insistentemente em Nuremberg pelos acusados e seus advogados — esse era um tipo novo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que torna praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado (Arendt, 2013, p. 294)

O excerto acima mostra que as pessoas que cometiam as atrocidades não pareciam monstruosas, nem eram consideradas sádicas. Quando a violência contra o outro é estatal, passa a ser parte do ser humano. Por isso, Arendt (2013) classifica um tipo de humanos que seriam os “*hostis generis humani*”.

Em *Cadáver Exquisito*, as condições de criação e de abate aos humanos que viraram carne para consumo dialogam com as considerações de Arendt. O horror do romance não está apenas no canibalismo institucionalizado, mas na aceitação, quase mecânica, dessa realidade. Os personagens não discutem a moralidade disso. A linguagem utilizada é clínica, técnica. Termos como “carne especial”, “processo de transição”, “cabeças” revelam uma estética do distanciamento moral. A obra articula uma distopia de horror com uma crítica feroz à indústria da carne, ao especismo e à normalização da violência. Essa realidade é exatamente como Arendt advertia: o mal mais devastador pode ser o mais comum, o mais automatizado, o mais sem pensamento.

A banalidade do mal, exposta por Hanna Arendt se manifesta em *Cadáver Exquisito* por meio da linguagem neutra e tecnocrática, assim como a usada por Eichmann. O vocabulário técnico usado para descrever o abate de humanos ecoa a fala de Eichmann durante o julgamento: ele nunca falava em “matar judeus”, mas em “transporte”, “logística”, “eficiência”. Bazterrica parece sugerir que a linguagem limpa é um verniz para o crime impensado e, da mesma forma como em Eichmann, a ausência de reflexão ética está presente. As pessoas seguem o sistema, muitas vezes com desconforto, mas sem ação. E, então, acabam se convencendo de que é certo comer as outras pessoas.

Em *Cadáver Exquisito* os personagens usam palavras técnicas para se referir aos humanos consumidos: “produto”, “mercadoria”, “cabeças”. Essas palavras aparecem diversas vezes ao longo de todo o romance como uma espécie de mantra justificatório. A linguagem burocrática funciona como uma blindagem moral, permitindo que os personagens evitem o confronto direto com a realidade de seus atos, e assim, a passividade permite que o mal aconteça em larga escala.

A repetição do ato cria o hábito; ou seja, de tanto serem comercializados, o consumo de carne humana torna-se aceitável e praticável. No capítulo em que se descreve como os açougues precisaram se adaptar à venda da carne especial, isso fica evidente:

Con la carne especial hubo que adaptarse a nuevos cortes, nuevas medidas y pesos, nuevos gustos. Spanel fue la primera y la más rápida porque manejaba la carne con un desapego escalofriante. Al principio tenía pocos clientes: eran las mucamas de los ricos. Spanel tenía visión de negocios e instaló la primera carnicería en el barrio con mayor poder adquisitivo. Las mucamas agarraban el pedazo de carne con asco y

confusión y siempre le aclaraban que las había mandado el patrón o la señora, como si hiciera falta. Ella las miraba con una sonrisa apretada, pero de comprensión y las mucamas siempre volvían por más, cada vez con mayor confianza, hasta que dejaron de dar explicaciones. Con el tiempo, los clientes empezaron a ser más frecuentes. A todos les daba tranquilidad ser atendidos por una mujer⁴⁸ (Bazterrica, 2018, p. 48)

A reação das empregadas domésticas representa a transição entre o estranhamento inicial e a completa normalização de uma sociedade diante do canibalismo. O nojo e a confusão do início se transformam, gradualmente, em confiança. O que poderia parecer apenas um detalhe narrativo revela, na verdade, a crítica de Arendt ressoando com força: o mal, quando absorvido pela rotina e esvaziado de reflexão, banaliza-se e se transforma em experiência de consumo. Uma experiência de consumo que não precisa de explicações.

A forma como Bazterrica narra a história revela como o horror pode ser aceito, desde que suficientemente repetido. Expressões como “novos cortes”, “novas medidas” e “novos gostos” compõem um vocabulário técnico, frio e objetivo, que espelha a linguagem da indústria alimentícia real. Essas palavras apagam o caráter humano da carne e transformam o corpo em produto. Assim, quando a linguagem é esvaziada de sua carga ética e afetiva, ela passa a servir à própria estrutura do horror.

A progressão da narrativa constrói um cenário em que o consumo de carne especial se torna o novo normal. Não há mais questionamentos éticos, trata-se, simplesmente, da venda de uma “carne de primera calidad⁴⁹” (Bazterrica, p. 37). As pessoas demonstram gratidão por um produto de qualidade que compõe suas refeições. A lógica moral em torno do canibalismo foi distorcida a tal ponto que, agora, recusar-se a consumir essa carne é visto como um desvio, quase um delito moral.

Quando Marcos revela à irmã que não está mais comendo carne, Marisa pergunta, em tom desdenhoso: “No te habrás convertido en uno de esos

⁴⁸ Tradução nossa: “Com a carne especial, foi preciso se adaptar a novos cortes, novas medidas e pesos, novos gostos. Spanel foi a primeira e a mais rápida, porque lidava com a carne com um desapego arrepiante. No começo, tinha poucos clientes: eram as empregadas domésticas dos ricos. Spanel tinha visão de negócios e instalou o primeiro açougue no bairro com maior poder aquisitivo. As empregadas pegavam o pedaço de carne com nojo e confusão, e sempre faziam questão de dizer que estavam ali a mando do patrão ou da senhora, como se fosse necessário. Ela as olhava com um sorriso contido, mas compreensivo, e as empregadas sempre voltavam, cada vez com mais confiança, até que pararam de dar explicações. Com o tempo, os clientes começaram a aparecer com mais frequência. A todos dava tranquilidade serem atendidos por uma mulher”.

⁴⁹ Tradução nossa: “carne de primeira qualidade”.

veganoides, ¿no?⁵⁰” (Bazterrica, 2018, p. 109). O termo "veganoide" é pejorativo. A palavra não apenas ridiculariza os personagens que, dentro da narrativa, fazem uma escolha moral ao recusar o consumo da “carne especial”, como também reflete o mesmo movimento que ocorre com veganos e vegetarianos em nossa sociedade. Na sociedade atual, adjetivos como "radicais", "inconvenientes", "moralistas" ou até "hipócritas" são usados para se referir aos defensores da causa animal.

Em seu livro, *Jaulas Vazias* (2006), o filósofo e ativista Tom Regan dedica um capítulo para explicar aos especistas os motivos dos defensores dos animais não humanos se negarem a consumir qualquer produto de origem animal, pois, segundo ele “os defensores dos direitos animais estão tão obviamente fora do compasso da cultura dominante que as pessoas ficam se perguntando se não terá sido um capricho da natureza ou um golpe do destino que os fez ser o que são” (Regan, 2006, p. 25). Defensores de animais não humanos estão em desacordo com os valores e práticas da sociedade dominante pois não seguem as normas ou expectativas da cultura mais ampla. Regan também levanta a aceitação da ideia do mal profundo: “O que está sendo combatido aqui não é apenas um erro, mas um mal. Um mal profundo, institucionalizado, sustentado por convenções sociais, práticas econômicas e tradições culturais.” (Regan, 2006, p. 47).) Na ficção e na realidade, a defesa dos direitos dos animais não humanos provoca incômodo na estrutura social vigente. Ao rejeitar a carne, seja a “carne especial” do romance ou a de animais não humanos reais, desafia-se uma lógica profundamente enraizada e expõe-se o mal profundo mencionado por Tom Regan (2006). Apesar de institucionalizado, continua sendo um mal.

Por isso, o vegetarianismo, ao ameaçar um modelo de sociedade que prefere não ser confrontado com suas contradições morais, é, para Peter Singer, “uma forma de boicote” (Singer, 2010, p. 237). Para o ativista,

enquanto não começarmos a boicotar a carne e os demais produtos oriundos de fazendas de pecuária industrial, estaremos, cada um de nós, contribuindo para a continuidade, a prosperidade e o aumento dessas fazendas, e de todas as práticas cruéis utilizadas na criação de animais com fins alimentares (Singer, 2010, p. 237).

Há um cruzamento entre o pensamento de Peter Singer e o de Hannah Arendt, apesar de atuarem em campos distintos — ele na ética animal, e ela na

⁵⁰Tradução nossa: “Você não se transformou em um desses veganoides, né?”

análise do totalitarismo e do genocídio. Ambos denunciavam a existência de sistemas de violência institucionalizada que se tornam socialmente aceitos e naturalizados. Para Arendt, o mal pode se manifestar de forma banal, por meio da obediência cega e da conformidade com normas aparentemente legítimas, mesmo quando sustentam práticas profundamente imorais. Da mesma forma, Singer aponta como o especismo é amplamente aceito e sustentado por tradições culturais, interesses econômicos e hábitos alimentares, que tornam invisível o sofrimento animal. Assim como Arendt nos alerta para os perigos da passividade frente à violência estatal, Singer nos convida a romper com a cumplicidade cotidiana diante da exploração animal.

Embora o personagem Marcos Tejo se recuse a consumir “carne especial” durante o almoço na casa da irmã, como descrito no capítulo anterior, isso não o isenta de participar do sistema de exploração de cabeças retratado na narrativa. Ele contribui para o regime violento instaurado em *Cadáver Exquisito*. Sua recusa em comer carne não é, em nenhum momento, explicitamente associada a uma defesa das “cabeças” destinadas ao consumo. Embora não consuma a “carne especial”, Marcos não se posiciona como defensor dos direitos dos humanos criados para abate; ele não utiliza sua voz, seus espaços ou as oportunidades que possui para conscientizar os outros. O personagem pode até evitar o consumo direto, mas participa ativamente dos processos de criação, reprodução, abate e comercialização desses corpos. Ele pactua diretamente com a lógica das grandes indústrias da “carne especial”.

A maneira como Agustina Bazterrica conduz a narrativa e a escolha de acompanhar Marcos Tejo em sua rotina pessoal e profissional permitem uma comparação com outros personagens que, assim como ele, também estão inseridos nesse sistema. Nesse sentido, analisaremos a seguir três personagens: Senhor Urami, Gringo e Spanel.

Em uma visita a um curtume, conhecemos o proprietário do estabelecimento: o Senhor Urami. Antes, ele trabalhava com pele de bovinos, mas precisou se adaptar para lidar com a pele humana. Rapidamente, observamos como ele age com naturalidade ao manipular este novo “produto”. Sua preocupação principal é com o estado em que a pele chega ao curtume, pois isso afeta diretamente seu lucro. Existem diferentes tipos de pele humana, e, em determinado momento, ele

pega uma pasta, “la abre y le muestra distintos tipos de pieles. Las toca como si fuesen objetos ceremoniales⁵¹” (Bazterrica, 2018, p. 24).

Conceitos ligados ao horror e à ideia de crueldade, especialmente aquela que se manifesta de forma sistemática, racionalizada ou estruturada perpassam a ideia de Arendt, Singer e Regan. Arendt se ocupa dos animais humanos e Singer e Regan, dos animais não humanos. Ambos, estão na condição de corpos disponíveis e expostos à capacidade do humano em fazer o mal. A atitude natural do Senhor Urami simboliza um ponto de encontro entre a eficiência da indústria e o colapso da empatia, no qual a crueldade não apenas é aceita, é também lucrativa. Este ponto de encontro também acontece na vida real, quando sapatos, bolsas, cintos e outros itens produzidos com a pele ou o couro de animais são comercializados e tratados com a mesma indiferença. A morte se torna um produto.

Além do Senhor Urami, Marcos Tejo possui outro cliente frequente: o criadouro Tod Voldelig, cujo proprietário é conhecido como Gringo. Nesse ambiente, a violência é o cotidiano. Inúmeras “cabeças” estão ali, aprisionadas, isoladas, violentadas e à espera da morte. No final de uma dessas visitas ao criadouro, Gringo e Marcos Tejo se deparam com um churrasco realizado por alguns funcionários no horário de descanso. “Están haciendo un costillar a la cruz⁵²” e, além disso, “los muchachos están a punto de comer un crío. Le aclara: ‘es la carne más tierna que existe, poca, porque no pesa lo mismo que un novillo. Estamos festejando que uno fue padre⁵³’” (Bazterrica, 2018, p. 37).

Na cena, um homem que acaba de ver o nascimento do próprio filho é capaz de consumir a carne de um “bebê” cujo corpo é biologicamente idêntico ao de seu recém-nascido. Esse ato de crueldade, entretanto, foi tão profundamente normalizado que o funcionário não consegue reconhecer sua refeição como um ato violento ou moralmente problemático. Essa incapacidade de perceber o mal remete às reflexões de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal. Segundo a filósofa, o mal pode se manifestar de forma rotineira justamente pela ausência de reflexão crítica.

⁵¹Tradução nossa: “abre e mostra a ele distintos tipos de pele. Toca as peles como se fosse objetos cerimoniais”.

⁵²Tradução nossa: “Estão fazendo uma costela à la cruz”.

⁵³Tradução nossa: “os rapazes estão prestes a comer uma cabeça ainda bebê. Ele esclarece: ‘é a carne mais macia que existe, pouca, porque não pesa o mesmo que um novinho. Estamos comemorando que um deles se tornou pai”.

Não há, nesse funcionário, uma maldade enraizada; ele não pode ser classificado como um homem perverso. O ato de ele assar e comer a carne de um “bebê” não configura crime algum naquele contexto. Pelo contrário: trata-se de um ato legal, respaldado pelo sistema que estrutura aquela sociedade. Ele não enxerga o mal porque não há qualquer indagação interna, nenhuma ruptura com a lógica imposta. Apenas age conforme os valores invertidos de sua realidade, onde certos humanos se tornaram legalmente consumíveis. Essa naturalização revela uma indiferença assustadora, não só dos personagens, mas também da própria narrativa. O narrador descreve a cena de forma fria e mecânica, como quem relata um procedimento técnico, o que intensifica ainda mais a sensação de desumanização e automatismo, características centrais na teoria de Arendt e que pode ser observada na narrativa de *Cadáver Exquisito*.

Na cena do churrasco, há a menção de dois corpos: um é do filho de um funcionário, um ser humano cujos interesses devem ser considerados; o outro, um “bebê” nascido do ventre de uma “cabeça” em um criadouro, visto apenas como um animal não humano, um pedaço de carne — embora ambos possuam corpos biologicamente idênticos. Em *Jaulas Vazias*, Tom Regan (2006) discute as semelhanças entre corpos de animais humanos e não humanos. Para ele, um dos argumentos utilizados pelos seres humanos para justificar a visão dos animais como seres sem direitos ou interesses, o que ele denomina “sujeitos-de-uma-vida”, é justamente a percepção de uma diferença radical entre os corpos. Para o filósofo esse argumento é falho, pois:

Muitas espécies de animais têm corpos parecidos com os nossos sob vários aspectos. Por exemplo, elas têm os mesmos sentidos e os mesmos órgãos que nós. As semelhanças estruturais (anatômicas) entre os humanos e muitos outros animais são ao mesmo tempo óbvias e impressionantes. Neste sentido, temos nossos corpos em comum (Regan, 2006, p. 69).

Na distopia criada por Bazterrica, o argumento da diferença corporal entre animais humanos e não humanos perde completamente o sentido, já que os corpos dos consumidos e dos consumidores são agora idênticos. Ainda assim, há um desinteresse absoluto pelo sofrimento das “cabeças”. A violência foi travestida de rotina burocrática, dever, lei. Em *Cadáver Exquisito*, nenhuma diferença física há entre o que se come e quem come. Da mesma forma, não havia diferenças físicas entre os prisioneiros judeus e aqueles que o matavam, na segunda guerra. A

distância que nos colocamos do corpo do outro, passa a ser a consideração moral para com ele. A obediência ao sistema e a tecnificação ajudam a naturalizar o mal. A morte dos animais é regulamentada pelo Estado e por aqueles que fazem a lei.

Achille Mbembe é um pensador essencial para compreender as formas atuais de dominação, violência e exclusão, especialmente em contextos pós-coloniais, raciais e globais. Ele desloca o debate ético e político para pensar quem é autorizado a viver e quem é condenado à morte, com ou sem visibilidade. A ideia central de Achille Mbembe em *Necropolítica* (2018) é a de que, no mundo contemporâneo, o poder se manifesta não mais prioritariamente pelo controle da vida, mas sim pela produção da morte. Ou seja: o poder moderno exerce-se como o direito de decidir quem pode viver e quem deve morrer. O estado toma decisões sobre os corpos dos outros, tem o “biopoder”.

Essa naturalização do mal pela gestão da morte está presente na obra. Também há a naturalização da violência quando, em eventos comemorativos, celebra-se a vida diante da morte de animais. É muito comum que, em nossa sociedade, ocasiões como casamentos, aniversários, Natal, Ano Novo, entre outros, sejam marcadas pelo consumo de corpos mortos de animais não humanos, vistos como elementos essenciais das festividades. No livro *Coma com Consciência: uma análise sobre a moralidade do consumo de animais*, o professor e pesquisador Gary L. Francione analisa como

consumir produtos animais tem sido considerado normal, pela maioria de nós, durante toda a vida. Todos nós temos lembranças afetuosas de família e amigos nos feriados e outras ocasiões especiais, onde sempre havia vários pratos servidos com produtos animais (Francione, 2015, p. 13).

Ainda na cena do churrasco, quando oferecem um sanduíche a Marcos Tejo e ele recusa, “todos lo miran sorprendidos⁵⁴” (Bazterrica, 2018, p. 37). A reação dos colegas de Marcos na narrativa se assemelha àquela frequentemente direcionada a veganos e vegetarianos na vida real. A recusa em consumir produtos de origem animal causa estranhamento justamente por ir na contramão do que é socialmente considerado natural ou correto. Conforme destaca o filósofo Oscar Horta (2017), nossa aceitação social da exploração animal está profundamente enraizada em estruturas culturais que justificam o sofrimento como algo normal e necessário, produzindo uma espécie de cegueira moral coletiva. Dessa forma, quem recusa

⁵⁴ Tradução: todos o olham surpresos.

participar da exploração animal é considerado estranho, evidenciando como normas culturais moldam a percepção do que é o correto. Mas este correto costuma ser defendido de maneira simplista, como o próprio autor observa no trecho abaixo:

A menudo se defiende el especismo de una forma muy simple. Consiste en decir que los humanos importan más simplemente «porque sí». Es decir, en dar por supuesto que los seres humanos somos especiales tan solo porque somos humanos, únicamente por la especie a la que pertenecemos, sin más razones. Así no se está argumentando realmente nada. Solamente se está afirmando algo, pero sin razonarlo⁵⁵ (Horta, 2017, p. 22).

Desse modo, Horta evidencia que o especismo é sustentado por uma lógica frágil e culturalmente condicionada, que atribui valor superior aos seres humanos sem qualquer justificativa racional. A moralidade humana é moldada por tradições e crenças que naturalizam o sofrimento animal e impedem uma avaliação ética mais justa e coerente.

Além do curtume do Senhor Urami e do criadouro de Gringo, outro local que desejamos analisar é o açougue, cuja proprietária é uma mulher chamada Spanel. Com o surgimento do vírus GGB, os açougues foram imediatamente fechados, mas reabriram durante o processo de “transição”. Spanel foi uma das primeiras a retomar as atividades comerciais, passando a vender exclusivamente “carne especial”. “Para Spanel tocar, cortar, triturar, procesar, deshuesar, despiezar esos que una vez respiró es una tarea automática, pero de precisión. És una pasión contenida, calculada⁵⁶” (Bazterrica, 2018, p. 47). Os verbos tocar, cortar, triturar, processar, desossar e despedaçar descrevem ações repetitivas e mecânicas, que revelam o caráter automatizado do trabalho. A sequência desses verbos reflete uma série de processos industriais, onde cada ação é uma etapa para transformar um ser vivo em produto.

Spanel não nega a humanidade da carne que vende, mas esvazia de significado essa consciência ao tratá-la como um dado prático. Sua fala revela essa separação entre conhecimento e ação:

Sé que cuando me muera alguien va a vender mi carne en el mercado clandestino, alguno de esos parientes lejanos y horribles que tengo. Por

⁵⁵Tradução nossa: Frequentemente, o especismo é defendido de uma forma muito simples. Consiste em dizer que os humanos importam mais simplesmente “porque sim”. Ou seja, em supor que os seres humanos são especiais apenas por serem humanos, unicamente pela espécie à qual pertencemos, sem outras razões. Assim, na realidade, não se está apresentando nenhum argumento. Apenas se está afirmando algo, mas sem justificá-lo racionalmente.

⁵⁶Tradução nossa: “Para Spanel, tocar, cortar, triturar, processar, desossar, despedaçar aqueles que um dia respiraram é uma tarefa automática, mas de precisão. É uma paixão contida, calculada”.

eso fumo y tomo, para que el sabor de mi carne sea amargo y nadie disfrute con mi muerte'. Da una pitada corta y dice: '*Hoy soy la carnicera, mañana puedo ser el ganado*'⁵⁷ (Bazterrica, 2018, p. 51, grifo nosso).

Spanel age por rotina e funcionalidade. A personagem revela a lógica biopolítica que rege esse sistema, regulando quem pode viver e quem pode morrer. Por outro lado, ao dizer “hoje sou a açougueira, amanhã posso ser o gado”, Spanel também reconhece que pode se tornar carne. Ela revela que a fronteira entre quem exerce o poder e quem sofre a exclusão é instável: ela é, ao mesmo tempo, agente e vítima do sistema biopolítico.

Em *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (2002), o filósofo italiano Giorgio Agamben (1942–) aprofunda a ideia de biopolítica com o conceito de *bíos*, uma vida natural, simplesmente o fato de estar vivo e *zoé*, a vida qualificada, aquela que tem direitos, reconhecimento político e valor social. A partir dessa ideia, o filósofo cria o conceito de *vida nua*: quando alguém está vivo biologicamente, mas fora das leis, sem cidadania ou direitos. Os corpos humanos consumidos na narrativa possuem uma *vida nua*, o que Agamben nomeia como *homo sacer*.

A teoria de Agamben ajuda a compreender como a personagem Spanel, mesmo sendo parte ativa do sistema — açougueira — não está fora da lógica da biopolítica. Ela é uma vida administrada e, em potencial, sacrificável, já que reconhece que pode se tornar carne como os demais. Isso exemplifica como nenhum corpo está plenamente seguro dentro de um sistema biopolítico radical, onde o poder decide quem pode viver e quem pode morrer, ou nesse caso, quem pode ser consumido. A linha entre a vida protegida (*bíos*) e a vida matável (*zoé*) é tênue e volátil. Spanel representa a interseção entre o sujeito que executa o mal de forma burocrática e automatizada (banalidade do mal) e o corpo que pode ser desumanizado, consumido e eliminado (biopolítica).

3.2 A sensação de estranhamento do leitor

Na literatura, o conceito de estranhamento surgiu com os formalistas russos e foi usado pela primeira vez por Viktor Chklovski em seu trabalho “A arte como

⁵⁷Tradução nossa: “‘Sei que quando eu morrer alguém vai vender a minha carne no mercado clandestino, algum desses parentes distantes e horríveis que eu tenho. Por isso fumo e bebo, para que o sabor da minha carne seja amargo e ninguém desfrute da minha morte’. Dá uma tragada rápida e diz: ‘hoje eu sou a açougueira, amanhã posso ser o gado’”.

procedimento”, publicado em 1917. O conceito versa sobre a função da arte na sociedade. Refletindo sobre o papel da arte, Viktor Chklovski argumenta que

o objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção (Chklovski, 1917, p. 45)

A arte ensina a olhar para o mundo com atenção renovada, não apenas a reconhecer aquilo que já se conhece. Ao desafiar a nossa percepção, ela exige mais esforço e tempo para ser compreendida e isso interrompe nossa visão rasa e automática. Em outras palavras, a arte transforma a relação que temos com o mundo e tira o nosso hábito de olhar ao redor sem reflexão e, muitas vezes, essa mudança provoca uma sensação de estranhamento.

Esse conceito de estranhamento está relacionado à experiência do leitor em *Cadáver Exquisito*. Na obra, Bazterrica revela o que já estamos acostumados, aquilo que se tornou um hábito, e entrelaça isso ao indizível, ao estranho, ao repulsivo. Ou seja, ela une a naturalidade do consumo de proteína animal na nossa sociedade com a estranheza do canibalismo em um mundo distópico, provocando um efeito de deslocamento no leitor. O estranhamento ocorre quando algo foge das expectativas ou do contexto habitual, e, por meio da arte, somos levados a enxergar a realidade de um modo diferente, sem reconhecer de imediato.

Na narrativa, quando corpos humanos substituem os animais não humanos na cadeia de produção de carne e seus derivados, o leitor passa por um processo de desautomatização da realidade. Aquilo que antes não estava no centro de suas reflexões torna-se motivo de inquietação. Essa inquietação surge por dois motivos: primeiro, pela ideia perturbadora de que o canibalismo poderia se tornar uma possibilidade real na sociedade; segundo, pela reflexão sobre o consumo de carne em nossa própria realidade e a naturalização da exploração animal. A seguir, analisaremos essas duas dimensões.

Cadáver Exquisito é uma obra que se insere no gênero distopia, ou seja, trata-se de uma narrativa fictícia que retrata um cenário de crise, onde a liberdade individual é limitada e as normas sociais são distorcidas. Distopias não são apenas fontes de entretenimento, mas atuam como um reflexo da nossa realidade social.

Essas obras exploram medos sociais que já estão presentes na sociedade de alguma maneira, como desastres naturais, escassez de recursos, epidemias, etc.

A capacidade de sonhar e imaginar o próprio futuro é, para muitos, um dos atributos que diferenciam o ser humano dos demais animais, uma ideia que remonta à antiguidade grega, presente no pensamento de Aristóteles ao abordar a complexidade dos seres. A palavra utopia nasce dessa capacidade humana de imaginar e racionalizar, refletindo o desejo por uma sociedade justa e feliz⁵⁸. Para que isso aconteça, é preciso estabelecer regras e acordos sociais, o que muitas vezes exige abrir mão de interesses individuais em favor do bem coletivo. No entanto, o que é visto como ideal por alguns pode ser opressor para outros. A utopia, em busca de uma sociedade ideal, desconsidera as diferenças dentro de um grupo e ao tentar eliminar conflitos pode acabar gerando sofrimento para alguns cidadãos. Dessa forma, a utopia de uns pode ser a distopia de outros.

Essa condição torna difícil estabelecer um limite claro entre os conceitos de utopia e distopia. Tanto é que o filósofo polonês Jerzy Szachi publicou, em 1972, o livro *As utopias ou a felicidade imaginada*, no qual discute justamente a linha tênue que separa uma da outra. Para Jerzy Szachi (1972), nas obras utópicas clássicas, como *Utopia*, de Thomas More (1516), o autor constrói uma sociedade ideal, apresentada com riqueza de detalhes e destacada como um modelo benéfico para a humanidade. Essa sociedade idealizada é contrastada com a sociedade da época, retratada de forma breve e negativa. Afinal, o objetivo de uma obra utópica é justamente destacar a possibilidade de um mundo melhor. Já nas obras distópicas, o movimento é inverso: o autor descreve com detalhes uma sociedade futura deteriorada, enquanto a sociedade atual, considerada positiva, aparece apenas como pano de fundo. O foco das distopias é alertar como as coisas podem piorar caso nenhuma atitude enquanto sociedade seja tomada (Szachi, 1972).

Cadáver Exquisito exemplifica o conceito de distopia apresentado por Jerzy Szachi, segundo o qual esse tipo de narrativa se concentra na descrição detalhada de uma sociedade futura perversa, enquanto a sociedade atual é apenas brevemente mencionada ou sugerida. A distopia criada por Bazterrica revela uma realidade desumana e cruel, provocando no leitor uma reflexão profunda sobre os

⁵⁸ Freud, em *Civilization and its Discontents*, confronta esta provocação: “A realidade é a única inimiga e fonte de todo o sofrimento, com a qual é impossível viver, de tal modo que a pessoa precisa romper todos os seus relacionamentos, caso queira ser feliz” (Freud, 1930, p. 81).

limites éticos da humanidade. A obra atua como uma crítica poderosa ao presente, por meio da projeção de um futuro aterrorizante.

O filósofo Jerzy Szachi (1972) aponta algumas características comuns às obras distópicas que auxiliam na compreensão da sensação de estranhamento do leitor. Para o autor, as utopias de lugar descrevem cenários distantes, desconhecidos e fantásticos. Em *Utopia* (1516), por exemplo, Thomas More criou uma ilha isolada e fictícia como cenário. Nas distopias, entretanto, ocorre o oposto: pois embora os lugares nem sempre sejam específicos, eles são reconhecíveis, pois refletem uma possibilidade. Em *Cadáver Exquisito*, a história se passa na Argentina, embora a narrativa não especifique a cidade. Essa escolha de ambientar a narrativa distópica em um local reconhecível intensifica o estranhamento e a inquietação do leitor. Diferentemente das utopias clássicas, que se distanciam da realidade, as distopias se aproximam perigosamente do cotidiano. Troca-se o “isso nunca aconteceria aqui” pela possibilidade de que os horrores descritos não apenas sejam possíveis, mas também construídos a partir de traços já presentes na sociedade, como a desigualdade, o consumo desenfreado e a desumanização do outro.

Além disso, alguns momentos da narrativa mencionam cenários reais. Um exemplo é quando o protagonista, Marcos Tejo, assiste a notícias antigas e cita atos de vandalismo contra a famosa escultura *O Touro de Wall Street*, localizada em Nova York. Também são mencionados ataques à pintura *Gato e Pássaro*, do pintor suíço-alemão Paul Klee, no Museu de Arte Moderna (MoMA) em Nova York e à obra *Riña de Gatos*, do espanhol Francisco de Goya, exposta no Museu do Prado, na Espanha.

A menção a ataques contra obras de arte que retratam animais não humanos evidencia a raiva dos humanos contra as outras espécies após o surgimento do vírus GGB. Mas, para além disso, ao situar esses episódios em locais reais e reconhecíveis, Bazterrica rompe com a distância ficcional. O mundo perturbador de *Cadáver Exquisito* invade espaços que são familiares, o que intensifica o sentimento de estranhamento. Essa proximidade entre realidade e ficção intensifica o sinal de alerta lançado pela obra, pois, sendo a distopia um aviso potencial ao ser humano, faz sentido que sua narrativa se desenvolva em espaços reais, conhecidos e já explorados. Ao fazer isso, a ficção deixa de parecer distante e passa a ser uma possibilidade inquietante.

Outra característica analisada por Jerzy Szachi, em *As utopias ou a felicidade imaginada* (1972), refere-se à localização onde as obras se passam, porém não no sentido tradicional. Enquanto as utopias de tempo descrevem uma sociedade ideal, o foco não está mais no “onde”, mas no “quando”. Por exemplo, em obras utópicas a felicidade não está no hoje, mas no amanhã, em sociedades que ainda existirão. Em distopias, contudo, é o contrário. Nesse tipo de narrativa frequentemente o mundo ideal já não existe mais e a felicidade ficou no passado e, muito dificilmente, poderá ser recuperada. Isso ocorre em diversas distopias clássicas como *1984*, de George Orwell, em que a liberdade e a verdade foram apagadas por um regime totalitário absoluto, restando ao protagonista apenas vagas lembranças de um tempo anterior ao controle do Grande Irmão. Em obras distópicas, a narrativa se encerra, o protagonista vive sua jornada, em alguns casos se rebela e luta contra o sistema, mas a felicidade, aquele mundo de antes não é e nem pode ser recuperado.

O mesmo efeito ocorre em *Cadáver Exquisito*. O mundo anterior não existe mais; ele sobrevive apenas na memória fragmentada dos personagens. O presente é cruel e irremediável, e é justamente esse contraste entre o que foi e o que nunca mais poderá ser que causa estranhamento e medo. A narrativa não se limita ao horror da carne humana consumida como alimento: ela apresenta, com frieza, um conjunto de mudanças sutis e brutais que revelam a perda da humanidade. Os enterros, por exemplo, deixaram de existir, substituídos por cremações compulsórias, uma vez que cadáveres passaram a ser desenterrados para alimentar o mercado clandestino de carne. Em espaços abertos, andar sem guarda-chuva é visto como um ato imprudente, devido ao suposto risco de infecção por pássaros — parte do discurso oficial. A sociedade sobrevive, mas vive com medo.

A maioria das obras distópicas reflete os medos sociais e se debruçam sobre questões morais, sociais, tecnológicas e filosóficas através da criação de realidades fictícias. Algumas narrativas focam no controle excessivo do governo sobre os cidadãos, isto é, um controle político do corpo como ocorre no clássico livro *1984* de George Orwell e *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury. Outras, dão ênfase em catástrofes ambientais, como em *Não Verás País Nenhum* do escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, que retrata um país devastado, onde a Floresta Amazônia virou um imenso deserto. Independentemente do foco principal de uma

obra distópica, ela sempre carrega uma dimensão crítica voltada para a realidade contemporânea.

Como afirma a pesquisadora americana Riven Barton, em seu estudo *Dystopia and the Promethean Nightmare* (2016, p. 17), “the dystopian in popular fiction acts as a mirror of our collective fears and as a warning of potential behaviors”⁵⁹. Ou seja, mais do que imaginar futuros sombrios, a literatura distópica revela preocupações reais do presente, como o autoritarismo, a manipulação da verdade, a destruição ambiental e o uso excessivo da tecnologia, e alerta sobre os riscos de determinadas escolhas sociais, políticas e tecnológicas. A popularidade do gênero distópico pode ser atribuída a sua capacidade de articular a arte com os medos, tensões e contradições do mundo contemporâneo. *Cadáver Exquisito*, de Agustina Bazterrica, é uma distopia atual. A obra, publicada pela primeira vez em 2017, ganhou forte repercussão no início de 2020, quando o mundo começou a sofrer as primeiras consequências da pandemia do Covid-19.

Na obra de Bazterrica, a linha entre ficção e realidade se mistura em alguns momentos. A narrativa apresenta um vírus desconhecido que gera medos profundos e incertezas existenciais nos personagens. Essa representação literária se espelhava de maneira impressionante no que vivenciamos em nossa sociedade contemporânea no início de 2020, onde um vírus igualmente desconhecido provocou uma crise global marcada por angústias semelhantes. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou oficialmente a Covid-19 como pandemia global. Paralelamente, a sociedade passou a lidar com notícias falsas, teorias da conspiração, isolamento social, incertezas econômicas e pânico coletivo. Os personagens de *Cadáver Exquisito* questionavam o futuro da humanidade naquela sociedade fictícia, assim como nós questionamos o futuro da nossa própria sociedade.

Hoje, quase seis anos após o início da pandemia de Covid-19, nosso mundo ainda carrega as marcas desse período turbulento. Milhões de pessoas morreram em todo o mundo e outras tantas perderam aqueles que amavam. Apesar do sofrimento, parece que não aprendemos a lição que nos foi dada, uma verdadeira segunda chance, um alerta urgente. Ainda não repensamos de forma significativa a maneira como tratamos a natureza, os animais não humanos e os recursos do

⁵⁹Tradução nossa: A distopia na ficção popular atua como um espelho de nossos medos coletivos e como um aviso de comportamentos em potencial.

nosso planeta. Continuamos explorando e consumindo de forma desenfreada, como se o aviso não tivesse sido suficiente. O vírus da covid-19 não extinguiu os animais não humanos, mas e se tivesse? Onde estaríamos? Em um mundo sem outras espécies, qual alternativa escolheríamos? O verdadeiro teste dos nossos valores emerge nos momentos de crise, quando nossas decisões confrontam o que consideramos aceitável.

Na literatura, mais do que na vida, o infinito se abre em cada página e tudo pode acontecer. Mas na vida, mesmo em sua aparente rigidez, o impossível também pode ocorrer. E se acontecesse? Obras distópicas são poderosas ferramentas para desautomatizar a percepção da realidade. *Cadáver Exquisito* apresenta uma narrativa inquietante que desestabiliza o leitor e o leva a questionar a possibilidade real de uma sociedade legalizar o canibalismo. Mas, também desautomatiza o leitor em um outro sentido: o consumo de produtos de origem animal e o tratamento dado a eles.

Quando Bazterrica constrói uma narrativa na qual corpos humanos substituem os corpos de animais não humanos na cadeia de produção, estabelece-se uma associação imediata entre os procedimentos descritos na obra e uma inquietante pergunta: será que práticas semelhantes acontecem com os animais em nossa sociedade? Nem todo cidadão tem consciência do processo que está por trás do alimento de origem animal em seu prato. Alguns desconhecem essa realidade por falta de acesso à informação, mas a grande maioria escolhe deliberadamente não saber. Se o tratamento dado aos animais não humanos é um fato que o leitor prefere ignorar, *Cadáver Exquisito* não é uma leitura confortável. No livro, são corpos humanos, mas a forma como a obra é escrita escancara a vida dos animais não humanos. Enjaulados, isolados, usados, maltratados e, no fim, quando tudo que era possível tirar deles já foi tirado, eles são assassinados. Como seria possível que uma narrativa assim não causasse uma sensação de estranhamento?

Além do mencionado, é importante mencionar o aspecto da narração do livro. A linguagem é crua e direta. A obra insere o leitor em uma realidade brutal das primeiras às últimas palavras. Os verbos no presente indicam ações contínuas e imediatas, pois a violência e a crueldade não pertencem ao passado; elas estão no cotidiano do protagonista, repetindo-se dia após dia. O narrador, que se demonstra indiferente diante de cada descrição detalhada e cruel, não é uma escolha deliberada. Em uma entrevista, Agustina Bazterrica contou que “la manera en que

narro, es la manera en la que se faenan los animales⁶⁰” (Cortés, 2021, p. 279). Sem envolvimento, sem empatia, sem cortes. Uma violência crua e constante.

Essa literatura violenta, vai de encontro com aquilo que o professor e pesquisador brasileiro Jaime Ginzburg comenta. Para ele (2006, p. 37), “o acesso a questionamentos sobre a violência por meio da literatura permite romper com a apatia, o torpor, de um modo importante. Textos literários podem motivar empatia por parte do leitor para situações importantes em termos éticos”. Justamente essa sensação de estranhamento que impulsiona a reflexão crítica do leitor. Ao confrontar a brutalidade sem filtros, a obra desafia o silêncio e a indiferença diante da violência, convidando-nos a questionar não apenas a ficção, mas as estruturas éticas e sociais da nossa realidade.

Ao escancarar um mundo onde o consumo da carne humana é institucionalizado, *Cadáver Exquisito* não apenas representa a barbárie, mas também a estetiza com frieza, revelando que o horror não precisa de gritos para existir. A linguagem de Bazterrica opera no limite do silêncio e da assepsia, como se refletisse a lógica do próprio sistema que descreve: funcional e morta por dentro. Essa escrita se manifesta, inclusive, nas passagens que descrevem o processo de assassinato dentro do matadouro:

Ven cómo el cuerpo sin sangre de la hembra se mueve por el riel hasta que un operario suelta las correas de los pies y el cuerpo cae en un tanque de escalde junto a otros cadáveres que flotan en agua hirviendo. Otro empleado los hunde con un palo y los mueve⁶¹ (Bazterrica, 2018, p. 84).

Neste trecho, assim como em tantos outros, o uso de verbos descritivos e o tom neutro da narração (“se mueve”, “cae”, “flotan”, “los hunde”) reforçam a ausência de emoção e o automatismo da tarefa. Bazterrica constrói, assim, uma linguagem que mimetiza o próprio ritmo industrial da morte dentro de um matadouro. Aqui, o narrador relata o assassinato das “cabeças” com a mesma naturalidade com que se descreveria uma tarefa cotidiana. Esse recurso narrativo encontra eco direto na formulação de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal. Para ela, a prática do

⁶⁰Tradução nossa: “A maneira como narro é a maneira como se abatem os animais”.

⁶¹Tradução nossa: ““Veem como o corpo sem sangue da fêmea se move pelo trilho até que um operário solta as correias dos pés e o corpo cai em um tanque de escaldagem junto a outros cadáveres que flutuam em água fervente. Outro funcionário os afunda com um bastão e os movimenta” (Bazterrica, 2018, p. 84).

mal, quando sistematizada, perde o caráter espetacular e se instala como burocracia moralmente esvaziada.

O horror de *Cadáver Exquisito* não está apenas nos atos cometidos, mas no modo como são organizados, legislados e normalizados. A obra evidencia que a violência extrema pode coexistir com o bom funcionamento institucional, e isso fica evidente no trecho a seguir.

Pasan por un galpón blanco, nuevo, que él no había visto cuando entró. El Gringo lo señala y le dice a la máquina que está invirtiendo en otro negocio, que va a criar *algunos* para trasplante de órganos. Egmont se acerca interesado. El Gringo le da un mordisco al sándwich y con la boca llena de carne le explica: “*Aprobaron la ley finalmente*. Necesito más permisos y controles, pero es más rendidor. Otro buen negocio para invertir⁶²” (Bazterrica, 2018, p. 39, grifo nosso).

No trecho citado, o horror se manifesta não apenas no conteúdo, mas também na forma como é narrado. O tom banal da conversa, que acontece entre mordidas em um sanduíche e comentários sobre negócios, intensifica a crítica: o que deveria ser impensável é tratado como uma oportunidade de investimento, aprovado legalmente. Os seres humanos cujos órgãos serão retirados de seus corpos são referidos como “algunos”, um pronome indefinido que também dilui o próprio conceito de vida humana.

A linguagem, nesse contexto, não revela: encobre. É por isso que o termo “canibalismo” é abolido e substituído por expressões neutras como “carne especial” ou “cabeça”. É o vocabulário da omissão que sustenta o edifício da crueldade. Bazterrica não grita. Mas sua ficção faz ruído no interior do silêncio. Esse mesmo silêncio em que, como Arendt nos alertou, o mal pode se instalar sem resistência.

⁶²Tradução nossa: “Eles passam por um galpão branco, novo, que ele não havia visto quando entrou. O Gringo aponta e diz à máquina que está investindo em outro negócio, que vai criar alguns para transplante de órgãos. Egmont se aproxima, interessado. Gringo dá uma mordida no sanduíche e, com a boca cheia de carne, explica: “Aprovaram a lei, finalmente. Preciso de mais permissões e controles, mas é mais lucrativo. Outro bom negócio para investir”.

4. AS FÊMEAS HUMANAS E NÃO HUMANAS

No universo asséptico e normatizado de *Cadáver Exquisito*, a legalização do canibalismo instala um regime eficiente de processamento humano. O corpo, rebatizado de “carne especial”, entra na cadeia produtiva. Não há margem para escândalo: há protocolos. Dentro desse sistema, as mulheres são destinadas a um setor específico. Engravadam. Parem. Servem. Seu corpo não apenas alimenta: reproduz alimento. A fêmea humana é mantida para gestar e ser consumida. Assim, a lógica especista se sobrepõe à lógica sexista até que ambas se fundam. A mulher vira matriz. A violência torna-se método. E a diferença entre fêmeas humanas e não humanas se dissolve no açougue da linguagem.

O objetivo deste capítulo será analisar a forma como a obra literária expõe a condição da mulher e, conseqüentemente, das fêmeas destinadas a consumo, estabelecendo conexões com a realidade contemporânea. Para além da ficção distópica, a exploração dos corpos femininos humanos e não humanos revela-se como um reflexo das estruturas patriarcais que permeiam a sociedade. Pois, assim como as mulheres do romance são submetidas à reprodução forçada para atender à demanda do consumo humano, na nossa sociedade as fêmeas não humanas, termo utilizado em abordagens ecofeministas para designar animais fêmeas exploradas pela indústria, como vacas, porcas e galinhas, são submetidas a processos que ignoram seus direitos e liberdade.

4.1 Exploração além da carne: a violência contra os corpos femininos

Na narrativa, após o processo de transição, corpos femininos passaram a ser confinados, explorados e assassinados. A narrativa os designa pelo termo *fêmeas*, diferenciando-os das mulheres que ainda possuem direitos dentro daquele contexto distópico. Portanto, ao longo deste subcapítulo, o uso do termo *mulheres* fará referência às personagens femininas livres, enquanto o termo *fêmeas* será empregado para nomear aquelas mantidas em cativeiro, submetidas à exploração e à reprodução forçada.

O primeiro contato do leitor com a realidade dessas fêmeas ocorre no capítulo em que Marcos Tejo visita Gringo, proprietário do criadouro Tod Voldelig. Durante a visita, eles passam por diferentes alas, cada uma com uma função específica dentro do processo. Em uma delas, encontram-se as fêmeas que estão na fase de produção de leite, como mostramos no excerto seguinte:

Pasan por la zona dónde están las lecheras. Tienen máquinas que les succionan las ubres, como las llama el Gringo. 'La leche que sale de esas ubres es de primera' [...] El Gringo les cuenta que son mañeras y que tienen una vida útil corta, que se estresan rápido y que cuando ya son inservibles esa carne la tiene que mandar al frigorífico que provee a la comida rápida para sacar algo más de ganancia⁶³ (Bazterrica, 2018, p. 34)

Essas fêmeas são reduzidas, linguisticamente, ao termo “leiteiras”. Enquanto seus corpos são incessantemente explorados, seu valor e identidade são minimizados a um único produto: o leite. Mulheres têm “seios” ou “mamas”, mas as fêmeas da narrativa têm “ubres”, o mesmo substantivo feminino usado para designar as glândulas mamárias de fêmeas de mamíferos como vacas, cabras e ovelhas.

A vida dessas fêmeas é curta e estressante, resultado de um ciclo interminável de exploração ao qual são submetidas. Mas a crueldade do processo pouco importa, desde que a qualidade do leite que produzem seja de ótima qualidade, “de primeira”. Há uma ênfase na qualidade do produto, enquanto a fêmea, ser vivo e senciente, é vista apenas como fonte de lucro. Após repetidos ciclos de exploração, quando o leite se torna escasso e o lucro diminui, essas fêmeas são consideradas “inservíveis” e enviadas para os frigoríficos para que seus proprietários obtenham um último lucro à custa de suas vidas. A vida cruel imposta às fêmeas da narrativa é comparável à das vacas leiteiras: ambas são reduzidas a meras máquinas vivas de reprodução e produção de leite, tratadas como engrenagens de um sistema altamente lucrativo.

A exploração de corpos de mulheres e de fêmeas não humanas mostra a recusa do ser humano em aplicar a lei de igualdade de interesses. Todos os animais, humanos ou não, são capazes de sofrer. E todos os animais têm o interesse de não sofrer e serem livres. Sabemos disso, mas a ética especista não se

⁶³Tradução nossa: “Passam pela zona onde estão as leiteiras. Elas têm máquinas que sugam seus ubres, como o Gringo chama. ‘O leite que sai desses úberes é de primeira’ [...] O Gringo conta que elas são de vida curta, que se estressam rapidamente e que, quando já não servem mais, essa carne precisa ser enviada para o frigorífico que abastece a comida rápida, para tirar mais lucro”.

importa com o sofrimento do animal não humano. Em Bazterrica, a ética especista passa a desconsiderar o interesse dos próprios seres humanos. O princípio da igual consideração de interesse, de que fala Peter Singer ao argumentar sobre a ética para com o animal não humano, é mais ainda pisado, pois agora até os animais humanos tiveram suas vidas desconsideradas. Bazterrica promove o pensamento sobre o perigo de se ultrapassar limites éticos.

O narrador descreve um cenário em que máquinas manejam um produto. A desconsideração moral para com o outro desconsidera mesmo a capacidade de que o outro é “dorente”, como definiu Ryder (2008). Os humanos sabem muito bem o que sentem e como sentem. Se conscientemente concordam em fazer sofrimento aos animais não humanos, é porque escolhem agir com crueldade, quando isso favorece os interesses daqueles que dominam o mundo político e econômico.

No criadouro Tod Voldelig, o leite é extraído das fêmeas de forma forçada e dolorosa, estabelecendo um paralelo com o tratamento dado às fêmeas de animais leiteiros, especialmente as vacas. Em seu livro *Galactolatria: mau deleite* (2012), a pesquisadora brasileira Sônia T. Felipe analisa a forma como as fêmeas bovinas são usadas na indústria laticínia, demonstrando que “o propósito das gestações e lactações bovinas não é atender às necessidades das vacas ou de seus bezerros, mas desviar a produção láctea para fins comerciais” (Felipe, 2012, p. 49).

Se o objetivo da produção de leite é o lucro, nem toda vaca será destinada a essa função. Apenas algumas raças são selecionadas por apresentarem características mais rentáveis. Quanto mais cedo essa vaca começar a se reproduzir, maior será o retorno financeiro para o produtor. Por esse motivo, o ciclo de reprodução forçada tem início quando as novilhas completam apenas um ano de idade.

Para que haja produção de leite, é necessário que as vacas estejam em constante ciclo reprodutivo, o que implica, inevitavelmente, em sua exploração sexual. Da mesma forma, na narrativa de Bazterrica, a reprodução das fêmeas também é controlada de maneira violenta e sistemática, com inseminações forçadas e o uso de machos destinados exclusivamente a detectar o cio e preparar os corpos femininos para a fecundação. Na narrativa, há o “padrillo de retajo”, um macho garanhão⁶⁴ utilizado exclusivamente para reprodução. Os textos abaixo são a

⁶⁴ Lembrando-se que os escravizados africanos que vieram às Américas recebiam o mesmo termo.

descrição do processo violento que resulta na gravidez de uma fêmea na ficção de *Cadáver Exquisito*:

Que él le dice padrillo de retajo, pero que técnicamente no lo es porque sirve a las hembras, se las monta. Pero le dice que él lo llama de retajo porque le detecta a las hembras que están listas para ser fertilizadas. El resto de los padrillos están destinados a llenar de semen las latas donde lo recolectan para la inseminación artificial⁶⁵ (Bazterrica, 2018, p. 30)

Este macho tiene la habilidad de detectarme los celos silenciosos y me las deja óptimas. Nos dimos cuenta de que si el padrillo se las monta las hembras tienen mejor disposición para la inseminación. Pero tienen hecha una vasectomía para que no me las preñe porque hay que tener el control genético⁶⁶ (Bazterrica, 2018, p. 31)

A violência sexual faz parte do processo e é narrada com termos técnicos e clínicos, como se estivessemos diante de um manual ou folheto que ensina um procedimento mecânico. A ação do “padrillo de retajo” é definida pelo verbo “montar”, remetendo à animalização, pois é um verbo frequentemente usado para descrever o acasalamento de animais, ou seja, reduz essas fêmeas à condição de matrizes animais. Além disso, a expressão “me deja óptimas” indica uma objetificação total desses corpos, que são ajustados e otimizados como máquinas biológicas. Estar “ótimas” é, na verdade, o que Sônia Felipe chamou de “escravização sexual” dentro da indústria suína e bovina (Felipe, 2012, p. 49). Assim como na obra de Bazterrica, na indústria pecuária existe um macho cujo sêmen é extraído e posteriormente inseminado nas fêmeas não humanas por seres humanos. Em outras palavras, “são os humanos que fazem sexo nas fêmeas, são eles que escolhem os machos reprodutores, são eles que ‘enganam’ os machos para obterem seu sêmen” (Felipe, 2012, p. 49).

Essa objetificação e exploração sexual das fêmeas dialoga com um imaginário cultural mais amplo, no qual tanto mulheres fêmeas não humanas são colocadas em posições de inferioridade, moldadas por construções simbólicas e históricas que naturalizam essa dominação. Na cultura ocidental cristã, machista e especista, a mulher é igual em (des)consideração moral. Eva e a serpente são as

⁶⁵Tradução nossa: “Ele diz que ele se chama garanhão, mas que tecnicamente não é porque ele serve às fêmeas, monta nelas. Mas ele diz que o chamam assim porque ele detecta as fêmeas que estão prontas para serem fertilizadas. Os demais garanhões são destinados a encher as latas de sêmen que serão coletadas para a inseminação artificial”.

⁶⁶Tradução nossa: “Este macho tem a habilidade de detectar os cios silenciosos e deixa as fêmeas no ponto. Percebemos que, se o garanhão monta as fêmeas, elas ficam com melhor disposição para a inseminação. Mas ele foi vasectomizado para não engravidá-las, pois é necessário manter o controle genético”.

responsáveis pela danoção humana (a expulsão do Paraíso). A mulher e a serpente são moralmente condenáveis, são as “culpadas” de nossas vidas serem difíceis. A serpente, inclusive, é símbolo de traição. Não se sabe o quanto desses conceitos são conscientes nas mentes humanas, mas sabemos que os mitos cristãos são interpretados de forma desfavorável às mulheres e aos animais não humanos. No cristianismo, a outra grande expressão feminina é Maria, que engravidou de Deus, virgem. A mulher pura. A mãe sofredora. Então, a mulher não virgem, não mãe, é a “outra mulher”, é Eva pecadora. Mulheres e animais não humanos são vistos, em nossa cultura e em nosso momento como “menos”. A inferiorização das mulheres e dos animais não humanos têm raízes comuns.

Essa relação de desvalorização e sofrimento se manifesta concretamente nas condições de confinamento e exploração descritas no criadouro que Marcos visita em *Cadáver Exquisito*. O criadouro Tod Voldelig é imenso. Em um dos galpões destinados às “fêmeas prenhas”, a descrição de algumas delas revela uma crueldade impactante. É possível observar no fragmento abaixo:

Algunas están en jaulas y otras están acostadas en mesas, sin brazos, ni piernas. Él desvía la mirada. Sabe que en muchos criaderos se inhabilita a las que matan a los fetos golpeándose la panza contra los barrotes, dejando de comer, haciendo lo que sea para que ese bebé no nazca y muera en un frigorífico. Como si supieran, piensa⁶⁷ (Bazterrica, 2018, p. 34)

Na citação, Marcos Tejo desvia o olhar. Embora a violência faça parte de sua rotina habitual, neste momento ele se depara com o confinamento e o sofrimento vivos. Um sofrimento imposto a essas fêmeas simplesmente por suas características sexuais, pela capacidade de reprodução e de produzir leite. Isoladas, abandonadas e feridas, essas fêmeas aguardam o momento de parir. Enquanto os humanos “dão à luz”, os animais apenas “parem”, como se entre a fêmea e sua cria não houvesse espaço para o afeto.

Essa representação literária não está distante da realidade concreta da indústria pecuária em nosso mundo, em que as condições de gestação e parto das fêmeas seguem sendo marcadas por confinamento, controle extremo e a supressão dos instintos naturais. Vacas e leitoas são forçadas a parir em locais que não foram elas que escolheram. Se estiverem em liberdade, esses animais instintivamente

⁶⁷Tradução nossa: “Algumas estão em jaulas e outras deitadas sobre mesas, sem braços nem pernas. Ele desvia o olhar. Sabe que, em muitos criadouros, incapacitam aquelas que matam os fetos batendo a barriga contra as grades, deixando de comer, fazendo qualquer coisa para impedir que aquele bebê nasça e morra em um frigorífico. Como se soubessem, ele pensa”.

buscam um local seguro e preparam um espaço adequado para proteger suas crias de possíveis predadores. Em sistemas de confinamento, essa possibilidade não existe. Elas são obrigadas a parir em um ambiente artificial, muitas vezes sobre um chão de cimento.

Peter Singer (2010) descreveu em detalhes como a produção em larga escala impede as porcas de seguirem seu instinto materno de construir ninhos seguros para dar à luz.

Quando a porca está prestes a parir, é transferida para uma “baia de parição”. Ali, ela pode ficar em condições ainda mais restritivas de movimento do que na cela. Um dispositivo apelidado de “donzela de ferro”, que consiste de uma armação de ferro que impede a livre movimentação, foi introduzido e é amplamente utilizado em muitos países. O propósito evidente é impedir que a porca role e esmague os leitões, mas isso também poderia ser conseguido se lhe fossem proporcionadas condições mais naturais (Singer, 2010, p. 187).

Essas fêmeas não humanas têm poucas ou nenhuma chance de fazer escolhas ou de modificar seu ambiente. O isolamento é monótono, e suas vidas são severamente limitadas. Para as fêmeas, após serem violentadas sexualmente e obrigadas a engravidar, há ainda um novo episódio de sofrimento: a separação de seus filhotes. Embora a obra não menciona essa prática de forma explícita, é possível inferir, a partir de alguns momentos textuais, que os filhotes são retirados precocemente das mães, como se observa em: “desde chiquitos los aíslan en incubadoras y después en jaulas⁶⁸” (Bazterrica, 2018, p. 32). Esse tipo de violência não é incomum na vida real; ao contrário, a separação abrupta entre mãe e filhote é uma prática comum e amplamente disseminada nas grandes indústrias. Isso ocorre com fêmeas de diferentes espécies, mas, em larga escala, a prática mais comum envolve vacas e leitoas.

Na indústria do leite, o bezerro permanece com a mãe por apenas cerca de dois dias. Afinal, o fazendeiro não deseja que ele consuma o leite que poderia ser comercializado. Com a separação abrupta, a vaca sofre e muge desesperadamente em busca de sua cria. Sem qualquer demonstração de empatia, “imediatamente após esse desmame abrupto, de um bezerro que mal pôde ser amamentado, a vaca é levada à esteira de extração de leite” (Felipe, 2012, p. 51). Nos meses seguintes, estimuladas por dietas específicas e por hormônios, essas vacas produzem grandes quantidades de leite. Quando a produção diminui e os custos com alimentação e

⁶⁸Tradução nossa: “desde pequenos, eles são isolados em incubadoras e depois em gaiolas”.

hormônios deixam de ser compensadores, chega o momento de a vaca ser novamente inseminada, reiniciando o ciclo.

A vida desses seres é marcada por um ciclo incessante de dor e exploração. O afeto é arrancado, e o sofrimento se repete, dia após dia, como uma prisão sem fim. As vacas, por exemplo, passam por esse ciclo entre quatro e seis vezes ao longo de suas vidas. Quando são consideradas velhas e inservíveis, suas vidas são encerradas e a única justificativa dos produtores é o fato de que esses animais deixaram de ser lucrativos. Simples assim. Para Sônia T. Felipe (2012, p. 50), “quando se toma leite ou laticínios, toma-se parte nessas ações, embora a distância, contribuindo para a manutenção desse sistema de exploração”.

Embora a violência e o sofrimento façam parte da rotina das vacas, sua vida é retratada na cultura popular de forma idílica e enganosa. Nas embalagens, as vacas aparecem sempre felizes, com seus filhotes ao lado, sorrindo em ilustrações coloridas; em desenhos animados e filmes, por exemplo, elas são retratadas como animais dóceis, vivendo livres em grandes pastos. No entanto, na maioria das indústrias, as vacas são tratadas como meras máquinas de leite, cuidadosamente monitoradas para maximizar a produção. Como destaca Peter Singer (2010, p. 201), “a cena bucólica da vaca leiteira brincando com o bezerro no pasto não faz parte da produção leiteira comercial”.

Quando há a possibilidade de observar vacas em ambiente aberto, nota-se que esses animais descansam deitados por mais da metade do dia. No entanto, quando vivem confinadas para aumentar o lucro, os produtores otimizam o espaço das construções, construindo baias com o mínimo de espaço, onde elas mal podem se mover, quanto mais deitar-se para aliviar o peso do corpo, principalmente com as úberes cheias de leite. Para compreender a dimensão do sofrimento imposto a esses animais, Sônia Felipe (2012) convida o leitor a imaginar, com detalhes, a cruel realidade do confinamento:

Para melhor configurar o tormento que isso representa para as vacas, basta se imaginar de pé numa baia uns poucos centímetros mais altas que seus ombros e quadris, presa a uma canga pelo pescoço, de tal modo que não possa olhar para os lados, nem para trás. Nesse espaço, de pé, com as unhas encravadas, imagine-se passando as próximas 24 horas, sendo-lhe dada uma dieta que faz seu estômago e intestino estufarem, sufocando-a, ou causando-lhe diarreias. Nessa mesma posição, vai urinar, defecar, dormir e comer, sem poder sentar-se ou deitar-se. Como estariam os tecidos da sola dos seus pés, suas articulações e unhas encravadas, após as primeiras 24 horas? Doendo? Inchados? Arroxeados? Com bolhas?

Bem, para finalizar a cena, imagine-se agora condenada a essa rotina por 2 a 4 anos de vida [...] (Felipe, 2012, p. 94).

As condições descritas por Sônia Felipe em relação às vacas leiteiras evidenciam um confinamento extremo, marcado por dor e privação de movimentos básicos. Essa mesma violência se estende a outras fêmeas na indústria animal, como as suínas, cuja realidade é detalhadamente exposta por Peter Singer em *Libertação animal* (2010), especificamente no capítulo “Visita a um criador industrial”. A intenção de Singer é fornecer ao leitor que nunca teve contato com a indústria suína um panorama de suas vidas. Essa descrição pode ser observada no excerto a seguir:

Quando prenhes, são, em geral, trancadas em celas individuais de metal de 60 centímetros de largura por 180 de comprimento, pouco maiores que o próprio corpo; ou podem ser presas por uma corrente em volta do pescoço; ou, ainda, podem ser mantidas nas celas e, ao mesmo tempo, acorrentadas. Ali vivem por dois ou três meses. Durante esse tempo todo não podem caminhar mais do que um único passo para frente e outro para trás; não conseguem se virar nem se exercitar. Novamente, a economia em alimento e em mão de obra é o motivo para essa forma brutal de confinamento solitário (Singer, 2010, p. 186).

Os leitões são retirados das mães com cerca de três semanas de vida, um desmame precoce, se comparado ao natural, que ocorreria por volta dos três meses. Diferentemente das vacas, o leite da porca não tem valor comercial; por isso, os produtores desejam que ele seque o quanto antes, permitindo que a fêmea entre novamente no cio e um novo ciclo de reprodução seja iniciado. As porcas são, como disse Peter Singer (2010), tratadas como máquinas de produzir leitões. Quando deixam de cumprir esse papel, seja pela redução no número de filhotes por parto ou pelo desgaste físico, são encaminhadas para o abate. Vivem uma vida marcada por confinamento, solidão, tédio, estresse e violência. Ao final, seu corpo exaurido e violentado é utilizado na produção de salsichas, linguiças, mortadelas, entre outros produtos processados.

Há, ainda, outras fêmeas que sofrem com a ganância humana: as galinhas. Em *Libertação animal* (2010) Peter Singer dedica cerca de trinta páginas para retratar a crueldade a que esses animais são submetidos nas grandes indústrias, sobretudo nas empresas com foco na produção de ovos. Enquanto a vaca é tratada como uma máquina de leite, e as porcas como máquinas de produzir leitões, a galinha é vista como uma máquina de botar ovos. As galinhas poedeiras passam

por um processo chamado debicagem. Embora existam diferentes métodos, como o uso de maçarico, ferro de solda ou guilhotina, todos têm o mesmo objetivo: impedir que os animais biquem as penas umas das outras, comportamento comum em ambientes de confinamento de extremo estresse. As galinhas poedeiras vivem mais do que as galinhas destinadas a consumo, mas isso não pode ser considerado uma vantagem. Singer expõe a realidade das granjas:

Na maioria dos grandes produtores de ovos, as gaiolas são empilhadas umas em cima das outras. A ração e a água são postas em calhas ao longo das gaiolas, abastecidas automaticamente a partir de um depósito central. Os engradados são dotados de piso de arame inclinado. O declive, em geral com um gradiente de um por cinco, dificulta as galinhas ficarem de pé confortavelmente, mas faz com que os ovos rolem para a frente, onde podem ser facilmente recolhidos, ou, nas unidades mais modernas, levados por uma esteira transportadora para uma sala de embalagem (Singer, 2010, p. 161).

Confinadas dessa forma, as galinhas são impedidas de construir ninhos para botar seus ovos, como determina seu instinto natural, o que representa uma grande fonte de sofrimento. “A maneira mais convincente com que uma galinha pode indicar que suas condições são inadequadas é morrer” (Singer, 2010, p. 172). Essa é a realidade das galinhas poedeiras: uma vida de desconforto e sofrimento. Elas botam ovos incessantemente e, quando sua produtividade diminui, são enviadas aos abatedouros, sendo transformadas, assim como as vacas e as porcas, em alimentos de baixa qualidade.

É verdade que existem produtores de ovos que prezam pela criação de galinhas livres de gaiolas, porém mesmo criadas nesses sistemas, as galinhas poedeiras ainda sofrem diversas formas de crueldade. Em muitos casos, elas vivem em galpões fechados, superlotados, com pouco espaço para se movimentar e em condições insalubres. Também passam pelo processo de debicagem e são forçadas a produzir um número excessivo de ovos, o que causa desgaste físico, dores e doenças. Os pintinhos machos, que não servem para a produção de ovos nem para o abate, geralmente são mortos logo após o nascimento, de forma cruel. Quando a produção de ovos diminui, as galinhas são abatidas precocemente, muito antes do fim natural da vida. No final das contas, embora pareça uma alternativa mais ética, a criação de galinhas livres ainda envolve muito sofrimento.

Ao expor parte da realidade da indústria da carne, buscamos dois objetivos principais: em primeiro lugar, oferecer conhecimento e informação sobre práticas

sistemáticas de exploração e violência frequentemente invisibilizadas; em segundo, evidenciar como os corpos de fêmeas não humanas, como vacas, porcas e galinhas, são ainda mais brutalizados, justamente por sua capacidade reprodutiva. Essa lógica de dominação dos corpos reprodutivos dialoga na ficção de *Cadáver Exquisito*.

No romance, tudo o que os corpos das fêmeas podem oferecer é transformado em mercadoria: suas crias são vendidas, seus cabelos são vendidos, o leite é vendido, a pele é vendida, até mesmo o sangue de fêmeas prenhas é comercializado, pois “esa sangre tiene propiedades especiales [...] que le pagan fortunas porque a las que les saca sangre, invariablemente, terminan abortando porque quedan anémicas⁶⁹” (Bazterrica, 2018, p. 33). A lógica do lucro se sobrepõe a qualquer noção de cuidado ou preservação da vida, até mesmo a gestação é explorada como recurso valioso.

Em Bazterrica, tratou-se, simplesmente, de animalizar uma classe de humanos e tudo ficou bem. E, tratar as mulheres como tratamos as fêmeas não humanas é consequência da animalização. O texto de Bazterrica narra, minuciosamente, os processos de manejo pelo qual as mulheres passam. As mulheres que agora estão no mundo dos animais não humanos. E as cenas descritas pelo narrador frio e indiferente, são perturbadoras porque somos obrigados a imaginar aquele acontecimento. E imaginar tal acontecimento traz analogias com o mundo da exploração dos animais não humanos. O narrador de Bazterrica apenas descreve: “sin brazos, ni piernas”, “dejando de comer”, “golpeándose la panza”⁷⁰ para que ela aborte. Da mesma forma, as vacas estão nos criadouros, sendo tratadas como máquina de reprodução, algo como uma impressora.

Na obra, mulheres estão em jaulas, sendo estupradas para ficarem grávidas a fim de extraírem seu leite. Tal como as vacas, as porcas, as galinhas. No mundo do lucro e do paladar, existe uma especialidade de exploração para cada fêmea. O mundo de Bazterrica é a falência da empatia, da compaixão. Mostra como estamos distantes do pensamento de Peter Singer e que foi a base do pensamento da ética para com os animais não humanos: “se um ser sofre não pode haver justificativa

⁶⁹Tradução nossa: “Esse sangue tem propriedades especiais [...] pagam fortunas por ele, porque as fêmeas das quais extraem o sangue invariavelmente acabam abortando, pois ficam anêmicas”.

⁷⁰Tradução nossa: “sem braços e sem pernas”, “deixando de comer”, “golpeando a própria barriga”.

moral para não levar em conta esse sofrimento, independentemente da espécie a qual ele pertença” (Singer, 2010, p. 9).

A separação entre “mulheres” e “fêmeas” reproduz o binarismo presente em sociedades patriarcais e especistas. Assim como vacas, porcas e galinhas, essas fêmeas da ficção vivem enclausuradas, são violentadas, engravidam contra a própria vontade e têm seus filhos retirados sem qualquer respeito por seus laços afetivos. Ao dar rosto, corpo e dor às “fêmeas” humanas, Bazterrica nos força a ver que o sistema de dominação sobre os corpos, seja um animal humano ou não, é o mesmo: baseado no lucro, na hierarquia e na objetificação do outro; um ciclo contínuo de violência institucionalizada.

Neste subcapítulo, foi possível demonstrar como *Cadáver Exquisito* espelha, através da ficção distópica, as práticas reais de confinamento e exploração reprodutiva vividas por animais fêmeas em sistemas industriais. A substituição dos corpos animais por corpos humanos não é apenas um artifício narrativo: é um alerta. Assim, ao mesmo tempo em que denuncia o sistema especista, a autora evidencia como os discursos e práticas que sustentam esse sistema são os mesmos que historicamente subjagam mulheres. O corpo da fêmea humana ou não humana é explorado, mutilado e descartado quando deixa de ser útil.

Agustina Bazterrica nos obriga a olhar diretamente para o abismo de nossas escolhas éticas e políticas. Ela revela que, quando o consumo se sobrepõe à empatia, todas as vidas se tornam sacrificáveis.

4.2 Conexões entre opressões: gênero e espécie

No universo brutal de *Cadáver Exquisito*, a fronteira entre animal humano e não humano se dissolve, dando lugar a uma nova divisão: a que separa consumidores e consumidos. Nesse contexto, as personagens femininas, tratadas explicitamente como “fêmeas”, não apenas perdem sua humanidade ao serem equiparadas a animais não humanos, mas também se tornam objetos de posse, comércio e submissão. Ou seja, são violentadas de duas formas: por serem consideradas animais e por serem mulheres. Diante disso, esta parte do estudo tem como objetivo analisar as conexões entre as opressões de gênero e de espécie a partir do conceito de “referente ausente”, proposto pela ecofeminista Carol Adams

em *Política sexual da carne* (2018). Busca-se compreender de que maneira a obra evidencia a sobreposição de violências sofridas pelas fêmeas, que são simultaneamente animalizadas e objetificadas.

Na história, o protagonista Marcos Tejo encontra-se em uma situação delicada em sua vida pessoal. É nesse contexto de fragilidade que ele recebe, como presente de um fornecedor, uma fêmea PGP (Primeira Geração Pura). O excerto a seguir retrata o momento em que Marcos recebeu a fêmea em sua casa.

— Le traigo un regalo del Gringo. ¿Me firma?
 Él firma sin pensar qué está firmando. El hombre le entrega un sobre y después va al camión. Abre la puerta de atrás, entra y saca una hembra.
 — ¿Qué es esto?
 — Una hembra PGP.
 — Llévesela, ¿quiere? Ahora.
 El hombre se queda parado sin saber qué hacer. Lo mira con desconcierto. Nadie es capaz de rechazar un regalo así. Con la venta de esa hembra se puede acumular una pequeña fortuna. El hombre tira de la sogá que tiene la hembra atada al cuello porque no sabe qué hacer. La hembra se mueve con sumisión⁷¹ (Bazterrica, 2018, p. 43).

O corpo recebido por Marcos Tejo é nomeado como “hembra”, equivalente à “fêmea” em português: uma palavra que se refere ao sexo feminino, mas que é comumente usada para designar fêmeas não humanas. Esse termo genérico retira espaço para nome, voz e identidade, evidenciando o que Carol Adams chama de conceito de referente ausente. Em *A Política Sexual da Carne* (2018), Carol Adams difunde o conceito de “referente ausente”, originalmente definido por Margaret Homan em 1986, no livro *Bearing the Word*. A autora define o conceito no parágrafo abaixo:

Por meio do retalhamento, os animais se tornam referentes ausentes. Os animais com nome e corpo tornam-se ausentes como animais para que a carne existe. A vida dos animais precede e possibilita a existência da carne. Se eles estiverem vivos, não poderão ser carne. Assim, o corpo morto substitui o animal vivo. Sem animais não haveria consumo de carne, mas eles estão ausentes no ato de comer carne, por terem sido transformados em comida. (Adams, 2018, p. 79)

⁷¹Tradução nossa: “ — Eu trouxe um presente do Gringo. Você assina? Ele assina sem pensar no que está assinando. O homem lhe entrega um envelope e depois vai para o caminhão. Abre a porta de trás, entra e tira uma fêmea. — O que é isso? — Uma fêmea PGP. — Leve embora. Agora. O homem fica parado, sem saber o que fazer. Olha para ele confuso. Ninguém é capaz de recusar um presente assim. Com a venda dessa fêmea, ele poderia acumular uma pequena fortuna. O homem puxa a corda que prende a fêmea pelo pescoço porque não sabe o que fazer. A fêmea se move com submissão”.

O corpo feminino que Marcos recebe, entregue em um caminhão como uma mercadoria qualquer, é apresentado como uma “fêmea PGP”. “Fêmea” porque é tratada como um animal não humano, o que torna inadequado o uso do substantivo “mulher”. E “PGP” porque é uma mercadoria, uma propriedade de valor, algo comercializável. Essa noção do corpo como mercadoria é evidente no fragmento citado, quando Marcos menciona que “con la venta de esa hembra se puede acumular una pequeña fortuna⁷²” (Bazterrica, 2018, p. 42). Isto é, esse corpo pode ser morto e transformado em carne; ou vendido como mercadoria para que outro o transforme em carne. De qualquer forma, essa “fêmea” ocupa a posição de referente ausente: a mulher aqui é reduzida a um corpo, sem nome nem voz. O referente de sua humanidade foi apagado.

Na teoria de Carol Adams (2018), os animais não humanos podem se tornar referentes ausentes de três modos. Um deles é o modo literal, quando estão ausentes porque foram assassinados. A fêmea que estamos analisando neste momento ainda está viva, mas permanece ausente. Os processos que ela sofre, como a criação, isolamento e comercialização, têm um único objetivo: transformá-la em carne. Quando esse ciclo se encerrar, ela ocupará o papel de referente ausente no sentido literal, pois estará morta, e sua existência será substituída pelo termo genérico “carne especial”.

Essa “fêmea” é ainda referente ausente no que Carol Adams (2018) chama de modo conceitual. Nesse modo, a linguagem atua como uma poderosa aliada, mascarando e transformando a forma como nos referimos a esses seres, pois “nossa linguagem não se centra apenas no masculino; ela também é centrada no humano” (2018, p.108). Em nossa sociedade, por exemplo, termos como “tulipa”, “bacon” e “filé mignon” designam, na verdade, pedaços de corpos mortos de aves, suínos e bovinos. Essas escolhas linguísticas tornam os animais não humanos ausentes na percepção dos consumidores, facilitando o processo do especismo, pois o que não se vê não se questiona, não há tempo nem espaço para reflexão. Em *Cadáver Exquisito*, no momento em que o narrador descreve Marcos recebendo um presente, as palavras escolhidas são “fêmea” e “PGP”, evidenciando um processo de referente ausente do tipo conceitual. Toda a nossa linguagem é estruturada para evitar o reconhecimento da nossa semelhança biológica com os

⁷²Tradução nossa: “com a venda dessa fêmea poderia acumular uma pequena fortuna”.

animais não humanos. Esses termos ocultam a realidade, a verdadeira identidade do corpo diante de Marcos: uma mulher, biologicamente e anatomicamente humana. Porém, naquele contexto, a forma como essa sociedade se refere a esse corpo o torna ausente. É um corpo desprovido de identidade, direitos, liberdade e desejos.

Marcos Tejo, acostumado a lidar diariamente com inúmeras “cabeças” em seu trabalho, agora possui uma “fêmea PGP” como propriedade. Após recebê-la, o tratamento dado a ela assemelha-se ao de um animal não humano. Ela está nua, presa por uma corda no pescoço, alimentando-se em uma bacia com água e comida colocadas no chão. Não retira a corda do pescoço, não tenta abrir a porta do galpão onde está confinada, não sente vergonha de sua nudez ou de fazer suas necessidades na frente dele, pois foi completamente animalizada. Embora seja biologicamente humana, não é tratada e nem se reconhece como tal. Ela não sabe o que é vergonha, não compreende os códigos sociais e tampouco tem a capacidade de perceber que poderia tentar se libertar.

A trajetória da “fêmea”, agora propriedade de Marcos Tejo, exemplifica como todas as fêmeas são vistas na sociedade distópica de *Cadáver Exquisito*: mulheres humanas colocadas em uma posição de não humanas, reduzidas a mero alimento e objeto de consumo e lucratividade. Ela exemplifica também o ciclo proposto por Carol Adams (2018) de objetualização, fragmentação e consumo que relaciona a violência contra os animais não humanos com a violência contra as mulheres em nossa cultura. Por essa razão, escolhemos acompanhar a trajetória dessa “fêmea” ao longo do romance para compreender como a narrativa expõe e reforça essas relações de opressão entre gênero e espécie.

Desde o momento em que Marcos Tejo recebe a fêmea de presente, o narrador se refere a ela unicamente como “fêmea”. “Abre el galpón. La hembra está acostada sobre las mantas⁷³” (Bazterrica, 2018, p. 58). A relação entre ambos é claramente de proprietário e propriedade⁷⁴. Ele oferece apenas o mínimo necessário para mantê-la viva: comida, água e um espaço onde possa permanecer. Ela, animalizada e assustada, aceita seu destino. Não há resistência, questionamento ou

⁷³ Tradução: Abre o galpão. A fêmea está deitada sobre as mantas.

⁷⁴ Essa realidade aconteceu em Portugal, na época do Salazarismo. Durante o Estado Novo, o pátrio poder era exercido predominantemente pelo homem, que atuava como chefe incontestável da família. A legislação reforçava essa hierarquia, subordinando legalmente a mulher e os filhos às decisões do marido/pai, restringindo sua autonomia civil. Por exemplo, mulheres precisavam de autorização masculina para viajar ou administrar bens próprios, sendo legalmente dependentes de seus maridos em diversas situações do cotidiano (Portugal, Constituição de 1933).

tentativa de fuga. Como os porcos, galinhas e as vacas, ela é tratada como um produto, e assim vive, submissa e silenciosa, porque não conhece outra possibilidade. “Ella es nadie y está en mi galpón, piensa⁷⁵” (Bazterrica, 2018, p. 56). A vida da “fêmea” é reduzida a um pronome indefinido: ninguém. Ser ninguém, nesse contexto, não significa ser alguém de pouca importância, mas sim não ter importância alguma. A fêmea é inexistente aos olhos da sociedade; sua vida pouco importa, de modo que matá-la para consumo ou mantê-la presa vinte e quatro horas por dia é visto como irrelevante. Ela é ninguém, o referente ausente de Carol J. Adams, agora encarnado em carne e osso.

Marcos Tejo vê a “fêmea” como uma propriedade, um objeto de posse, pois, como defende Carol Adams (2018, p. 86), “a objetualização permite ao opressor ver o outro ser como um objeto”. Ao vê-la dessa maneira, Marcos anula sua subjetividade, sua humanidade e sua capacidade de escolha, reduzindo-a a uma função utilitária: servir como alimento, fonte reprodutora e instrumento de lucro. Esse processo de objetualização facilita o processo de dominação porque desumaniza o outro, transformando-o em algo que não exige consentimento nem respeito.

Embora ainda inserida na lógica da desumanização, à medida que o romance avança, o olhar de Marcos sobre a “fêmea” começa a se transformar. No convívio diário, mantendo-a em seu galpão, há momentos em que o protagonista parece enxergar algo que escapa à sua condição de mercadoria.

Se acuesta a su lado, muy cerca, sin rozarla. Siente el calor del cuerpo, la respiración lenta, pausada. Se acerca un poco más. Respira a su ritmo. Despacio, más despacio. Siente su olor. Es fuerte porque está sucia, pero le gusta, parece el olor intoxicante de los jazmines, salvaje y agudo, alegre. Su respiración se acelera. Hay algo que lo excita, esa cercanía, esa posibilidad.⁷⁶ (Bazterrica, 2018, p. 104).

A escolha lexical das palavras 'frágil', 'translúcida' e 'jazmines' contrasta fortemente com a brutalidade com que a personagem e seus semelhantes são tratados ao longo da narrativa. Há um campo semântico de delicadeza e sensibilidade. Os adjetivos evocam o feminino, a feminilidade. Esse deslocamento

⁷⁵Tradução: Ela não é ninguém e está no meu galpão, ele pensa.

⁷⁶Tradução nossa: “Se deita ao lado dela, bem perto, sem tocá-la. Sente o calor do corpo, a respiração lenta, pausada. Se aproxima um pouco mais. Respira no mesmo ritmo. Devagar, mais devagar. Sente seu cheiro. É forte porque está suja, mas ele gosta, parece o cheiro inebriante dos jasmims, selvagem e penetrante, alegre. Sua respiração acelera. Há algo que o excita: essa proximidade, essa possibilidade”.

ambíguo na narrativa se intensifica: embora Marcos Tejo continue tratando a “fêmea” como propriedade, um corpo submisso e silenciado, começa a surgir uma lacuna em sua percepção sobre ela. Aos poucos, passa a enxergá-la com certa humanidade, como alguém que sente, sofre e existe para além da função de consumo. Essa ambiguidade atinge o ápice na cena em que ele a violentou sexualmente.

Entre la lluvia la ve. La ve frágil, casi translúcida, la ve completa. Se acerca para sentir el olor a jazmines y, sin pensarlo, la abraza. La hembra no se mueve, ni tiembla. Sólo levanta la cabeza y lo mira. Tiene ojos verdes, piensa, definitivamente verdes. Él le acaricia la marca de fuego en la frente. Se la besa porque sabe que sufrió cuando se la hicieron, de la misma manera que sufrió cuando le sacaron las cuerdas vocales para que la sumisión sea mayor, para que no grite en el momento del sacrificio. Le acaricia la garganta. El que tiembla ahora es él. Se saca los jeans y se queda desnudo. La respiración se acelera. La sigue abrazando debajo de la lluvia. Lo que quiere hacer está prohibido. Pero lo hace.⁷⁷ (Bazterrica, 2018, p. 143-144)

A cena sugere, à primeira vista, um despertar de empatia. Pela primeira vez ele a vê frágil, translúcida, parece reconhecer sua dor, acaricia suas marcas. Seria este o momento em que Marcos Tejo ultrapassa a visão especista, passando a enxergar a humanidade da fêmea? No entanto, qualquer tentativa de romantização se desfaz diante do ato que se segue, quando Marcos toma para si um corpo submetido e silencioso, que não compreende o sentido do sexo, do que está acontecendo ali. Ela não se move, não treme, apenas olha. Sua passividade não é consentimento, mas resultado da violência estrutural: o que acontece nesta cena não é um gesto de amor ou libertação, mas um estupro. Como observa Carol Adams (2018, p. 96), “no estupro as mulheres são tratadas como objetos inertes, sem que se dê a menor atenção aos seus sentimentos ou necessidades”. A “fêmea” que já era reduzida a um corpo disponível enquanto consumo de sua carne, agora também é objetificada sexualmente. Ela é duplamente reduzida: torna-se alimento e objeto sexual.

A citação acima encerra a parte um do livro. A decisão da autora de encerrar a primeira parte do romance logo após a cena do estupro é significativa, pois ao

⁷⁷Tradução nossa: “Entre a chuva, ele a vê. Frágil, quase translúcida, a vê por completo. Se aproxima para sentir o cheiro de jasmim e, sem pensar, a abraça. A fêmea não se move, nem treme. Apenas levanta a cabeça e o olha. Tem olhos verdes, pensa, definitivamente verdes. Ele acaricia a marca de fogo em sua testa. A beija porque sabe que ela sofreu quando a fizeram, da mesma maneira que sofreu quando arrancaram suas cordas vocais para que a submissão fosse maior, para que não gritasse no momento do sacrifício. Ele acaricia sua garganta. Quem treme agora é ele. Tira o jeans e fica nu. A respiração acelera. Continua abraçando-a debaixo da chuva. O que ele quer fazer é proibido. Mas ele faz”.

fazer isso a narrativa não oferece tempo ao leitor para elaborar ou reagir ao ato. Há um corte abrupto: a página seguinte contém apenas a palavra “dois”, acompanhada apenas de uma citação antes que a história continue. Há um silêncio, um vazio deliberado pela autora. Esse corte da narrativa impede qualquer tentativa imediata de justificação de Marcos Tejo. Não há defesa, nem resposta. Cabe ao leitor criar o seu próprio julgamento, ocupar esse espaço em branco, tomar uma posição. Ao não justificar o ato do protagonista, a autora desloca a responsabilidade da leitura crítica para quem lê.

Além disso, a ruptura no texto indica também uma mudança de eixo na narrativa. O mundo do protagonista na parte dois do livro não será mais o mesmo. Isso é comprovado quando é anunciado que a “fêmea” está grávida: “él le acaricia la panza. Está embarazada de ocho meses⁷⁸” (Bazterrica, 2018, p. 151). A segunda parte da obra traz duas mudanças importantes: a primeira é o fato de uma “fêmea” estar grávida de forma ilegal, considerado um crime dentro da sociedade fictícia, cuja punição pode ser a pena de morte; a segunda é que, a partir de agora, o narrador (e Marcos) atribuem uma identidade a ela. Ela já não é mais uma “fêmea” genérica, mas recebe o nome de Jazmín.

Enquanto a “fêmea” era associada ao mundo animal e descrita com comportamentos instintivos e desumanizados, como em “ella se agacha y toma agua despacio⁷⁹” (p. 55), “desnuda en su galpón⁸⁰” (p. 59), “dorme acurrucada⁸¹” (p. 103), “lo mira confundida⁸²” (p. 104), reforçando sua posição de inferioridade em relação ao protagonista Marcos Tejo, na segunda parte do livro ocorre uma mudança significativa na forma como ela é apresentada. Em primeiro lugar, ela recebe um nome e, posteriormente, começa a ser descrita com traços mais humanos: “aprendió a vestirse sola⁸³” (p. 151), “dibujando con los crayones⁸⁴” (p. 154), “Jazmín lo recibe con un abrazo⁸⁵” (p. 163). Essa transformação sugere que Marcos Tejo passa a reconhecê-la como semelhante, ao menos em certa medida. Ainda que uma hierarquia implícita permaneça, pois ela continua sendo inferiorizada

⁷⁸Tradução nossa: “Ele acaricia a barriga dela. Está grávida de oito meses”.

⁷⁹Tradução nossa: “ela se agacha e toma água devagar”.

⁸⁰Tradução nossa: “nua em seu galpão”.

⁸¹Tradução nossa: “dorme encolhida”.

⁸²Tradução nossa: “o olha com confusão”.

⁸³Tradução nossa: “aprendeu a se vestir sozinha”.

⁸⁴Tradução nossa: “desenhando com giz de cera”.

⁸⁵Tradução: “Jazmín o recebe com um abraço”.

por sua condição de mulher, a dimensão da animalização é suavizada⁸⁶. Se antes era vista apenas como uma “fêmea”, agora ela começa a ser percebida como uma mulher, alguém da mesma espécie.

Essa mudança na representação de Jazmín leva o leitor a questionar se Marcos Tejo está prestes a romper com a lógica desumanizadora da sociedade fictícia de *Cadáver Exquisito*. A forma como ele trata Jazmín, com humanidade, pressupõe que ele está deixando de a ver como uma fêmea animalizada e isso indicaria um ato de resistência frente à estrutura vigente. Em um momento, Marcos pensa na possibilidade de “quisiera enseñarle a leer, pero ¿cuál es el sentido si ella no puede hablar y jamás podría integrarse a una sociedad que la ve como un producto comestible?”⁸⁷ (Bazterrica, 2018, p. 153).

Em espanhol, a palavra “quisiera” é um verbo na primeira pessoa do modo subjuntivo, isto é, um tempo verbal que expressa desejo, hipótese ou algo não concretizado. Nesse caso, a construção da frase revela um desejo frustrado de Marcos Tejo, algo inatingível dentro da sociedade em que ele vive. O que chama atenção, porém, é a forma como Marcos parece se excluir dessa sociedade, como se não fizesse (ou não quisesse fazer) parte dela. Quando afirma que Jazmín “jamais poderia se integrar a uma sociedade que a vê como um produto comestível”, ele se distancia desse coletivo. O uso do artigo indefinido “uma”, e não “nossa”, para se referir à sociedade, reforça esse afastamento: ele descreve o sistema como algo externo a si mesmo, quase como um observador crítico.

No entanto, essa postura revela uma profunda contradição quando, logo após essa reflexão aparentemente empática, o personagem visita um terreno de caça para atender a um pedido específico do proprietário:

Mira el pedido y ve que Urlet remarcó con rojo ‘hembras preñadas’.
 — No quiero más hembras que no estén preñadas. Son idiotas y sumisas.
 — Perfecto. Las preñadas salen el triple y si están de cuatro meses para arriba, salen más.
 — Ningún problema. Quiero algunas con el feto desarrollado, como para comerlo después.
 — Perfecto. Veo que aumentó la cantidad de machos.
 — Los que me traés son los mejores del mercado. Cada vez vienen más ágiles o pensantes, como si eso fuese posible.⁸⁸ (Bazterrica, 2018, p. 168)

⁸⁶Observação decorrente da primeira leitura realizada pela pesquisadora, de caráter interpretativo e subjetivo.

⁸⁷Tradução nossa: “Gostaria de ensiná-la a ler, mas qual seria o sentido, se ela não pode falar e jamais poderia se integrar a uma sociedade que a vê como um produto comestível”.

⁸⁸Tradução nossa: “Ele olha o pedido e vê que Urlet destacou em vermelho ‘fêmeas grávidas’. — Não quero mais fêmeas que não estejam grávidas. São idiotas e submissas. — Perfeito. As grávidas

A gravidez, que em contextos simbólicos tradicionais costuma representar continuidade, afeto e cuidado, é, no universo distópico de *Cadáver Exquisito*, transformada em um dispositivo de lucro e perversidade quando refere-se às fêmeas destinadas ao consumo. Elas não apenas são criadas para o abate, pois elas são também forçadas a parir, convertendo o próprio útero em extensão da indústria da carne. A crueldade, no entanto, não se limita à prática sistemática da reprodução compulsória. A narrativa escancara uma perversidade ainda mais refinada: os corpos grávidos e seus filhos são colocados em terrenos de caça, oferecidos como espetáculo, como se fossem parte de um “programa de lazer”. O horror se dá não apenas na violência em si, mas na forma como ela é organizada como entretenimento. É nesse ponto que a escrita de Bazterrica revela toda a sua força: ao narrar o insuportável com neutralidade cirúrgica, ela obriga o leitor a enfrentar o abismo moral do que está sendo descrito. O romance desnaturaliza a maternidade idealizada e mostra que, sob certas estruturas de poder, a vida gerada também pode ser gerida e explorada. A gravidez não é mais continuidade: é mercado. O ventre não é mais cuidado, é ferramenta. E o texto, ao recusar qualquer alívio, revela com clareza brutal que até os vínculos mais sagrados podem ser convertidos em engrenagens de uma máquina de moer corpos.

A posição de Marcos Tejo é contraditória. Enquanto anota um pedido de “fêmeas prenhes” para o terreno de caça, ele mantém em casa uma “fêmea” que ele próprio engravidou. Isso expõe a hipocrisia de sua postura: embora aparente querer proteger Jazmín desse sistema violento, mantendo-a escondida em casa, ele submete muitas outras “fêmeas” à mesma lógica de dominação. O personagem de Marcos é ambíguo. Ele não se apresenta como um cidadão passivo, ao menos no aspecto intelectual, já que o texto revela seus dilemas éticos em relação ao sistema social e, em certos momentos, demonstra uma sensibilidade que o distancia dos valores dominantes. No entanto, essa consciência crítica não se traduz em uma postura ativa, pelo contrário, sua atitude é marcada pela hesitação. Ele permanece “em cima do muro”, dividido entre a crítica ao sistema e a participação nas práticas cruéis que ele mesmo ajuda a sustentar.

custam o triplo e, se estiverem com mais de quatro meses, custam ainda mais. — Sem problema. Quero algumas com o feto já desenvolvido, para poder comê-lo depois. — Perfeito. Vejo que aumentou a quantidade de machos. — Os que você me traz são os melhores do mercado. Estão cada vez mais ágeis ou pensantes, como se isso fosse possível”.

Ao longo da narrativa, essa duplicidade de Marcos Tejo mantém o leitor em constante incerteza sobre suas intenções. Essa tensão entre consciência e convivência é um dos eixos centrais da construção do personagem, que se revela, ao mesmo tempo, crítico e cúmplice do sistema. Nas páginas finais do romance, após um dia de trabalho, ao retornar para casa, ele encontra Jazmín com dores e um corrimento que indicam que algo não está certo com o bebê. Desesperado, sua reação é telefonar para sua ex-esposa, Cecília, que é enfermeira. Depois de um parto complicado, nasce um menino. Cecília o segura nos braços e, enquanto isso, “Jazmín está na cama y estira los brazos. Los dos la ignoran, pero ella abre la boca y mueve las manos. Intenta levantarse y, cuando lo hace, choca con la cadera la mesa de luz y tira la lámpara⁸⁹” (Bazterrica, 2018, p. 248). Essa cena exemplifica de forma clara o que Carol Adams (2018, p. 115) aponta ao afirmar que “a política sexual da carne é reforçada com a opressão literal das fêmeas”. Essa opressão concreta sustenta o sistema de dominação que reduz o corpo de fêmeas humanas e não humanas a um recurso disponível para uso e abuso pelos opressores.

Nesse momento, Marcos vai até a cozinha, retorna com um machado e atinge a cabeça de Jazmín.

Cecília se sobresalta con el golpe y lo mira sin entender. Le grita: “¿Por qué?! Podría habernos dado más hijos”. Mientras arrastra el cuerpo de la hembra al galpón para faenarlo, él le contesta con una voz radiante, tan blanca que lastima: “Tenía la mirada humana del animal domesticado.”⁹⁰ (Bazterrica, 2018, p. 249)

O corpo de Jazmín foi instrumentalizado até o limite: abusado, esvaziado e descartado. No final, Jazmín volta a ser chamada de “fêmea”. A desumanização através da linguagem retorna, apagando qualquer traço da individualidade que ela parecia conquistar na segunda parte do romance. Sua existência se reduz novamente à função biológica e utilitária: ela não é mais “Jazmín”, mas uma “fêmea”, diminuída ao seu sexo e, portanto, lembrada apenas por seus atributos femininos, especialmente a capacidade biológica de gerar outros de sua espécie. O

⁸⁹Tradução nossa: “Jazmín está na cama e estica os braços. Os dois a ignoram, mas ela abre a boca e movimentando as mãos. Tenta se levantar e, quando consegue, bate o quadril na mesa de cabeceira e derruba o abajur”.

⁹⁰Tradução nossa: “Cecília se sobressalta com o golpe e olha para ele sem compreender. Ela grita: “Por quê?! Ela poderia ter nos dado mais filhos.” Enquanto arrasta o corpo da fêmea para o galpão, a fim de abatê-lo, ele responde com uma voz radiante, tão branca que chega a ferir: “Tinha o olhar humano do animal domesticado”.

“olhar humano de um animal domesticado” que ela manifesta, que poderia ser uma ponte para empatia, é o que, para Marcos Tejo, justifica assassinato. No entanto, dentro do universo da obra, não se trata tecnicamente de um assassinato. Jazmín, por ser legalmente considerada um animal não humano, pode ser morta sem que isso represente crime.

Além disso, na citação acima a descrição da voz de Marcos como “radiante, tão branca que lastima” condensa o contraste entre a brutalidade do ato e a serenidade com que ele o executa. A brancura da voz, associada tradicionalmente à pureza, aqui se converte em signo de perversão: uma pureza que fere, que dói, que carrega em si a frieza de quem naturalizou a violência. Marcos mata com uma voz límpida e sua crueldade não nasce da fúria, mas da convicção.

O desfecho do romance não elimina a complexidade de Marcos Tejo, mas desloca o foco da dúvida. Se, ao longo da narrativa, o leitor hesitava quanto às suas intenções, incerto se ele representava um possível ponto de ruptura dentro do sistema especista ou apenas mais um de seus agentes, nas páginas finais essa indecisão ganha novos contornos. Descobre-se que Jazmín sempre foi, para ele, um meio reprodutor, um corpo instrumentalizado para satisfazer seu próprio projeto. Assim, a dúvida já não recai sobre o que Marcos pretende, mas sobre o que o moveu desde o início: teria ele planejado friamente essa exploração, revelando-se desde sempre um homem violento e especista, ou teria sua adesão à lógica opressora se consolidado de forma gradual, à medida que o enredo avança? Essa incerteza final amplia a dimensão trágica do personagem e expõe, com maior força, a profundidade das estruturas de dominação que o romance denuncia.

Marcos e Cecília agora possuem um filho, fruto direto da violência e da objetificação do corpo de uma “fêmea”. O nascimento da criança é marcado pelo silenciamento definitivo de Jazmín. A criança é o símbolo da permanência do sistema, da continuidade de uma lógica que transforma corpos em mercadoria, úteros em ferramentas de produção e o feminino em algo descartável. Nessa sociedade, a vida só é válida quando serve aos desejos e interesses dos seres humanos.

4.3 A representação das fêmeas humanas

Nos capítulos anteriores, dedicamo-nos a analisar as fêmeas consideradas não humanas no contexto da narrativa, com foco naquelas aprisionadas nos criadouros e submetidas à constante exploração e violência. Demos ênfase à personagem Jazmín, observando as diversas formas de violência que ela sofreu até o final de sua vida. Neste momento, o foco se desloca para as fêmeas humanas presentes na obra. Buscamos compreender de que maneira elas reagem e atuam dentro de um sistema violento, opressor e patriarcal, especialmente no que diz respeito ao consumo e à exploração das fêmeas não humanas. Nosso objetivo é identificar se, e em que medida, elas reproduzem as lógicas de dominação patriarcal daquela sociedade.

Começaremos com a personagem Marisa, irmã do protagonista Marcos Tejo. Marisa é mulher, mãe e esposa. Ela prepara as refeições para a família com a “carne especial”. Isto é, ela é uma mulher carnista. Das vezes que Marisa aparece na narrativa, duas merecem destaque. O primeiro momento, é quando Marisa revela ser uma cidadã que reproduz uma cultura patriarcal e especista ao questionar, de forma irônica e com desdém, as escolhas alimentares do irmão.

—No estoy comiendo carne, Marisa.
La hermana lo mira con sorpresa y con cierta sospecha.
—No te habrás convertido en uno de esos veganoides, ¿no?⁹¹
(Bazterrica, 2018, p. 109)

O excerto em destaque já foi mencionado anteriormente neste trabalho para evidenciar como as escolhas alimentares das pessoas que se recusam a consumir produtos de origem animal são frequentemente questionadas e desqualificadas como mero sentimentalismo. No entanto, agora a análise se volta à perspectiva de quem profere a fala: uma mulher. Há, nesse ponto, uma ironia estrutural, já que Marisa, embora não se encontre em situação de vulnerabilidade social, integra um grupo historicamente afetado pelas dinâmicas patriarcais, mas ainda assim reproduz e legitima o discurso dominante, ridicularizando aqueles que o contestam.

⁹¹Tradução nossa: “—Não estou comendo carne, Marisa. A irmã o olha com surpresa e certa desconfiança. —Você não virou um desses veganoides, né?”

Marisa não apenas consome, mas também legitima o sistema de exploração, tornando-se cúmplice de suas violências. Para que ela possa “preparar unos riñones especiales marinados al limón con hierbas que te vas a chupar los dedos⁹²” (Bazterrica, 2018, p. 109), inúmeras fêmeas precisam ser aprisionadas, violentadas e forçadas à reprodução. O vegetarianismo ridicularizado por Marisa representa, conforme aponta Carol Adams (2018, p. 242), uma forma de resistência à lógica do “referente ausente”, a qual transforma mulheres e animais não humanos em objetos. A fala de Marisa, portanto, evidencia como as mulheres também podem assumir o papel de agentes ativas na sustentação de uma lógica opressora, sobretudo quando isso lhes oferece uma sensação de pertencimento ou de poder dentro da hierarquia social vigente. Retoma-se aqui a conhecida inversão de papéis, em que o oprimido anseia por ser o opressor.

A princípio, temos a impressão de que Marisa é uma consumidora passiva da chamada “carne especial”, tendo contato apenas com o produto já limpo e embalado. No entanto, à medida que a narrativa avança, a personagem revela um lado profundamente cruel. Durante uma cerimônia realizada em sua casa em homenagem ao pai recém-falecido, Marisa serve aos convidados “un brazo que está siendo fileteado” (Bazterrica, 2018, p. 233). Mas não se trata de qualquer tipo de carne: Marcos, familiarizado com o produto, percebe que é carne excessivamente fresca. Desconfiado, ele vai até a cozinha e encontra, trancada em uma pequena despensa, uma “fêmea PGP” ainda viva, com um dos braços cortados.

Marisa e o marido haviam adquirido uma “cabeça doméstica” e, com isso, os direitos de propriedade sobre o corpo da fêmea. Para garantir carne fresca sempre à disposição, o casal aprendeu a realizar cortes em pontos específicos do corpo, de modo que a vítima permanecesse viva o maior tempo possível. A citação a seguir evidencia a crueldade:

Llega a la cocina. Siente como un golpe un olor rancio, pero fugaz. Camina hacia la puerta del cuarto refrigerado. Se asoma y adentro ve a una cabeza sin un brazo. “La conseguí, la muy turra”, piensa. Tener una cabeza doméstica en la ciudad es un signo de estatus que da prestigio. La mira mejor y se da cuenta de que es una PGP porque puede distinguir algunas siglas. A un costado, en la mesada ve que hay un libro. Su hermana no tiene libros. El título es Guía para realizar la muerte por mil cortes en cabezas domésticas. El libro tiene manchas rojas o marrones. Siente ganas de vomitar. Claro, piensa, la va a ir descuartizando de a poco con cada

⁹²Tradução nossa: “Preparar uns rins especiais marinados no limão com ervas que vai fazer você lambe os dedos.”

evento y lo de la muerte por mil cortes debe ser algo de moda para que toda esta gente tenga un tema de conversación. Todos en familia cortando al ser vivo que está en la heladera, basándonos en una tortura china milenaria. La cabeza doméstica lo mira con tristeza. Él intenta abrir la puerta, pero está cerrada con llave⁹³ (Bazterrica, 2018, p. 233-234).

Na lógica distópica da obra, possuir uma cabeça doméstica tornou-se um símbolo de prestígio social, ou seja, mais uma forma de afirmar poder econômico e domínio sobre outras vidas. Ironicamente, Marisa mantém em cativeiro uma “fêmea”, biologicamente idêntica a ela, mas socialmente reduzida à condição de animal não humano. O braço amputado dessa cabeça doméstica é semelhante ao seu, mas essa semelhança não desperta empatia. Isso se deve ao processo de objetificação ao qual esse corpo foi submetido. Trancada em uma despensa, a “fêmea” é reduzida a uma função utilitária: fornecer carne fresca. A mutilação atende não a uma necessidade vital, mas ao desejo de ostentar e manter o consumo constante. Trata-se de uma escolha deliberada, perversa e normalizada. A naturalidade com que Marisa sustenta esse sistema evidencia ao máximo a banalidade do mal, no sentido dado por Arendt e que foi trabalho no capítulo 3. Marisa demonstra a capacidade de participar ativamente da violência extrema sem reconhecer sua gravidade, apenas porque ela se tornou parte do funcionamento social aceito.

Os atos de Marisa remetem ao pensamento de Sônia Felipe (2014), que afirma que, assim como lutamos para reconhecer a individualidade, a autonomia e a dignidade das mulheres, precisamos também reconhecer essas mesmas qualidades nos animais não humanos. Negar essa equivalência é perpetuar uma estrutura de opressão que trata determinados corpos como descartáveis. É exatamente isso que as atitudes de Marisa fazem: reforçam e naturalizam um sistema de dominação que transforma o sofrimento alheio em rotina.

A ideia de consumir a carne de um ser ainda vivo parece absurda, tamanha a crueldade envolvida. No entanto, a referência feita na citação acima em

⁹³Tradução nossa: Chega à cozinha. Sente como um golpe um cheiro rançoso, mas passageiro. Caminha até a porta do quarto refrigerado. Espia e, lá dentro, vê uma cabeça sem um braço. “Ela conseguiu, a desgraçada”, pensa. Ter uma cabeça doméstica na cidade é um sinal de status que dá prestígio. Olha melhor e percebe que é uma PGP porque consegue distinguir algumas siglas. Ao lado, sobre a bancada, vê que há um livro. Sua irmã não tem livros. O título é *Guia para realizar a morte por mil cortes em cabeças domésticas*. “O livro tem manchas vermelhas ou marrons. Dá vontade de vomitar. Claro, ele pensa, ela vai despedaçar a cabeça aos poucos a cada evento, e essa história de morte por mil cortes deve estar na moda para que todo mundo tenha um assunto em comum. Todos em família cortando o ser vivo que está na geladeira, baseado em uma tortura chinesa milenar. A cabeça doméstica o olha com tristeza”.

“baseándonos en una tortura china milenaria”, remete a práticas gastronômicas de origem oriental que, embora pouco comuns no Ocidente, ainda ocorrem em algumas regiões específicas do mundo. Um exemplo disso é a técnica de gastronomia japonesa conhecida como *Ikizukuri*, que consiste em preparar animais marinhos minutos antes de serem servidos, sendo alguns deles apresentados ainda com vida. Comer “frutos do mar”, como são chamados, tira desses seres a animalidade. Então, o fato de eles estarem ainda vivos não importa. Trata-se de uma tradição de longa data no Japão, profundamente enraizada na cultura culinária do país. É considerada uma arte gastronômica altamente valorizada tanto pelo sabor quanto pela experiência única que proporciona, o que também se reflete em seu elevado custo financeiro. Os vídeos que expõem essa prática revelam uma cena de tortura, onde cozinheiros e cozinheiras cortam e arrancam a carne de peixes e outros animais do mar enquanto ainda respiram. O sofrimento é real, mas não é visto com empatia.

Marisa tem atitude semelhante quando, para surpreender os convidados da cerimônia do pai, é capaz de mutilar um ser vivo para servir um braço assado com ervas frescas aos seus convidados. Quando uma mulher, como Marisa, explora cruelmente o corpo de outra “fêmea”, ela não escapa das estruturas patriarcais, mas sim as reproduz. A mulher, que na sociedade patriarcal ocupa o espaço do oprimido, agora, que tem a oportunidade, torna-se a opressora. Essa ideia encontra respaldo na teoria de Carol Adams, como se revela no excerto a seguir:

Comer animais é uma prática que funciona como um espelho e uma representação dos valores patriarcais. O consumo da carne é a reiteração do poder masculino em cada refeição. O olhar patriarcal não vê a carne fragmentada dos animais mortos, e sim uma comida apetitosa. Se o nosso apetite reitera o patriarcado, nossas atitudes com relação à prática de se comer animais reificarão ou contestarão essa cultura recebida. Se a carne é um símbolo do domínio masculino, então a presença da carne proclama a retirada do poder de decisão das mulheres (Adams, 2018, p. 270).

A prática da “morte por mil cortes”, registrada em livro na cozinha de Marisa, transforma a refeição em um ritual de dominação, dor e controle. Mesmo sendo uma personagem feminina, ela reproduz os mecanismos do patriarcado ao aderir à cultura carnista que Adams denuncia: ao exercer domínio sobre a “fêmea PGP”, ela internaliza e reforça um sistema que reduz corpos, especialmente os femininos, a objetos de consumo. Através da mutilação e do consumo da cabeça doméstica por partes, Marisa já não mantém nenhum distanciamento em relação à carne que

consome. A cadeia de produção, que antes separava o humano animal e não animal em seu prato, desapareceu. Ela se torna capaz de cortar partes de um corpo semelhante ao seu, cozinhá-las e servi-las aos seus convidados, enquanto aquele corpo permanece no quarto, sofrendo de dor e medo. A partir da leitura de Carol Adams, podemos concluir que o romance distópico denuncia, por meio da figura de Marisa, a permanência de uma lógica patriarcal na cultura alimentar, diferenciando-se apenas pelo tipo de corpos que são violentados: na sociedade real, os animais não humanos; na obra, seres humanos destinados ao consumo.

Outra personagem feminina a ser analisada é a Doutora Valka, uma médica cientista que trabalha em um laboratório realizando as mais diversas experiências em “cabeças”. Marcos Tejo refere-se ao laboratório como um “laboratório de horrores”, expressão que adquire ainda mais peso considerando que parte de sua rotina inclui visitas a criadouros e matadouros. Se até mesmo alguém acostumado com ambientes de abate e confinamento se impressiona com o que presencia no laboratório, é porque se trata de um espaço particularmente cruel. Doutora Valka resume o trabalho feito pelo laboratório na citação a seguir:

Es que el trabajo que hacemos en el Laboratorio Valka es de vital importancia porque, al experimentar con estos especímenes, los resultados son otros. Con avances sustanciales que jamás hubiésemos logrado con los animales. Nosotros ofrecemos un concepto distinto y avanzado del manejo de los especímenes y nuestros protocolos de trabajo se cumplen de manera férrea⁹⁴ (Bazterrica, 2018, p. 219)

Nesse fragmento do romance, observamos a objetificação de corpos humanos disfarçada pelo discurso científico. A doutora Valka justifica a experimentação com seres humanos por meio de uma linguagem técnica e burocrática, referindo-se a eles como “espécimes”. Essa escolha lexical é intencional e estratégica, pois evita reconhecer a humanidade dos corpos utilizados. Ainda que ela não os nomeie como humanos, evidencia-se sua consciência ao compará-los com animais não humanos. Mas é como se esses corpos estivessem em um limbo: não são nem animais humanos e nem animais não humanos. São apenas objetos com vida, espécimes científicas. Há, portanto, a construção de uma hierarquia dentro da própria espécie, em que certos grupos são rebaixados à

⁹⁴Tradução nossa: “É que o trabalho que fazemos no Laboratório Valka é de vital importância porque, ao experimentar com esses espécimes, os resultados são diferentes. Com avanços substanciais que jamais teríamos alcançado com animais. Nós oferecemos um conceito distinto e avançado no manejo dos espécimes, e nossos protocolos de trabalho são cumpridos de forma rigorosa”.

condição de “não plenamente humanos”. A ciência, nesse contexto, sustenta a violência sob a justificativa do progresso e da eficiência. Em nome de benefícios à humanidade, a exploração de outros corpos é legitimada e até mesmo premiada, como revela a Doutora Valka ao afirmar: “me acaban de dar uno de los premios más prestigiosos a la investigación e innovación⁹⁵” (Bazterrica, 2018, p. 219).

As palavras da doutora Valka são calculadas e frias, refletindo a maneira com que conduz seus experimentos. Ao longo da narrativa, são descritos procedimentos cruéis realizados em corpos humanos: alguns “espécimes” são deliberadamente viciados em heroína; outro permanece com o tórax aberto sobre uma mesa, para observação do funcionamento do coração; há ainda aqueles utilizados em simulações de acidentes automobilísticos, a fim de que a indústria automotiva desenvolva veículos mais seguros. Diante de tais práticas, marcadas pela violência e pela objetificação extrema, a doutora Valka, com ironia perturbadora, questiona Marcos Tejo: “¿No es una maravilla?⁹⁶” (Bazterrica, 2018, p. 222).

Doutora Valka também realiza experimentos com “fêmeas”:

lo lleva a una sala nueva, una en la que nunca entró. Hay hembras en jaulas con sus bebés. Se paran frente a una jaula donde la hembra parece muerta y un bebé de unos dos o tres años llora sin parar. Ella le explica que sedaron a la madre para estudiar las reacciones del crío⁹⁷ (Bazterrica, 2018, p. 223)

Aqui está exposto o papel ativo de uma mulher na manutenção e aplicação de um sistema de violência especista. Doutora Valka, em um corpo feminino com capacidade reprodutora, está deliberadamente violentando outra fêmea justamente por causa dessa característica física que a permite reproduzir. As fêmeas enjauladas passaram por inúmeras violências: foram aprisionadas, inseminadas e agora são impedidas de dar afeto aos seus filhos. Todo esse sofrimento é resumido em dados científicos, mesmo que, alguém assim como Marcos Tejo questione: “—¿Cuál es el sentido de hacer eso?, ¿no es evidente cuál va a ser la reacción?⁹⁸” (Bazterrica, 2018, p. 222). A questão não é o motivo de se fazer, mas a

⁹⁵Tradução nossa: “acabaram de me conceder um dos prêmios mais prestigiados de pesquisa e inovação”.

⁹⁶Tradução nossa: “Não é uma maravilha?”

⁹⁷Tradução nossa: “Ela o leva a uma sala nova, uma na qual ele nunca havia entrado. Há fêmeas em gaiolas com seus bebês. Eles param diante de uma jaula onde a fêmea parece morta e um bebê de cerca de dois ou três anos chora sem parar. Ela lhe explica que sedaram a mãe para estudar as reações da criança”.

⁹⁸Tradução nossa: “Qual é o sentido de fazer isso? Não é evidente qual vai ser a reação?”

possibilidade. Doutora Valka se coloca em uma posição de superioridade sobre esses outros corpos que ela nomeia como “espécimes”. Ela tem o poder de usá-los em nome da ciência e, para ela, essa justificativa basta.

Doutora Valka não reconhece a posição compartilhada de vulnerabilidade entre mulheres e animais fêmeas dentro de uma lógica patriarcal. Ela ocupa um lugar de poder e, a partir dele, naturaliza a violência. Como afirma Carol Adams (2018, p. 244), “antes de tudo é necessário reconhecer que, numa sociedade patriarcal, as mulheres e os animais se encontram em uma situação semelhante: são objetos, não sujeitos”. Doutora Valka recusa essa identificação. Ao invés de se empatia com as fêmeas, ela reforça a hierarquia especista, assumindo o papel de opressora.

Momentos antes de mostrar a Marcos Tejo os experimentos com as fêmeas, ela estava justamente desabafando sobre como:

lo difícil que es, todavía en ese siglo, ser mujer y profesional, que la gente la sigue prejuzgando, que recién ahora está logrando que la saluden a ella y no a su asistente, que es hombre, pensando que es el director del laboratorio, que ella eligió no formar una familia y socialmente se lo hacen pagar porque la gente sigue pensando que las mujeres tienen que cumplir algún designio biológico, que su gran logro en la vida fue seguir adelante, nunca claudicar, que ser hombre es tanto más fácil, que esa es su familia, el laboratorio, pero nadie logra entenderlo, no de verdad, que ella está revolucionando la medicina y la gente se sigue fijando si los zapatos que usa son femeninos o si se le notan las raíces porque no tuvo tiempo de ir a la peluquería o si subió de peso.⁹⁹ (Bazterrica, 2018, p. 221)

A doutora Valka reconhece que, apesar de todo o seu sucesso profissional, a sociedade ainda a cobra pela maternidade, por esse “desígnio biológico” culturalmente imposto às mulheres. Ela mesma afirma que “ser homem é mais fácil” e, ao dizer isso, expõe a desigualdade estrutural: para os homens, o sucesso profissional é o que importa, enquanto para as mulheres, a aparência, o comportamento e as escolhas pessoais são constantemente questionados e julgados. Mesmo mulheres que ocupam posições de poder e conhecimento, como a

⁹⁹Tradução nossa: “O quão difícil é, ainda neste século, ser mulher e profissional, que as pessoas continuam a julgá-la antecipadamente, que só agora ela consegue que a cumprimentem a ela e não ao seu assistente, que é homem, pensando que ele é o diretor do laboratório, que ela escolheu não formar uma família e socialmente paga por isso porque as pessoas ainda pensam que as mulheres têm que cumprir algum desígnio biológico, que sua grande conquista na vida foi seguir em frente, nunca desistir, que ser homem é muito mais fácil, que essa é sua família, o laboratório, mas ninguém realmente entende isso, ninguém de verdade, que ela está revolucionando a medicina e as pessoas continuam a reparar se os sapatos que ela usa são femininos ou se suas raízes estão visíveis porque ela não teve tempo de ir ao salão de beleza ou se ela ganhou peso”.

doutora Valka, continuam a ser oprimidas por um sistema que privilegia o patriarcado. Nesse contexto, tanto ela quanto as fêmeas que ela mantém aprisionadas são vítimas de um mesmo sistema.

Ser mulher é estar constantemente sujeita a inúmeras limitações e violências. Mesmo estando ciente dessas opressões, a Doutora Valka, em sua posição de mulher, pesquisadora e médica, perpetua a violência contra outras fêmeas ao se colocar em uma posição de superioridade. No contexto distópico da obra, sua condição de humana não a protege das violências dirigidas às mulheres. A doutora Valka denuncia a cultura patriarcal que a oprime, e é nesse ponto que a reflexão de Carol Adams se torna relevante. Adams questiona como seria possível derrubar o poder patriarcal se continuamos a consumir e explorar aquilo que simboliza essa opressão (Adams, 2018). Dessa forma, a atuação da doutora evidencia a complexidade de um sistema no qual tanto mulheres quanto animais são inferiorizados e, ao mesmo tempo, algumas mulheres se tornam as reprodutoras dessas violências.

Em sua dissertação de mestrado, a pesquisadora Daniela Rosendo cuja pesquisa se situa na interface entre o ecofeminismo e a ética animal discute essa relação e conclui que “privilégio e opressão coexistem em sistemas ligados à opressão. Mulheres, por exemplo, podem ser oprimidas pelo machismo e, ao mesmo tempo, beneficiarem-se da opressão de animais” (ROSENDO, 2015, p. 44). Ou seja, dentro da lógica patriarcal de opressão, mulheres e animais não humanos são submetidos a diversas formas de violência; contudo, enquanto são atingidas pelo machismo, as mulheres também se beneficiam da exploração animal e contribuem para sua manutenção. É o que ocorre com as personagens Marisa e doutora Valka, na narrativa de *Cadáver exquisito*.

Outra personagem feminina que merece destaque na obra é Spanel, proprietária de um açougue. A personagem já foi analisada no capítulo 3, quando tratamos da banalização do mal dentro da narrativa, isso porque Spanel atua diretamente com a “carne especial” como uma frieza e naturalidade assustadora.

Spanel destoa das outras personagens femininas apresentadas, e isso se evidencia tanto pela descrição do narrador onisciente, refletida na visão de Marcos Tejo sobre ela, quanto por suas falas. Para Marcos, “Él sabe que a Spanel el mundo le resulta indiferente. Solo sabe trozar carne y lo hace con la frialdad de un

cirujano¹⁰⁰ (Bazterrica, 2018, p. 47). Assim como um cirurgião precisa trabalhar com precisão e controle, sem se deixar afetar emocionalmente pelo que faz, mesmo diante de tarefas difíceis ou delicadas, Spanel demonstra a mesma frieza e destreza ao lidar com a “carne especial”.

Parece que a intenção é distanciar Spanel das características tradicionalmente associadas ao feminino. Em sua rotina, ela realiza atividades geralmente vinculadas ao universo masculino, como cortar, triturar e processar a carne, e faz isso com uma “pasi3n contenida, calculada¹⁰¹” (Bazterrica, 2018, p. 47). Ela fuma e toma vinho 3s dez da manh3, nunca sorri, est3 rodeada de morte diariamente em seu trabalho, e ainda assim est3 ali, n3o por necessidade financeira mas por uma escolha pessoal. Para Marcos, Spanel “tiene una belleza detenida. Lo inquieta porque hay algo femenino debajo de un aura bestial que se cuida muy bien de mostrar. Hay algo de admirable en ese desapego artificial¹⁰²” (Bazterrica, 2018, p. 53).

3 como se essas caracter3sticas, que lhe conferem contornos masculinizados, a distanciasse de sua posi33o inferiorizada naquela sociedade. Spanel, assim como Marisa e a doutora Valka, est3 sujeita 3s viol3ncias impostas pelo sistema, contudo, suas caracter3sticas tornam ainda mais evidente a tentativa de ocupar um lugar que n3o lhe 3 permitido em uma sociedade patriarcal: o lugar do homem. 3 primeira vista, sua posi33o pode parecer privilegiada em rela33o 3s demais mulheres, como se estivesse em um patamar superior ao das “f3meas” que chegam em peda3os ao seu a3ougue. No entanto, assim como as outras personagens mencionadas at3 aqui, ela 3 apenas mais uma v3tima do sistema que ajuda a perpetuar. Spanel vende peda3os de corpos de outras “f3meas” sem perceber que ela pr3pria, tamb3m uma f3mea, 3 produto da mesma viol3ncia, uma viol3ncia que, no seu caso, apenas se manifesta de forma diferente.

Por 3ltimo, a an3lise se concentra na personagem Cec3lia. Ao longo da obra, ela exerce um papel coadjuvante, aparecendo pouco na narrativa, mas sua presen3a 3 sentida por meio da perspectiva do protagonista, Marcos Tejo, que a evoca em lembran3as e pensamentos. 3 por meio dele que o leitor descobre que o

¹⁰⁰Tradu33o nossa: “Ele sabe que para Spanel o mundo 3 indiferente. Ela s3 sabe cortar carne, e o faz com a frieza de um cirurg3o”.

¹⁰¹Tradu33o nossa: “paix3o contida, calculada”.

¹⁰²Tradu33o nossa: “Ela tem uma beleza contida. Isso o inquieta porque h3 algo de feminino sob uma aura bestial que ela se esfor3a muito para esconder. H3 algo de admir3vel nesse desapego artificial”.

casal perdeu um filho ainda bebê, vítima de morte súbita, um acontecimento que mergulhou Cecília em um estado depressivo e a fez retornar à casa da mãe, deixando o marido sozinho. A perda do filho é um elemento central para compreender a atitude da personagem ao final da obra.

Nas descrições feitas por Marcos e nas poucas ligações telefônicas que Cecília realiza durante a narrativa, fica evidente que essa perda permanece como uma ferida aberta, afetando profundamente ambos os personagens. A criança havia sido muito desejada, e o processo da gravidez, descrito brevemente por Marcos, foi psicologicamente doloroso para o casal, como evidencia o seguinte excerto:

Después vinieron más inyecciones, pastillas, óvulos de mala calidad, baños y pantallas con mujeres desnudas y la presión de llenar el vaso de plástico, bautismos a los que no asistieron, la pregunta «¿y, para cuándo el primer hijo?» que se repetía hasta el cansancio, quirófanos donde no lo dejaron entrar para agarrarle la mano a ella y que no se sintiera tan sola, más deudas, los bebés de los otros, de los que sí podían, retención de líquidos, cambios de humor, discusiones sobre la posibilidad de adoptar, llamadas del banco, cumpleaños infantiles de los que querían escapar, más hormonas, el cansancio crónico y más óvulos que no se fertilizaban, llantos, palabras hirientes, días de la madre en silencio, la esperanza de un embrión, la lista de nombres posibles: Leonardo si era varón, Aria si era mujer, pruebas de embarazo tiradas al tacho con impotencia, peleas, la búsqueda de una donante de óvulos, las dudas sobre la identidad genética, cartas del banco, la espera, miedos, la aceptación de que la maternidad no tiene que ver con los cromosomas, la hipoteca, el embarazo, el nacimiento, la euforia, la felicidad, la muerte¹⁰³ (Bazterrica, 2018, p. 98).

Esse parágrafo, narrado em um ritmo frenético e quase sem pausas, tem a intenção de provocar no leitor a sensação angustiante do processo vivido, sobretudo por Cecília. O excerto em que se menciona uma doadora de óvulos e a dúvida sobre a identidade genética atinge um ponto muito sensível para ela: embora seja uma mulher com sistema reprodutor, não tem a capacidade de gerar filhos biologicamente. A maternidade natural não é uma opção para Cecília. Há também um processo de endividamento e a tentativa de utilizar todas as alternativas

¹⁰³Tradução nossa: “Depois vieram mais injeções, comprimidos, óvulos de má qualidade, banhos e telas com mulheres nuas, e a pressão de encher o copinho de plástico, batizados aos quais não compareceram, a pergunta “E aí, para quando o primeiro filho?” repetida até o cansaço, centros cirúrgicos onde não o deixaram entrar para segurar a mão dela e fazê-la sentir-se menos sozinha, mais dívidas, os bebês dos outros, daqueles que conseguiam, retenção de líquidos, mudanças de humor, discussões sobre a possibilidade de adoção, ligações do banco, festas infantis das quais queriam escapar, mais hormônios, o cansaço crônico e mais óvulos que não se fertilizavam, choros, palavras dolorosas, dias das mães em silêncio, a esperança de um embrião, a lista de possíveis nomes: Leonardo se fosse menino, Aria se fosse menina, testes de gravidez jogados no lixo com impotência, brigas, a busca por uma doadora de óvulos, as dúvidas sobre a identidade genética, cartas do banco, a espera, os medos, a aceitação de que a maternidade não tem a ver com os cromossomos, a hipoteca, a gravidez, o nascimento, a euforia, a felicidade, a morte”.

possíveis, pois, para ela, há uma necessidade de cumprir um papel social que recai sobre as mulheres. Comentários frequentemente desnecessários, como “E o primeiro filho, para quando?”, apenas intensificam essa ânsia pela maternidade.

A filósofa, historiadora, escritora e ativista francesa Elisabeth Badinter (1944-) é amplamente reconhecida por sua atuação na defesa dos direitos das mulheres, assim como por suas contribuições acadêmicas acerca da maternidade. Em seu livro *O Conflito: a mulher e a mãe*, publicado em 2011, Badinter questiona o mito de que toda mulher tem o desejo e o instinto natural de ser mãe. O desejo de Cecília em ser mãe pode ser compreendido à luz da reflexão de Elisabeth Badinter sobre o ideal de maternidade presente em todas as culturas. Como aponta a filósofa, esse ideal, mesmo que nem sempre plenamente consciente, está impregnado nas relações sociais e nas expectativas dirigidas às mulheres. No caso de Cecília, seu anseio pela maternidade ultrapassa o simples desejo pessoal e reflete a pressão social para cumprir esse papel tradicional. A angústia vivida por ela diante das dificuldades para engravidar e o sofrimento causado pela perda do filho mostram como o ideal materno atua como uma força poderosa que influencia suas decisões e emoções, evidenciando o conflito entre a busca por sua identidade individual e a expectativa social que a prende a um papel historicamente atribuído às mulheres.

Diante da consciência de que a mulher é frequentemente reduzida à sua capacidade de gerar filhos, como se esse fosse seu único papel social valorizado, e da realidade de que Cecília não consegue cumprir esse papel, a personagem se afasta e se isola. Ela só retorna efetivamente à narrativa nas últimas páginas do livro, quando Marcos precisa de seus conhecimentos de enfermeira para ajudar Jazmín no parto complicado. Ao chegar à casa de Marcos e entender que ele engravidou uma “fêmea”, sua primeira reação é: “—¿Vos estás loco? ¿Querés terminar en el Matadero Municipal? ¿Cómo pudiste estar con una hembra? Estás enfermo¹⁰⁴” (Bazterrica, 2018, p. 247). Ao se deparar com a “fêmea” grávida, sua reação não é protegê-la ou ao menos se indignar com o estupro cometido pelo marido, ela simplesmente adverte Marcos das implicações legais que ele poderia sofrer. Além disso, quando ela pergunta como o “marido pôde estar com uma fêmea” o uso do verbo estar denuncia que Cecília não reconhece que a gravidez foi resultado de uma violência sexual, ou seja, um estupro.

¹⁰⁴Tradução nossa: “—Você está louco? Quer terminar no Matadouro Municipal? Como pôde se deitar com uma fêmea? Você está doente.”

Mas a indignação de Cecília diante da gravidez da “fêmea” rapidamente se dissolve quando, após um parto complicado que durou horas, Cecília segura o recém-nascido nos braços e diz: “Qué bebé hermoso, qué chiquito más lindo. ¿Cómo te vamos a llamar?”¹⁰⁵ (Bazterrica, 2018, p. 249). Aqui, o uso do pronome no plural (nós vamos) revela que Cecília já se inclui nesse processo violento: o bebê em seus braços é resultado de uma gestação forçada da “fêmea” estuprada por Marcos. Essa inclusão indica que Cecília, mesmo em sua indignação, participa da reprodução social dessa violência e ignora que ali, deitada na cama, há uma outra “fêmea” que estica os braços, abre a boca e move as mãos desesperadamente para tentar alcançar o filho. Aqui, as opressões vividas por Cecília e Jazmín se entrelaçam. Cecília sofre pela perda de um filho e, ao mesmo tempo, impede que outra mãe tenha contato com o seu que acabou de nascer. Ela também é vítima do mesmo sistema que vitimiza Jazmín, embora não consiga enxergar essa realidade.

Por fim, quando Marcos atinge a cabeça de Jazmín para matá-la, a reação de Cecília é ainda mais passiva: “Cecília se sobresalta con el golpe y lo mira sin entender. Le grita: ¡¿Por qué?! Podría habernos dado más hijos?!¹⁰⁶” (Bazterrica, 2018, p. 249). Aqui não há apenas uma falta de empatia pela outra “fêmea”, mas também uma visão utilitarista que reduz Jazmín a um instrumento de reprodução. Mesmo diante da brutalidade, encara a “fêmea” como um recurso descartável. Sua reação final de revolta não é pela morte de Jazmín, mas pela perda de uma nova possibilidade de reprodução. Cecília é cúmplice de um sistema opressor, embora se considere vítima desse mesmo sistema. Como afirma Carol Adams (2018, p. 82),

pelo fato de a estrutura de referentes ausentes superpostos estar muito arraigada na cultura ocidental, ela inevitavelmente enreda os indivíduos. Nossa participação se desenvolve como parte da internalização dos padrões e pontos de vista culturais, e assim deixamos de ver algo de perturbador na violência e no domínio que são partes inextricáveis dessa estrutura.

Da mesma forma que as outras personagens femininas da obra, Cecília está enredada, envolvida e capturada em um sistema opressor. Ao internalizar os valores do sistema que a oprime, ela passa a agir como cúmplice dele. Assim, a narrativa de *Cadáver exquisito*, ao dialogar com a teoria de Carol Adams revela o quanto a

¹⁰⁵Tradução nossa: “Que bebê lindo, que criancinha mais bonita. Como vamos te chamar?”

¹⁰⁶Tradução nossa: “Cecília se assusta com o golpe e o olha sem entender. Grita para ele: ‘Por quê?! Ela poderia ter nos dado mais filhos!’”

opressão, quando normalizada e naturalizada, transforma vítimas em agentes da mesma violência que constantemente as destrói.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, teve como objetivo principal analisar a relação moral da nossa cultura com os animais não humanos, interpretando o romance distópico *Cadáver Exquisito*, de Agustina Bazterrica, como um espaço de experimentação estética e ética capaz de questionar profundamente as estruturas de dominação e exploração vigentes em nossa sociedade. As reflexões e análises desenvolvidas ao longo dos capítulos confirmaram a tese de que a obra de Bazterrica projeta, de forma crua e cortante, o especismo nos próprios seres humanos. Ao inverter os papéis e colocar o ser humano como o “animal não humano consumido”, a autora desnuda a estrutura especista que sustenta nossa sociedade, evidenciando como o consumo de vidas pode ser naturalizado quando o outro é reduzido à condição de objeto.

O Capítulo 1 estabeleceu um percurso histórico e filosófico fundamental para a compreensão das relações éticas entre animais humanos e não humanos, estruturado em torno da oposição entre a ética especista e as correntes abolicionistas. A análise da Ética Especista (Subcapítulo 1.1) evidenciou como a crença na superioridade humana foi consolidada a partir de bases históricas, religiosas e filosóficas. As tradições judaico-cristãs, apoiadas em textos como o *Gênesis*, legitimaram o uso e o abuso dos animais não humanos. Essa concepção foi reforçada pela filosofia ocidental, principalmente por Aristóteles, que justificou uma hierarquia entre os seres com base na racionalidade, e por René Descartes, que reduziu os animais à condição de máquinas desprovidas de alma e consciência. Atingimos o objetivo deste subcapítulo ao demonstrar que as teorias e correntes de pensamento, sejam elas filosóficas ou religiosas, contribuíram e ainda contribuem para a consolidação de uma ética que posiciona os animais não humanos em uma posição inferior, tratando-os como objetos, instrumentos ou alimento.

Em contrapartida, a Ética Abolicionista (Subcapítulo 1.2) mapeou as vozes que buscam romper com a lógica especista. Partindo de precursores como Pitágoras e críticos como Voltaire, mostramos como o debate ganhou força a partir dos anos setenta, quando conceitos fundamentais como o termo especismo, definido por Richard Ryder e aprofundado e disseminado por Peter Singer como um preconceito que favorece os interesses de uma espécie de em relação as demais foram e ainda são fundamentais para o campo da ética animal .

Além disso, conceitos como o de “dorentes” e o de “senciência”, isto é, o fato, comprovado cientificamente de que os animais são capazes de sentir dor e prazer, estabeleceram uma nova proposta ética, segundo a qual o único critério moralmente defensável para a consideração dos interesses deve ser justamente a capacidade de sentir dos animais não humanos. O capítulo também destacou as contribuições de Carol J. Adams, com o conceito de referente ausente, que relaciona a objetificação animal à violência contra as mulheres. Os animais não humanos são os “referentes ausentes” em nossa sociedade: são retalhados, suas partes são comercializadas e a linguagem mascara todo esse processo, ocultando o sujeito por trás do produto. Além disso, foram incorporadas as contribuições fundamentais de Sônia Felipe e Oscar Horta, que, no contexto latino-americano, defendem o abolicionismo total e a inclusão dos animais não humanos na esfera da moralidade. Esses autores são fundamentais não apenas por suas reflexões teóricas, mas também por produzirem estudos ainda pouco acessíveis em língua portuguesa, o que amplia o campo da ética animal e torna as pesquisas na área mais sólidas e potentes.

No Capítulo 2, investigamos de que forma *Cadáver Exquisito*, de Agustina Bazterrica, retrata a transformação do canibalismo em uma prática socialmente aceita, com foco nas estratégias de legitimação empregadas pelas autoridades na narrativa. O processo de aceitação da carne humana como alimento apresenta-se de maneira multifacetada. Primeiramente, o medo e a histeria social causados pelo vírus GGB levaram ao extermínio dos animais, eliminando a fonte tradicional de proteína. Em seguida, a insegurança alimentar fez com que a população acreditasse não ser possível viver sem a proteína animal, crença reforçada pelo discurso oficial e por artigos de universidades de prestígio, que legitimaram essa dúvida. Posteriormente, a poderosa indústria pecuária, ameaçada pela estagnação, pressionou o governo em busca de uma solução para a ausência de animais a serem assassinados, retalhados e comercializados nos criadouros e frigoríficos. Somaram-se a isso o desejo simbólico de consumir carne, o que resultou na legalização do consumo de carne humana. O início do canibalismo clandestino instaurou, assim, na mentalidade coletiva, a ideia de que “carne é carne, não importa de onde venha”.

No Subcapítulo 2.2 concluímos que a estratégia mais poderosa dentro da narrativa distópica foi a manipulação linguística. A legalização do canibalismo foi

nomeada como “Transição”, um termo que oculta a crueldade e a rapidez do processo em que corpos humanos substituíram os corpos de animais não humanos. Os seres humanos destinados ao consumo foram linguisticamente desumanizados, sendo chamados de "produtos" ou "cabeças". A própria carne foi rebatizada como "carne especial", para criar uma fachada higiênica e atrativa. Com isso, nosso estudo realizou um paralelo com a nossa sociedade, em que produtos de origem animal, como a carne de vitela, bacon, bisteca, linguiça, etc, camuflam a crueldade do sistema de produção.

Em última análise, o Capítulo 2 demonstrou que a moralidade do consumo de carne, seja ela humana, na ficção de *Cadáver Exquisito*, ou animal, na realidade, não se sustenta em princípios éticos sólidos, mas em estratégias de controle, manipulação e interesses econômicos. Comer carne não é uma necessidade essencial, mas uma prática culturalmente construída. O consumo e a exploração dos animais foram historicamente vendidos como algo natural, normal e aceitável. Esse mesmo processo de naturalização aparece na narrativa, quando a sociedade passa a aceitar e normalizar o consumo de carne humana, o que, por sua vez, reflete o comportamento cotidiano dos seres humanos ao aceitar a exploração e o sofrimento de milhões de animais não humanos.

No Capítulo 3, abordamos como a extrema violência e o horror se tornam naturais e aceitáveis na distopia de *Cadáver Exquisito*. No Subcapítulo 3.1, que se concentra na banalização do mal, analisamos como o romance funciona como um verdadeiro laboratório do conceito de *banalidade do mal*, proposto por Hannah Arendt. A crueldade sistemática contra os humanos transformados em “cabeças” não é praticada por sádicos, mas por burocratas eficientes, como a açougueira Spanel, a irmã do protagonista, Marisa, que consome a “carne especial”, ou até mesmo o próprio protagonista, Marcos Tejo. A naturalização do mal é resultado da ausência de reflexão crítica e da conformidade cega às normas. Mais uma vez, observa-se o papel da linguagem nesse processo: os termos técnicos, aliados à rotina e à repetição, transformam a violência em um ato automático, impensado. Mais uma vez, observa-se o papel da linguagem nesse processo: os termos técnicos, aliados à rotina e à repetição, transformam a violência em um ato automático, impensado.

Sem reflexão, sem pausa, sem questionamento, o inacreditável é incorporado ao cotidiano. Essa dinâmica reflete a lógica da *necropolítica*, de Achille Mbembe, em

que a morte do outro não apenas é institucionalizada, mas também gerida e explorada.

No Subcapítulo 3.2, relacionamos a teoria da recepção ao estranhamento do leitor diante do texto. Bazterrica deliberadamente combina a familiaridade do consumo de carne animal com o tabu do canibalismo, utilizando a distopia como espelho de nossos medos coletivos e como alerta. Ao transpor a exploração animal para o corpo humano, “enjaulados, isolados, usados, maltratados”, a narrativa força o leitor a desautomatizar sua percepção, confrontando a brutalidade que já está presente nas práticas de consumo da vida real. A linguagem crua e indiferente da narrativa reproduz a frieza do abate industrial. O leitor percebe isso, e esse reconhecimento o choca, o faz refletir, pois entende que o horror não reside apenas no ato em si, mas na sua organização legal, burocrática e silenciosa.

O Capítulo 4 concentrou-se nas intersecções entre as opressões de gênero e espécie, analisando como a lógica especista se funde ao patriarcado na exploração dos corpos femininos. Neste capítulo, exploramos a distinção presente na narrativa entre “mulheres” (livres, porém oprimidas pelo patriarcado) e “fêmeas” (mulheres em corpos humanos animalizados e confinados). A crueldade imposta às “fêmeas” nos criadouros e frigoríficos espelha a realidade da pecuária industrial: vacas são reduzidas a “leiteiras”, submetidas a ciclos incessantes de reprodução forçada, incluindo violência sexual e inseminação artificial, e têm suas crias separadas precocemente. As porcas enfrentam o mesmo ciclo contínuo e violento, pois, como afirmou Peter Singer (1975), para a indústria elas são tratadas como meras máquinas de produzir leitões. As galinhas, sobretudo as poedeiras, vivem em espaços minúsculos, têm seus bicos e asas cortados, tudo em nome da produção de ovos. Esses corpos femininos são explorados por leite, carne e ovos e, quando não mais servíveis, são simplesmente descartados. Processo semelhante ocorre na narrativa com a personagem Jazmín, que é estuprada por Marcos Tejo, resultando em uma gravidez. Quando o bebê nasceu e assim cumpriu o papel que ele lhe impôs, foi descartada. Jazmín representa, assim, todas as vacas, porcas e galinhas que são usadas e abusadas por sua condição feminina, em benefício do outro.

Além disso, ainda no Subcapítulo 4.3, analisamos como as mulheres também podem atuar como agentes dentro do sistema especista e opressor. Examinamos as principais personagens femininas da narrativa, Marisa, Spanel, Doutora Valka e Cecília, observamos que, de diferentes formas, todas acabam por reforçar o mesmo

sistema que as oprime. Marisa representa a mulher comum, mãe e dona de casa, responsável pela alimentação da família. Ela não questiona o sistema; apenas o reproduz. Inclusive, normaliza o fato de manter uma “fêmea” viva em uma despensa para ser servida aos poucos, pois a “carne especial” é símbolo de status, e servi-la fresca eleva seu prestígio social. Spanel, dona de um açougue, destoa de um ambiente predominantemente masculino: manejar a carne e cortar corpos com frieza calculada são atributos tradicionalmente associados aos homens, mas que, na obra, são desempenhados por ela, uma mulher. Já a Doutora Valka representa o peso das opressões patriarcais sobre a mulher moderna. Ela reclama das cobranças pela maternidade, da falta de credibilidade científica por ser mulher e do modo como sua aparência física é constantemente julgada, revelando as pautas feministas mais urgentes. No entanto, ironicamente, ela não rompe com a barreira da espécie, pois, em seu laboratório, continua a usar e violentar outros corpos femininos (fêmeas), transformando-os em objetos. Por fim, Cecília, que ganha destaque no desfecho da narrativa, representa a mulher movida pelo desejo de ser mãe. Após sofrer a perda de um filho, conhece profundamente a dor da separação, mas, ainda assim, repete o ciclo de opressão ao submeter outra “fêmea” à mesma experiência.

Diante de tudo o que foi apresentado, o romance *Cadáver Exquisito* (2018), de Agustina Bazterrica, funciona como um espelho moral sem filtros. Ao trocar os corpos animais por corpos humanos na cadeia de abate e consumo, Bazterrica não apenas cumpre o papel de alerta próprio do gênero distópico, mas também expõe a fragilidade de nossos limites éticos. A narrativa revela, da forma mais dolorosa possível, que a violência, quando naturalizada e institucionalizada, ultrapassa fronteiras de espécie, gênero e classe. Assim, a obra nos confronta com uma verdade incômoda: qual seria a reação da humanidade se, um dia, todos os animais não humanos que hoje são explorados, confinados, consumidos e usados desaparecessem? Nesse sentido, *Cadáver Exquisito* não é apenas uma distopia sobre o futuro, mas uma denúncia contundente do presente, em que o consumo da vida e a indiferença diante da dor alheia permanecem como marcas enraizadas em nossa cultura.

Ao fim desta leitura, o que resta é a consciência de que pensar a carne é pensar o outro, aquele que sente e sofre sob o peso da indiferença humana. A literatura, ao tornar visível o que se prefere não ver, afirma a potência do cuidado e

da compaixão. Falar da carne é também falar da palavra, pois toda linguagem é um modo de tocar o vivo. Que o pensamento sobre a vida e a morte dos animais siga em movimento, reafirmando o respeito devido a toda forma de existência.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne**. Tradução de Cristina Cupertino. 2. ed. São Paulo, Alaúde Editorial, 2018.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGÊNCIA BRASIL. **Brasil registra em 2024 aumento de 79% de áreas queimadas**. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente>. Acesso em: 19 abr. 2025.

AQUINO, São Tomás de. **Suma teológica**. Vol. 5. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ARENDT, HANNAH. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos Gomes. Edição Bilíngue. São Paulo: Vega, 1998.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Tradução de Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARTON, Riven. **Dystopia and the Promethean Nightmare**. In: DEMERJIAN, Louisa Mackay (Ed). *The age of dystopian: one genre, our fears and our future*. Cambridge: Newcastle upon Tyne, p. 5-18, 2016.

BAZTERRICA, Agustina. **Cadáver Exquisito**. 3. ed. Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2018.

BENTHAM, Jeremy. **An introduction to the principles of morals and legislation**. History of Economic Thought Books, 1789.

BÍBLIA. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Geográfica Editora, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs>. Acesso em 13 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.922**, de 04 de dezembro de 2019. Institui o Dia Nacional do Rodeio. Diário Oficial da União, 04 de dezembro de 2019, Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/. Acesso em: 28. jul. 2023.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2013.

CARUANA, Louis. Different religions, different animal ethics? **Animal Frontiers**, v. 10, n. 1, p. 8–14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/af/vfz047>. Acesso em: 15. set. 2025.

CELKA, Marianne. **Carne, consumo ou abolição**: incompatibilidades nas relações com a carne. vol. 5, pp. 183-195. In: PRADO, Shirley Donizete, *et al.* (orgs). Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/37nz2/>. Acesso em: 15. maio 2024.

CNN BRASIL. **Cachorro é morto por agentes sanitários anti-Covid na China e gera revolta.** 15 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional>. Acesso em: 12 jun. 2024.

CNN Brasil. **Trump diz que imigrantes ilegais estão comendo cães e gatos em cidades nos EUA.** 10 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/> Acesso em 02 out. 2025.

DECLARAÇÃO DE CAMBRIDGE. **Declaração de Cambridge sobre a Consciência Animal.** Proclamada em Cambridge, Reino Unido, 07 jul. 2012. Disponível em: <https://animaiscomdireitos.ufpr.br/wp-content/uploads>. Acesso em: 15 jan. 2025.

DESCARTES, René. **Discurso do método.** Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Leila Maria de. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. REMHU, **Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana**, 29(63), 193-210. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006312> Acesso em 15 set. 2025.

FELIPE, Sônia T. **Acertos abolicionistas**: a vez dos animais: crítica à moralidade especista. São José: Ecoânima, 2014.

FELIPE, Sônia T. **Animais na trama abolicionista**: nós supremacistas. São José, SC: Ecoânima, 2024.

FELIPE, Sônia T. Antropocentrismo, sencientismo e biocentrismo: Perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não humanos. **Revista Páginas de Filosofia**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-29, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php>. Acesso em: 7 jan. 2023.

FELIPE, Sônia T. **Carnelatria**: escolha *omnix* mortal: implicações éticas e animais e ambientais da produção, extração e do consumo de carnes. São José, SC: Ecoânima, 2024.

FELIPE, Sônia T. Da Igualdade. Peter Singer e a defesa dos animais contra o especismo. **Philosophica**, Lisboa, n. 17-18, p. 19-45, 2001. Disponível em:

https://www.pdcnet.org/philosophica/content/philosophica_2001. Acesso em: 8 jan. 2023.

FELIPE, Sônia T. Entrevista com a Dra. Sônia T. Felipe: ética animal, abolicionismo e veganismo no Brasil. **Revista Primordium**. Uberlândia, v. 6, n. 11, p. X-X, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/primordium/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

FELIPE, Sônia T. **Ética e experimentação animal**: fundamentos abolicionistas. Florianópolis: UFSC, 2019.

FELIPE, Sônia T. Fundamentação ética dos direitos animais. O legado de Humphry Primatt. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 207-229, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FELIPE, Sônia T. **Galactolatria**: mau leite: implicações éticas, ambientais e nutricionais do consumo de leite bovino. São José: Autora, 2012.

FELIPE, Sônia T. **Por uma questão de princípios**: alcance e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Pantanal teve 17% da área total queimada em 2024, apontam dados de satélite**. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambi>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade do saber. Tradução de Maria Thereza de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCIONE, Gary L. **Coma com Consciência**: uma análise sobre a moralidade do consumo de animais. Tradução de Vera Cristofani. São Paulo: Exempla Press, 2013.

FRANCIONE, Gary L. **Introdução aos direitos animais**: Seu filho ou o cachorro? Tradução de Regina Rheda. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

FREUD, Sigmund. **Civilization and its Discontents**. Transl. by Joan Riviere. London: L & Virginia Woolf at the Hogarth press, 1930, p. 81 (adaptação própria da versão em inglês).

GRADE, Maíra Soalheiro; BUENO, Kelly Luciana; GUIZZO, Antonio Rediver. Consumir e ser consumido: novos olhares sobre a relação entre homens e animais na literatura latino-americana contemporânea. **Raído**, v. 14, n. 35, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raído/article/view/11041> Acesso em 18 set. 2025.

GRANCHI, Giulia. Copa do Mundo 2022: 'carne de ouro' comida por jogadores do Brasil no Catar tem 'mais glamour do que sabor' e pode ser feita em casa. **BBC News**, São Paulo. 05 dez. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese>. Acesso em: 17. out. 2024.

HORTA, Oscar. **Más Allá de la especie.** Disponível em: <https://masalladelaespecie.wordpress>. Acesso em: 17 mar. 2023.

HORTA, Oscar. **Un paso adelante en defensa de los animales.** Madrid: Plaza y Valdés, 2017.

HORTA, Oscar. ¿Qué es el especismo? **Devenires**, n. 41, p. 163-198, 2020. Disponível em: <https://publicaciones.umich>. Acesso em jan. 2023.

IGREJA BETÂNIA. **Papa Francisco critica quem substitui filhos por animais.** Youtube, 3 min:46s, 6 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6j>. Acesso em: 8 mar. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **2024 registra recorde no abate de bovinos, frangos e suínos.** Agência de Notícias IBGE, 12 mar. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

LIBANORI, Evely. Literatura e ética animal no Brasil. *Rile – Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 116-135, nov./dez. 2018.

MARÇAL, et al. **O tráfico de animais silvestres no Brasil:** impactos socioambientais e desafios para o combate. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v. 10, n. 10, out. 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/16222/8873/37798>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MATTÉI, Jean-François. **Pitágoras e os pitagóricos.** Tradução de Constança Marcondes César. São Paulo: Paulus, 2000.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MELLO, Cristina Joanaz de. **Coutadas reais (1777-1824):** privilégio, poder, gestão e conflito. Lisboa: Montepio Geral, 2000.

MURRAY, Ryan (Direção). **Dahmer:** Um Canibal Americano. Netflix, 2022.

MUSCLE & FITNESS, Revista (capa). **Eat like a man.** Sydney, Edição Agosto de 2009. Disponível em: <https://darlingvelasquez.wordpress.com>. Acesso em: 09 set. 2024.

NETFLIX. **A sociedade da neve.** Direção: Gutierrez, J,A. GUTIERREZ, J. A. Espanha: Netflix, 2023. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 15 nov. 2023.

OUTDOOR LIFE, Revista. Denver, Colorado: 1898.

PAGOTTO, Érico Luciano; CARVALHO, Marcos Bernardino de. *Natureza à venda: da ecopornografia a um modelo compreensivo de indicadores de greenwashing.* **Scripta Nova:** Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v.

24, n. 631, p. 1-31, fev. 2020. Disponível em: <https://cloudfront.net/71579600/30941>. Acesso em: 03 out. 2025.

PAPA FRANCISCO. **Catequese sobre São José 6. São José, o pai putativo de Jesus.** Audiência Geral. 5 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PAPA JOÃO PAULO II. **Evangelium Vitae do Sumo Pontífice João Paulo II.** 25 de março de 1995. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/>. Acesso em 17 de março de 2023.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. **Discurso sobre a dignidade do homem.** Tradução de Antonio A. Minghetti. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

PORTUGAL. Constituição (1933). **Constituição de 11 de Abril de 1933.** Publicada no *Diário do Governo* de 22 de Fevereiro de 1933, nos termos do Decreto n.º 22.241. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/parlamento/documents/crp-1933.pdf> Acesso em: 15 out. 2025.

PRIMATT, Humphry. **A dissertation on the duty of mercy and sin of cruelty to brute animal.** T. Cadell, 1776.

REGAN, Tom. **Jaulas vazias:** encarando o desafio dos direitos animais. Lugano, 2006.

RYDER, Richard. **Especismo:** o Panfleto Original Traduzido (1970). Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v.3, n.1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ucsal.br/index.php/rladna/article/view/873/659>. Acesso em: 22 nov. 2022.

RYDER, Richard. Animals and Human Rights. **Revista Brasileira de Direito Animal.** Salvador, v.3, n.4, p. 63-66, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/>. Acesso em 23 nov. 2022.

RYDER, Richard. Os animais e os direitos humanos. **Revista Brasileira de Direito Animal.** Salvador, v.3, n.4, p. 67-70, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/>. Acesso em 23 nov. 2022.

RODRIGUEZ, Junius. **The Historical Encyclopedia of World Slavery.** London: Bloomsbury Academic, 1997. V. 1. Disponível em: <https://archive.org/details> Acesso em: 25 ago. 2025.

ROSENDO, Daniela. **Ética sensível ao cuidado:** alcance e limites da filosofia ecofeminista de Warren. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/> Acesso em: 15. jan. 2024.

SALT, Henry. Animals rights. **Nature**, v. 47, n. 1206, p. 127-127, 1892.

SILVA, Wellington Angelino da. A Bíblia e a crise ecológica: reinterpretando Gn1, 28 frente ao paradigma tecnocrático. **Revista Contemplação**. Marília, 2020. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/237>. Acesso em: 17 ago. 2024.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. Tradução de Marly Winckler e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA (SVB). **Pare de comer animais**. 2023. Disponível em: <https://veg.svb.org.br/paredecomeranimais>. Acesso em: 9 nov. 2023.

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico**. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para Ebook, 2013. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/>. Acesso em: 06 maio 2023.

VOLTAIRE. Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações. Tradução de J. Brito Broca. In: **Clássicos Jackson**. XXXII. Voltaire. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1958.

VOLTAIRE. **Tratado de metafísica**. São Paulo: Abril, 1978.